

COMPANHIA DE MARIA – MISSIONÁRIOS MONFORTINOS

**JUNTOS ... NAS PEGADAS DOS APÓSTOLOS
POBRES**

A Formação para a vida monfortina

Volume II: diretrizes e normas

Roma 2022



CONGREGATIO
PRO INSTITUTIS VITAE CONSECRATAE
ET SOCIETATIBUS VITAE APOSTOLICAE

Dal Vaticano, 29 luglio 2022

Prot. n. 58787/2022

Reverendo Padre,

lo scorso 27 luglio Ella aveva premura di sottoporre all'attenzione di questo Dicastero, per la debita approvazione, il testo della *Ratio Formationis Monfortana* dal titolo *Insieme ... sulle orme degli Apostoli poveri*. La formazione alla vita monfortana. Volume II - Orientamenti e Norme, Roma 2022.

Il testo, elaborato alla luce della *Ratio Fundamentalit Institutionis Sacerdotalis* (2016) e dei principi ispiratori della formazione monfortana contenuti nel Volume I - Lo spirito della formazione monfortana (2005), si presenta nel suo complesso ben organizzato e in grado di offrire direttive e contenuti unitari e gradualit per la formazione monfortana iniziale e permanente e per far s che sia i giovani candidati che i missionari monfortani possano crescere nell'adesione libera e sempre nuova alla chiamata di Dio e alla missione affidata, animati dallo spirito apostolico del Fondatore, San Luigi Maria di Montfort (cf. II, 2.1).

Pertanto, dopo attenta lettura del testo presentato, tenuto conto delle correzioni apportate a seguito dei suggerimenti indicati dalla Congregazione per il Clero con lettera prot. N. 2021-0848 del 10 maggio 2021, questo Dicastero esprime il suo beneplacito e, per quanto di sua competenza, approva il testo presentato in lingua italiana, ritenendo il contenuto conforme all'insegnamento del magistero ecclesiale e alle norme canoniche. Una volta stampato il testo, Le chiediamo, Rev. Padre, di inviarcene copia.

L'occasione mi è gradita per porgere a Lei e a tutti i religiosi della Compagnia di Maria - Missionari Monfortani, fraterni saluti che accompagno con l'augurio di pace e bene nel Signore.


P. Pierluigi Nava, S.M.M.
Sottosegretario


✠ José Rodríguez Carballo, O.F.M.
Arcivescovo Segretario

(Con allegato: *testo approvato*)

Rev.do Padre LUIZ AUGUSTO STEFANI
Superiore Generale
Compagnia di Maria - Missionari Monfortani
Via dei Monfortani, 65
00135 ROMA

PREFÁCIO

Em nossas mãos o volume II da Ratio Monfortina (Ratio II). Fruto de muitos anos de pesquisas, estudos e atualizações no campo da pedagogia para a formação religiosa nas diferentes etapas, a Ratio II chega para dar continuidade e especificar o itinerário, o caminho e os princípios inspiradores do volume I.

Cada capítulo nos apresenta passos concretos para o acompanhamento de candidatos e religiosos em cada uma das etapas da formação. Sem esquecer a necessidade da formação dos próprios formadores para que os candidatos tenham um acompanhamento sério e de qualidade. A Ratio II oferece-nos o passo a passo do longo processo de integração pessoal, comunitária e congregacional na Companhia de Maria.

Os jovens candidatos chegam até nós, geralmente movidos pela fé, desejosos de fazer uma profunda experiência de Deus. Eles desejam aprofundar esta experiência na Companhia de Maria. Em muitos casos, especialmente no campo da formação internacional, tiveram que superar resistências culturais, sociais e familiares. Por isso, a necessidade de uma proposta clara, diretrizes e normas que lhes permitam identificar o estágio em que se encontram e o que os espera no futuro imediato.

Certamente, ao longo do processo de formação, os jovens e os não tão jovens continuam a sentir a tensão entre o desejo real, as motivações para a vida religiosa e a fraqueza da própria resposta: *"Nós levamos este tesouro em vasos de barro"* (2 Coríntios 4,7). O processo de integração nas diversas etapas da formação, além

de todos os esforços dos formadores, deve ser um constante deixar-se surpreender pelo poder da graça de Deus.

Creemos que a Ratio II, como instrumento indispensável para orientar a pedagogia da formação na Companhia de Maria, é igualmente útil para compreender que a desejada integração é uma dinâmica complexa, ao mesmo tempo psicológica e teológica para completar, atrair, criar unidade, recolher e corrigir, mas também iluminar, aquecer os candidatos à vida religiosa e os religiosos monfortinos no caminho da formação permanente.

Que São Luís Maria de Montfort continue a inspirar-nos a ter bons missionários na Companhia de Maria a serviço da Igreja, a serviço do Evangelho.

Pe. Luiz Augusto STEFANI, SMM
Superior Geral

SIGLAS E ABREVIATURAS

DOCUMENTOS DOS PAPAS

- AL Francisco, *Amoris Laetitia*. Exortação apostólica, 2016.
- CV Francisco, *Christus vivit*. Exortação apostólica, 2019.
- EE João Paulo II, *Ecclesia de Eucharistia*. Carta encíclica sobre a Eucaristia na sua relação com a Igreja, 2003.
- EG Francisco, *Evangelii Gaudium*. Exortação apostólica, 2013.
- EN Paulo VI, *Evangelii Nuntiandi*. Exortação apostólica, 1975.
- FR João Paulo II, *Fides et Ratio*. Carta encíclica sobre as relações entre fé e razão, 1998.
- FT Francisco, *Fratelli Tutti*. Carta encíclica sobre a fraternidade e amizade social, 2020.
- GE Francisco, *Gaudete et Exultate*. Exortação apostólica, 2018.
- LS Francisco, *Laudato Si*. Carta encíclica sobre o cuidado da casa comum, 2015.
- LC Paulo VI, *Laudis Canticum*. Constituição apostólica pela qual se promulga o Ofício divino renovado, 1970.
- MV Francisco, *Misericordiae Vultus*. Bula de proclamação do Jubileu extraordinário da misericórdia, 2015.
- PDV João Paulo II, *Pastores Dabo Vobis*. Exortação apostólica pós-sinodal sobre a formação dos sacerdotes nas circunstâncias atuais, 1992.
- RVM João Paulo II, *Rosarium Virginis Mariae*. Carta apostólica sobre o Rosário, 2002.
- SCa Bento XVI, *Sacramentum Caritatis*. Exortação apostólica sobre a Eucaristia fonte e ápice da vida e da missão da Igreja, 2007.
- VC João Paulo II, *Vita Consecrata*. Exortação apostólica pós-sinodal sobre a vida consagrada e a sua missão na Igreja e no mundo, 1996.
- VDQ Francisco, *Vultum Dei Quaerere*. Constituição apostólica sobre a vida contemplativa feminina, 2016.
- VG Francisco, *Veritatis Gaudium*. Constituição apostólica sobre as Universidades e Faculdades eclesiais, 2017.

OUTROS DOCUMENTOS DA SANTA SÉ

- CIC Código de Direito Canónico, 1983.
- CSB Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, *Contemplai. Aos consagrados e às consagradas sobre os sinais da Beleza*, 2015.
- CTE Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, *Anunciai. Aos consagrados e às consagradas testemunhas do Evangelho entre os povos*. 2016.
- DH Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, *Diretório Homilético*, 2015.
- DSI Pontifício Conselho “Justiça e paz”, *Compêndio da doutrina social da Igreja*, 2004.
- EDS Congregação para a Educação Católica, *Orientações para o estudo e o ensino da doutrina social da Igreja na formação sacerdotal*, 1988.
- FLS Congregação para a Educação Católica, *Instrução sobre a formação litúrgica nos seminários*, 1979.
- FP Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, *O dom da fidelidade e a alegria da perseverança*, 2020.
- FTD Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, *Faciam Tuam, Domine, Requiram. O serviço da autoridade e a obediência. Instrução*, 2008.
- HP Congregação para a Doutrina da Fé, sobre o atendimento pastoral das pessoas homossexuais (*homosexualitatis problema*), 1986.
- IGMR *Institutio Generalis Missalis Romani, (editio typica tertia, 2000). Para a língua portuguesa* IGMR Instrução Geral do Missal Romano, 2018⁴.
- IMI Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, *Identidade e Missão do Religioso Irmão na Igreja*, 2015.
- MMD Congregação para o Clero, *O sacerdote ministro da misericórdia divina. Subsídio para confessores e diretores espirituais*, 2011.
- OEC Congregação para a Educação Católica, *Orientações educativas para a formação ao celibato sacerdotal*, 1974.
- OLM Congregação para o Culto divino e a Disciplina dos Sacramentos, *Ordenamento das Leituras da Missa*, 1981.

- PoI Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida apostólica, *Potissimum Institutioni*. Orientações sobre a formação nos Institutos Religiosos, 1990.
- PES Congregação para a Educação Católica, *Normas sobre a preparação dos educadores nos seminários*, 1993.
- PMF Congregação para a Educação Católica, *Normas sobre a formação dos seminaristas acerca dos problemas relativos ao matrimônio e à família*, 1995.
- PPL Congregação para o Culto divino e a Disciplina dos Sacramentos, *Diretório sobre a Piedade Popular e a Liturgia*. Princípios e orientações, 2002.
- PTH Congregação para a Educação Católica, *Instrução sobre os critérios de discernimento vocacional acerca das pessoas com tendências homossexuais e da sua admissão ao Seminário e às Ordens sacras*, 2005.
- PdC Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e sociedades de vida apostólica, *Partir de Cristo*. Um renovado compromisso da vida consagrada no terceiro milênio, 2002.
- RFIS Congregação para o Clero, *O Dom da Vocação Presbiteral*. Ratio Fundamentalibus Institutionis Sacerdotalis, 2016.
- RE *Ritual Romano*. Sagrada Comunhão e Culto do Mistério Eucarístico fora da Missa, 1979.
- RP *Ritual Romano*. Celebração da Penitência, 1973.
- SCS Congregação para a Educação Católica, *Orientações para a formação dos futuros sacerdotes no uso dos meios de comunicação social*, 1986.
- UCP Congregação para a Educação Católica, *Orientações para a utilização das competências psicológicas na admissão e na formação dos candidatos ao sacerdócio*, 2008.
- VFC Congregação para os Institutos de Vida consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, *A Vida Fraterna em Comunidade*, 1994.
- VMF Congregação para a Educação Católica, *A Virgem Maria na Formação Intelectual e Espiritual*, 1988.
- VN Congregação para os Institutos de Vida consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, *Vinho Novo em Odres novos*, A vida consagrada desde o Concílio Vaticano II e os desafios ainda em aberto. Orientações, 2017.

ESCRITOS DE S. LUÍS DE MONTFORT

ASE	O Amor da Sabedoria eterna
Ct	Cânticos
C	Cartas
AC	Carta aos amigos da cruz
AO	Oração abrasada
RM	Regra manuscrita
S	Livro dos sermões
SAR	Segredo Admirável do Santo Rosário
VD	Tratado da verdadeira devoção a Maria

BIOGRAFIAS DE S. LUÍS MARIA DE MONTFORT

BESNARD	Besnard, Ch., <i>Vie de Messire Louis-Marie Grignon de Montfort</i> , Centre international Montfortain, Roma 1981.
BLAIN	Blain, J.B., <i>Síntese da vida de Luis Maria Grignon de Montfort</i> , Centre International Montfortain, Roma 1973.

DOCUMENTOS DA COMPANHIA DE MARIA

Const.	Constituições
Crítérios de base	<i>Critères de base pour le traitement des cas d'abus de mineurs et mauvaise conduite sexuelle avec les adultes</i> , Rome 2015.
DA22	<i>Diretório Administrativo</i> , Roma 2022.
DE22	<i>Diretório Económico</i> , Roma 2022.
FMO	A Família Monfortina em oração, Roma 1998.
Ratio I	<i>Juntos...nas pegadas dos apóstolos pobres</i> . A formação para a vida monfortina – Volume I: princípios inspiradores, Roma 2005.
Ratio II	<i>Juntos...nas pegadas dos apóstolos pobres</i> . A Formação para a vida monfortina – Volume II: diretrizes e normas, Roma 2022.

- RPR Ritual da Profissão Religiosa, Roma 2022.
- Eg. Estatutos Gerais
- GL_1988 G. LEMIRE, *Oração e disponibilidade monfortinas ao serviço da Igreja*, Carta circular, 1988.
- GL_1989 G. LEMIRE, *As atuais exigências da formação*, Carta circular, 1989.
- GL_1990 G. LEMIRE, Carta circular, 1990.
- GL_1991 G. LEMIRE, *A missão monfortina*, Carta circular, 1991.
- GL_1992 G. LEMIRE, *A formação permanente*, Carta circular, 1992.
- LAS_2021 L. A. STEFANI, *A participação dos associados leigos na missão monfortina*, Carta circular, 2021.
- SB_2007 S. BREMBILLA, *A sabedoria, a profundidade e a vitalidade do deixar-se acompanhar*. Carta circular, 2007, em: *Écho Montfortain* 528.
- SB_2008 S. BREMBILLA, *Os nossos bens ao serviço da missão*. Carta circular, 2008, em: *Écho Montfortain* 532.
- SB_2009 S. BREMBILLA, *Comunidades fraternas internacionais ao serviço da missão*. Carta circular, 2009, em: *Écho Montfortain* 535.
- SB_2013 S. BREMBILLA, *Maria educadora em humanidade. Formar e crescer atrás de Jesus na escola de Maria*. Carta circular, 2013, em: *Écho Montfortain* 547.
- WJC_1996 W. J. CONSIDINE, *A comunidade monfortina apostólica*, Carta circular, 1996.
- WJC_1998 W. J. CONSIDINE, *Profissão temporária e perpétua. Do Noviciado aos votos definitivos*. Carta circular, 1998.
- WJC_2000 W. J. CONSIDINE, *A mensagem do Papa João Paulo II e os Missionários Monfortinos hoje*. Carta circular, 2000.

INTRODUÇÃO

1. Gênese da Formação da Ratio Formationis monfortina

Com a intenção de fundar uma Companhia de missionários, em 1713 o Padre de Montfort foi ao seminário de Saint-Esprit em Paris para pedir aos Superiores que se ocupassem da formação de jovens que tinham vocação para a missão da Companhia de Maria. O selo deste acordo é uma estátua de madeira da Virgem Maria que reúne sob o seu manto doze pequenas figuras de sacerdotes que "com as mãos unidas e o olhar fixo naquela boa mãe, parecem estar encantados por serem admitidos na sua Companhia" (BESNARD, pg. 128).

Montfort não transmitiu nada de específico sobre a formação dos seus missionários, apesar de estar preocupado com a sua boa preparação, tanto assim que deixou no seminário de Paris um regulamento para eles que provavelmente corresponde ao texto da *Regra Manuscripta* (cf. *ibidem*).

A formação começou a ter lugar na Companhia de Maria em 1872, na sequência de uma urgência "missionária", isto é, o pedido do Bispo de Haïti, D. Guilloux, aos Monfortinos para assumirem o seu próprio seminário em França, onde poderia formar jovens franceses para a missão do Haïti. O seminário construído em Pont-Château não pertencia à Companhia de Maria.

Contudo, alguns anos mais tarde, a Congregação perguntou-se se não seria o caso de ter o seu próprio seminário para a formação dos futuros Monfortinos e a partir daí, em pouco mais de meio século, nasceram as chamadas "escolas apostólicas". Foi uma preocupação dos Capítulos gerais uniformizar a formação de todos

os candidatos Monfortinos, mesmo que só possamos falar de uma verdadeira Ratio Formationis só a partir de 1987.

1.1. Panorâmica histórica da Ratio Formationis monfortina

A Companhia de Maria nem sempre teve uma Ratio Formationis no verdadeiro sentido do termo. No passado, como por exemplo nas Constituições de 1949, as duas partes do mesmo livro intitulado *Constituições e Costumes* continham elementos que serviam para a formação dos candidatos.

Como todas as outras Congregações, a Companhia de Maria utilizou a Constituição Apostólica *Sedes Sapientiae* de Pio XII (1956), com os respectivos *Estatutos gerais para a formação religiosa, clerical e apostólica de clérigos nos estados de perfeição*, como base para a elaboração de um Projeto de formação.

Em 1959, o Conselho Geral preparou um projeto em latim e consultou todas as Províncias sobre o conteúdo do texto. Após as alterações feitas, a primeira Ratio Formationis Monfortina foi aprovada pela Congregação dos Religiosos a 31 de julho de 1961 e foi oficialmente publicada, novamente em latim, em 1962 sob o título *Ratio Studiorum Presbyterorum Societatis Mariae Montfortanae*. Do título é claro que se tratava de um programa de estudos (*studiorum*) e apenas para sacerdotes (*presbyterorum*): um programa disciplinar para a formação ao sacerdócio, no qual as referências às características monfortinas eram reduzidas ao mínimo (cf. nn. 100 e 180). De facto, era o estudo das Constituições que oferecia o específico monfortino aos jovens candidatos.

No seguimento do Concílio Vaticano II, e especialmente do documento *Perfectae Caritatis*, a Companhia de Maria também renovou a sua Regra de Vida (*Monfortino Hoje*). Ao mesmo tempo, a Administração Geral empreendeu um estudo sério sobre a formação monfortina na Congregação, envolvendo os confrades diretamente empenhados neste campo.

Foi o geral ordinário com uma carta de dezembro de 1982, a convite do Capítulo geral de 1981 e do Conselho Geral Extraordinário (CGE) de 1982, que pediu a todas as Entidades que tinham jovens em formação que enviassem para Roma os seus planos de formação para o Noviciado e o período de votos temporários.

Após uma leitura atenta, o CGE de 1983 enviou um resumo do material a todos os formadores para que pudessem estudá-lo e comparar o seu trabalho educativo com o de outras Entidades. Um questionário dirigido a formadores recolheu mais dados sobre a formação e sobre os programas de pastoral vocacional. Um *Dossiê sobre a Formação* começou a tomar forma e foi apresentado no CGE 1984 sobre o Noviciado, o período de votos temporários, e a Formação permanente. A partir daí começou um trabalho que levou à redação do *Texto Provisório da Ratio Formationis Monfortina* (1986), enviado aos padres Capitulares em preparação para o Capítulo Geral de 1987. As motivações da *Ratio Formationis Monfortina*, apresentadas nos três primeiros números, são interessantes: 1) responder ao pedido da Igreja em matéria de formação; 2) destacar os acentos específicos da formação monfortina; 3) oferecer um guia a todos os atores envolvidos no processo de formação. A introdução é seguida de duas grandes partes: a primeira trata dos princípios gerais da formação monfortina e a segunda de cada etapa de formação.

Durante o Capítulo geral, a estrutura e divisão do documento permaneceram inalteradas e, após as alterações necessárias, a Ratio Formationis Monfortina foi aprovada a 17 de julho de 1987. Em rigor, é definida como um *diretório*, ou seja, um código anexo às Constituições, no qual são colocadas as normas que correspondem ao tempo presente, às condições físicas e psicológicas dos membros e às circunstâncias particulares.

1.2. A necessidade de uma nova Ratio Formationis monfortina

Embora o documento de 1987 seja um bom documento, percebe-se que desde então o mundo, a Igreja e a Congregação mudaram muito.

No discurso de abertura do Capítulo geral de 2005, o Padre William Considine, entre as mudanças, destacou sobretudo a internacionalidade e a forma de compreender e acolher as riquezas do carisma por parte dos missionários monfortinos.

Além disso, após 1987, surgiram duas Exortações Apostólicas que são muito importantes para a formação da vida sacerdotal e religiosa, nomeadamente, *Pastores Dabo Vobis* em 1992 e *Vita Consecrata* em 1996. Outros documentos relevantes para a formação monfortina foram as Cartas Circulares do então Superior Geral, Padre William Considine, como a de 1998 intitulada *Profissão temporária e perpétua*. Decisivo para uma nova abordagem à Ratio Formationis monfortina e a sua nova redação foi o convite de João Paulo II aos Institutos de Vida Consagrada para que "elaborassem, quanto antes, uma *Ratio Institutionis*, isto é, um projeto de formação inspirado no carisma institucional, no qual se apresente, de forma clara e dinâmica, o caminho a seguir para se assimilar plenamente a espiritualidade do próprio

Instituto". (VC 68). Estas premissas tornam clara a razão pela qual o Conselho Geral decidiu iniciar o processo de um novo projeto de formação para a Congregação. As fases seguintes conduziram à sua elaboração:

2001 Roma (4-25 de fevereiro): encontro internacional de formadores no Escolasticado. Posteriormente, o Conselho Geral constituiu uma comissão de redação composta pelo P. Ivo Libralato (responsável geral), pelo P. Donald La Salle, pelo P. Olivier Maire, pelo P. Jean-Louis Courchesne e pelo P. Marco Pasinato.

2001 Roma (10-15 de novembro): O Comité estudou o dossiê contendo o material da reunião dos formadores e decidiu que o documento sobre formação seria em dois volumes: o primeiro apresentaria os princípios inspiradores da formação monfortina, enquanto o segundo, com uma inclinação mais jurídica e normativa, conteria os aspectos específicos das diferentes etapas da formação.

Além disso, será feito um esforço para manter o espírito monfortino, para que o texto possa ser dirigido mais fácil e diretamente a todos os confrades, jovens e idosos, envolvidos nos vários campos do ministério. No centro deste Projeto de Formação está a ideia de "formação permanente": a formação como um caminho de crescimento e conversão que dura toda a vida.

O título escolhido foi: *Juntos ... nas pegadas dos Apóstolos pobres*. Um primeiro projeto foi enviado a toda a Congregação, intitulado: *Projeto para uma nova Ratio Institutionis Monfortina*, que reuniu o conteúdo do primeiro volume. É acompanhada por uma carta do Superior Geral, P. William Considine, datada de 11

de fevereiro de 2002, que explica as novidades do projeto formativo e o quadro de temas do segundo volume.

1.3. Primeiro volume (Ratio I - 2005)

O processo cronológico que conduziu à redação do primeiro volume é o seguinte:

2002 Roma (11-20 de novembro): o Comité recolhe as respostas ao questionário enviado às Entidades, integrando-as num projeto alterado para servir de base a uma primeira redação em francês.

2003 Montreal (janeiro-março): Primeiro esboço em francês pelo P. Jean-Louis Courchesne, depois apresentado para avaliação por um grupo de confrades.

2003 Roma (17-21 de novembro): o Comité reuniu as contribuições e observações dos confrades consultados. Após a revisão final, foi preparado um projeto definitivo em inglês pelo P. Donald La Salle.

2004 Roma (8 de dezembro): o Superior Geral, P. William Considine, promulga o primeiro volume do Projeto de Formação para a vida monfortina, intitulado "*Juntos ... nas pegadas dos Apóstolos pobres*". A formação para a vida monfortina - Volume I: Princípios Inspiradores, Roma 2005 (Ratio I).

2005 Roma (abril - maio): o primeiro volume foi traduzido e publicado em 4 línguas (francês, inglês, italiano e espanhol) e foi oficialmente apresentado aos Capitulares durante uma celebração no Capítulo geral de 2005. Nas Orientações do Documento Capitular recomenda-se à nova Administração Geral que aplique a nova Ratio. A partir deste momento, a Ratio I é enviada a todos os confrades da Congregação.

1.4. Segundo volume (Ratio II - 2022)

A cronologia seguinte resume o processo que levou à publicação do segundo volume:

2002 Roma (11-20 de novembro): os membros do Comité dividiram o tema e até junho de 2003 foi preparado e enviado um primeiro esboço a todos os formadores da Congregação para que pudessem examiná-lo e apresentar as suas observações.

2003 Roma (17-21 de novembro): depois de ter tomado em consideração as contribuições dos formadores, o Comité entregou o texto ao P. Josu Mirena Alday, um claretiano, perito no assunto, para uma contribuição em chave metodológica. Foi decidido aguardar a publicação e assimilação do primeiro volume da Ratio antes de proceder à elaboração do segundo.

2005 Roma, Capítulo Geral: nas Diretrizes das Atas do Capítulo, à nova Administração Geral foi recomendado escrever o segundo volume da Ratio Formationis Monfortina. A Administração Geral nomeia um Comité: P. Donald La Salle (responsável geral), P. Marco Pasinato, P. Alexandre Randriamiharisoa, P. Yoseph Putra Dwi Darma Watun.

2011 Roma, Capítulo geral: o segundo volume da Ratio Formationis monfortina é aprovado *ad experimentum* e entregue às Entidades e às casas de formação.

2012-2016 Roma: A Administração geral organiza várias conferências internacionais para formadores, introduzindo melhorias e atualizações no texto *ad experimentum*. A aplicação do documento tem lugar sob a supervisão da Comissão Geral de Formação composta pelo P. Jorge Enrique González Vásquez (responsável geral), P. Pierre Bonhommeau, P. Jos van den Bergh, P. Tom Poth, P. Luigi Gritti, P. Yoseph Putra Dwi Darma Watun.

2017 Roma, Capítulo geral (1-21 de maio): nas Atas do Capítulo recomenda-se à nova Administração Geral a publicação "o mais cedo possível" do segundo volume da *Ratio* (cf. CG 2017, Ata 9.4).

2017 Roma (27 de outubro): o Conselho Geral constitui uma Comissão de Formação, composta por confrades de todos os continentes, com a tarefa de implementar a recomendação do Capítulo geral: P. Marco Pasinato (responsável geral), P. Luís Salvador Ávila, P. Reni Joseph Punnappanal, P. Kristianus Jumi Ngampu e P. Jackson Fabius, mais tarde substituído pelo P. Louis John Nkukumila.

2018 Roma (5-13 de abril): a Comissão geral decidiu proceder à redação a partir do texto aprovado *ad experimentum* em 2011 e tendo em conta os seguintes objetivos: 1) continuidade com a inspiração monfortina e, portanto, com o primeiro volume; 2) atualização com base nos novos documentos do magistério da Igreja, em particular a *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis* publicada em 2016 e as cartas circulares dos Superiores gerais; 3) coerência com o género literário de uma *Ratio*; 4) manutenção do nível geral do documento em relação ao nível mais específico de uma *Ratio* local.

2019 Roma (11 de março): por sugestão da Comissão, o Conselho Geral nomeia um Comité de redação no P. Marco Pasinato e no P. Alfio Mandelli. A edição típica será em língua italiana.

2020 Roma (23-30 de outubro): o Conselho Geral examina o projeto preparado pelo Comité de redação. O texto é traduzido para francês e inglês para ser submetido a revisores peritos em várias disciplinas, em particular direito canónico, psicologia e proteção de menores e adultos vulneráveis.

2021 (janeiro): recebimento das emendas dos diversos revisores.

2021 (fevereiro-março): revisão do texto pelo Dicastério para o Clero (Prot n. 0840/2021) e recepção das observações feitas por Mons. Jorge Carlos Patrón Wong, Secretário para os Seminários junto do Dicastério do Clero.

2021 (março-abril): envio do texto aos Superiores para a leitura e observações nas Entidades

2021 (7 maio): foram recebidas as reações das Entidades no Conselho Geral Extraordinário.

2022 (29 julho): o texto é aprovado com o Decreto da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica (Prot. n. 58787/2022).

2022 Roma (15 agosto): o Superior Geral, P. Luiz Augusto Stefani, promulga o segundo volume do Projeto de Formação para a vida monfortina (Ratio II), intitulado: *Juntos ... nas pegadas dos Apóstolos pobres*. Formação para a vida monfortina - Volume II: diretrizes e normas gerais, Roma 2022 e ordena que seja publicado em seis línguas (francês, indonésio, inglês, italiano, português e espanhol).

2. Conteúdos e características fundamentais

2.1. Uma visão geral

Em continuidade com o primeiro volume (Ratio I), este volume (Ratio II) oferece diretrizes e conteúdos unificados e graduais para a formação monfortina inicial e permanente, para que o candidato e o missionário monfortino possam crescer numa adesão livre e sempre nova ao chamamento de Deus e na capacidade de servir o

Evangelho no mundo contemporâneo, animados pelo espírito apostólico de S. Luís Maria de Montfort.

O primeiro capítulo, intitulado *Continuidade com a inspiração monfortina*, apresenta de forma orgânica e sintética as notas específicas, as dimensões e os meios da formação monfortina, inspirando-se no que já está indicado na Ratio I.

O segundo capítulo, intitulado *As Etapas da formação ao longo da vida*, descreve as fases da formação inicial e permanente, delineando para cada uma delas a natureza, os objetivos, o conteúdo do caminho de crescimento nas diferentes dimensões da pessoa e os critérios de avaliação.

Segue-se o terceiro capítulo intitulado *Formação dos Superiores e Formadores*, com orientações para a formação específica de liderança ao serviço da missão e da formação. A Ratio II traça a fisionomia dos formadores de acordo com as diferentes etapas em que são chamados a realizar o seu serviço.

O capítulo quatro, intitulado *Questões particulares*, oferece critérios e normas para o discernimento e acompanhamento de algumas situações específicas.

O Capítulo cinco contém o *Ordenamento dos Estudos*. Não oferece uma lista de temas de estudo, mas indica áreas de aprofundamento para uma integração frutuosa com a espiritualidade e o carisma monfortino, tendo em conta a necessidade de se preparar adequadamente para a missão monfortina.

No sexto e último capítulo, intitulado *Procedimentos Administrativos*, a Ratio II recorda a prática administrativa que os

Superiores e formadores devem seguir para um serviço eficaz à formação na Companhia de Maria.

2.2. O sopro monfortino

A nota característica do presente documento é sem dúvida o seu respiro monfortino. A atenção contínua para colocar o processo de formação no horizonte do carisma e espiritualidade monfortina, impede que seja genérico e favorece a sua especificidade.

O espírito monfortino é alimentado pela constante referência à experiência e aos escritos do Fundador, em particular à *Oração Abrasada*. Nela S. Luís Maria de Montfort leva a vocação monfortina à sua fonte: o pensamento, as mãos, o coração da Trindade (cf. OA 1). Além disso, oferece o ponto de tensão de todo o processo de formação: deixar-se possuir, "seduzir" pelo Amor de Jesus Sabedoria e tornar-se "Liberos" para uma nova pertença, para um serviço, para uma doação na missão. Na mesma *Oração Abrasada*, o Fundador da Companhia de Maria dá as características do homem apostólico. Particularmente sugestiva e estimulante é a escolha de organizar as cinco dimensões que, em conjunto, descrevem e estruturam a identidade do missionário monfortino e distinguem uma vida apostólica, em torno do ícone da vista e do olhar (cf. OA 21-22). É o fio condutor para um equilíbrio sábio e uma visão integral da formação inicial e permanente que não é identificada apenas com um aspecto, em detrimento dos outros. É surpreendente, pela sua atualidade, que o primeiro olhar a ser formado para Luís Maria de Montfort seja o humano, tendo em vista uma maturidade no sinal de um amor desinteressado e de relações autênticas e gratuitas. Refere-se à urgência, hoje em dia, de tomar especial cuidado com a formação na dimensão humana, porque o grande desafio para o futuro da vida religiosa, incluindo

a monfortina, é ter consagrados e sacerdotes de profunda humanidade.

O respiro monfortino é também alimentado pela referência vital à Virgem Maria, nas várias fases da formação inicial e permanente. "Dá filhos à tua Mãe" (OA 6): a relação com Maria, Mãe e mestra espiritual, marca o caminho da conformação a Cristo Sabedoria que dura uma vida inteira, dentro de um processo generativo! O presente projeto de formação para a vida monfortina é alimentado pela consciência de que ninguém como Maria realiza a plena conformidade do candidato e do missionário monfortino a Cristo seu Filho que nela habita. Ao introduzir Maria no espaço da sua própria interioridade, recebem o mesmo pensamento e os mesmos sentimentos de Cristo (cf. 1 Cor 2,15-16; Fl 2,5ss), o seu coração, a fim de poderem viver e amar como Ele. Maria é assim, no processo de formação "a árvore perfeita" que produz o fruto Jesus Cristo (cf. SM 78); ela é o caminho perfeito para ir a Jesus Cristo (cf. VD 55.139); o modelo (cf. VD 46) e o molde perfeito para reproduzir fielmente os traços do seu Filho (cf. SM 16).

Finalmente, o Amor de Sabedoria eterna torna-se um guia em todo o processo de formação, especialmente no discernimento e avaliação de uma vocação monfortina (cf. WJC_1998 16).

2.3. O horizonte: o discípulo missionário

O presente texto, inspirando-se na riqueza dos documentos mais recentes dos Papas, da Santa Sé e da Companhia de Maria, incorpora as novas sensibilidades que surgiram nos últimos anos em relação à formação para a vida consagrada e para o sacerdócio. Em particular, assumindo o estatuto de "discipulado" do caminho formativo, esclarece que a formação inicial e permanente são um único e ininterrupto caminho discipular (cf. RFIS 54), que começa

com o batismo, é aperfeiçoada pelos outros sacramentos da iniciação cristã, é recebido como centro da própria vida no momento da entrada na Companhia de Maria e prossegue ao longo de toda a sua existência. Neste sentido, a formação é uma só. Uma vocação nasce sempre de um encontro amoroso com Jesus e com o Povo de Deus. Por conseguinte os religiosos e sacerdotes monfortinos estão sempre entre Jesus e o povo. A outra nota característica deste documento é, portanto, a perspectiva de uma formação a partir da missão e do Povo de Deus.

A fim de discernir, acolher e acompanhar os candidatos e religiosos que podem fazer parte de uma visão da Igreja missionária hoje e tornar-se parte integrante do seu "dinamismo em saída", o projeto de formação é inspirado pelo ícone do discípulo missionário (cf. EG 120). A Igreja, de facto, e com ela e nela também a Companhia de Maria (cf. BLAIN, n. 337, edição portuguesa) nasceu "em saída", ou seja, missionária. A Ratio II propõe-se como uma ajuda para a formação de discípulos missionários com um coração que arde pelo Mestre e pelo Povo de Deus, sempre em caminho, profetas que despertam no íntimo do homem o desejo de Sabedoria. Certamente não sacerdotes de salão e religiosos, tranquilos e instalados, acomodados ao seu próprio bem-estar, mornos que preferem uma vida tranquila.

2.4. Algumas atenções particulares

Formação dos Superiores e Formadores

O documento dedica um capítulo inteiro à formação da liderança, não se limitando a oferecer indicações àqueles que prestam diretamente um serviço na formação dos candidatos à vida religiosa e ao presbiterado, mas trata também do tema da formação dos Superiores.

Na sua base está a consciência de que a formação é um processo em que todos estão incluídos, cada um no seu próprio papel e a partir da própria condição e da missão que recebeu. Ninguém está isento do caminho de configuração a Cristo e isto é ainda mais válido para os Superiores e para os formadores.

A qualidade do serviço de autoridade e formação depende da preparação adequada de quem é chamado a exercê-lo. Os superiores e formadores devem ser os primeiros a ter a fisionomia de um discípulo do Senhor, acompanhada com as suas próprias características humanas e espirituais.

Na área específica dos formadores, Ratio II reconhece que Deus é o oleiro divino que molda os sentimentos do Filho Jesus nos candidatos, nos religiosos e nos sacerdotes Monfortinos, a quem se pede a *docibilitas* diante do seu trabalho. Ora, as mãos do Senhor estão a trabalhar através daqueles que, na Igreja, são chamados a ser os primeiros formadores da vida religiosa e sacerdotal e daqueles que são encarregados da formação permanente.

Formação e proteção de menores e adultos vulneráveis

A Igreja comprometeu-se agora firmemente a combater o triste fenómeno do abuso sexual, abuso de poder e abuso de consciência pelo qual muitos clérigos e pessoas consagradas têm sido responsáveis ao longo do tempo. Cada membro da Companhia de Maria é também chamado a fazer todos os possíveis para garantir que abusos deste tipo nunca mais voltem a acontecer.

O presente documento dá a sua própria contribuição, com uma série de indicações a serem integradas nas várias fases do processo de formação inicial e permanente.

Em particular, referem-se à seriedade do discernimento antes do ingresso no caminho de formação, a insistência na formação humana sobre os aspectos psicossociais e psicosexuais de uma vida sã, a formação na prevenção do abuso sexual que implica preparação, estudo e conhecimento das dinâmicas subjacentes, ao acompanhamento dos candidatos que tenham vivido experiências de abuso.

Muito valiosa é a contribuição da Ratio II relativa aos critérios de aceitação ou demissão do percurso de formação dos candidatos que incorreram em delitos ou situações problemáticas nas suas relações com menores e adultos vulneráveis.

Ordenamento dos estudos

O projeto de formação monfortina visa o crescimento de religiosos e sacerdotes que respondam às necessidades da Igreja do nosso tempo, capazes de zelo missionário e de impulso evangelizador, num contexto multicultural e multirreligioso.

Por esta razão, optou por privilegiar temas "ministeriais", ou seja, disciplinas cujo conhecimento está mais especificamente ligado às necessidades do ministério pastoral, à evangelização e à caridade pastoral.

3. Normas gerais

3.1. Autenticidade do documento

Na medida em que cada monfortino se apropria da inspiração do Fundador, poderá valorizar este segundo volume como um guia no processo de formação monfortina e acolherá como pertinentes as normas nele contidas. Neste documento, de facto, existem orientações de vários tipos - espirituais, pedagógicas, canónicas -

e normas no verdadeiro sentido da palavra, que não estão rigidamente separadas, embora o valor orientador ou preceptivo de cada passo seja tornado explícito.

3.2. Ratio geral e Ratio local

O presente documento refere-se ao nível geral de toda a Congregação. Com base neste documento, cada Entidade deverá preparar uma Ratio local para a formação inicial e permanente, que traga e atualize no seu contexto particular o que está previsto na Ratio geral. Para o efeito, conterà os seguintes elementos:

- a) Uma descrição sumária do contexto social, cultural e eclesial em que os monfortinos exercem o seu ministério;
- b) uma descrição e um desenvolvimento das estratégias e meios a adotar para o cuidar das dimensões formativas, contextualizadas na realidade do País;
- c) o ordenamento dos estudos;
- d) uma síntese de possíveis acordos de colaboração internacional para a formação inicial ou permanente.

3.3. Aplicação do documento

O presente documento aplica-se integralmente em todas as Entidades da Companhia de Maria, juntamente com a Ratio local elaborada pela Entidade e aprovada pelo Superior geral. Ulteriores revisões e as devidas aprovações terão de ser feitas periodicamente e solicitadas quando parecer necessário. As normas do documento geral e as suas aplicações particulares devem entrar na Ratio local e nos programas de formação das Entidades.

Capítulo I - CONTINUIDADE COM A INSPIRAÇÃO MONFORTINA

1. O primeiro volume da Ratio Formationis monfortina (Ratio I) apresentou os princípios e o espírito da formação monfortina, bem como as dimensões e os meios que ajudam a tornar-se cada vez mais um missionário da Companhia de Maria.

Conscientes de que a formação é tarefa de todos, a Ratio I também tratou do aspecto da organização e coordenação da ação formativa, nos seus agentes e níveis de responsabilidade (cf. Ratio I 180-221).

O primeiro capítulo deste segundo volume retoma o seu conteúdo de uma forma sintética e sistemática.

1. CRITÉRIOS ORIENTADORES DA FORMAÇÃO MONFORTINA

1.1 Formação do homem apostólico

2. "Montfort quis-nos "missionários"". (Const. 8). Sendo a missão o elemento vital da vocação monfortina, todo o processo de formação visa amadurecer as características do homem apostólico, em todas as dimensões da pessoa, e a adquirir um espírito apostólico (cf. Ratio I 64) segundo os quatro elementos constitutivos e não-dissociáveis da missão monfortina: "evangelização", "Maria", "desinstalação", "fazer juntos" (cf. Const. 63b). S. Luís Maria de Montfort na sua experiência e nos escritos fundacionais apresentou os traços característicos do homem apostólico. O caminho formativo inspira-se neles,

relendo-os à luz da Igreja de hoje e do mundo (cf. Ratio I 119-122).

1.2. A formação como resposta à atração da Graça

3. "O céu quer nos encantar", gostava de cantar S. Luís Maria de Montfort (cf. Ct 155,1). No início do caminho de formação há uma sedução de Graça, que se entrelaça com o desejo do coração humano e com o seu anseio pela plenitude da vida (cf. Ratio I 9). Todo o processo de formação, inicial e permanente, é uma resposta discipular ao movimento da Sabedoria que "vai em busca daqueles que são dignos dela" (ASE 4; cf. Ratio I p. 18). Promove um encontro pessoal com a Sabedoria eterna e encarnada, como centro vital em torno do qual se integram em unidade os tantos fragmentos da própria história e da própria pessoa e se encontra a própria identidade e verdade.

1.3. Formação "na escola de Maria".

4. São Luís Maria de Montfort, no seu caminho de conformação a Jesus Cristo, Sabedoria eterna e encarnada, encontrou e acolheu a pessoa e o papel materno da Virgem Maria (cf. Ratio I 146). Ele experimentou que "Avança-se mais, em pouco tempo de submissão e dependência de Maria, que durante anos inteiros de vontade própria apoiados em si mesmos" (VD 155). Como o discípulo amado, cada pessoa em formação leva Maria consigo, introdu-la no seu mundo espiritual e afetivo e lança-se nela, o grande molde de Deus (cf. SM 17), para ser transformada em Jesus Cristo. No seu caminho formativo deixa-se guiar por Maria (cf. Ratio I 13.154) e permanece constantemente sob o seu olhar materno (cf. Ratio I 166).

1.4. Formação no dinamismo pascal

5. Para alcançar a plena maturidade em Cristo Jesus, é necessário passar pela morte e renascer para uma nova vida (cf. WJC_2000

7). A cruz gloriosa é, portanto, o ponto fixo no processo de formação. No caminho da formação, como "alunos da Sabedoria", deve-se esperar ser podado, polido e cinzelado pelo martelo da cruz (cf. Ratio I 17; AC 28), para ter a forma de Jesus, que é a forma de vida dada, entregue e oferecida.

1.5. Formação específica monfortina

6. O caminho da formação, por muito original, único e irrepetível que seja, é sempre inspirado no exemplo e nas intuições de S. Luís Maria de Montfort (cf. Ratio I 5). Ao valorizar esta herança carismática em cada etapa da vida, a formação ajuda "a nos tornarmos semelhantes à imagem concebida por Montfort, ou seja, para que ele, finalmente, nos reconheça como aqueles discípulos que ele tão ardentemente desejou, que esperou e por quem tão fervorosamente rezou" (Ratio I 30).

1.6. Formação encarnada e "aberta"

7. "Montfort suspirou por uma Companhia, vinda de todas as nações, sob o estandarte de Maria, e pronta para edificar o Reino de Deus [...]. Ele sonhou em vir a ter uma companhia de sacerdotes, que desejassem viver juntos, para além das fronteiras nacionais e culturais" (Ratio I 222). A intuição do Fundador compromete-nos a salvaguardar uma abordagem da formação que se encarna nos diferentes ambientes de vida em que a Companhia de Maria está presente e nas várias culturas. A formação situa-se na perspetiva de um mundo aberto e de um coração aberto ao mundo, visa o cultivo consciente de uma fraternidade sem fronteiras que se traduz numa educação ao diálogo, na descoberta da reciprocidade e do enriquecimento mútuo (cf. FT 103).

1.7. Formação permanente

8. O caminho de transformação em Jesus Cristo é um processo de assimilação contínua dos sentimentos de Sabedoria eterna e

encarnada para com o Pai (cf. Ratio I 33). A formação, portanto, pela sua própria natureza, é um processo que dura toda a vida, uma vez que " a pessoa consagrada, pelas suas limitações humanas, não poderá mais pensar ter completado a gestação daquele homem novo que experimenta dentro de si" (VC 69). É-se sempre discípulo e a formação assume a forma de um único e ininterrupto caminho de discipulado (cf. RFIS 54), na qual ele se deixa moldar pelo Espírito Santo.

1.8. Formação para a *docibilitas*

9. É importante que a formação inicial assente na formação permanente, criando no sujeito a disponibilidade para se deixar formar pela vida quotidiana (cf. VC 69; Ratio I 146). Trata-se de formar uma consciência dócil, capaz de escuta obediente, um coração sábio e inteligente (cf. 1 Reis 3,9. 12b), que saiba agarrar todas as oportunidades de crescimento escondidas nas situações, mesmo nas negativas, e discernir a vontade de Deus nas palavras e nos acontecimentos, com o desejo de se conformar a Ele na liberdade (cf. Lc 2,19, 51b; Ratio I 147). A atitude de *docibilitas* pressupõe um sentir fundamentalmente positivo em relação à realidade, a si próprio e aos outros. No processo de formação expressa-se numa atitude humilde, flexível, recetiva e empreendedora.

1.9. Formação gradual

10. O Espírito Santo, presente nos corações, conhece o tempo necessário para que cada um amadureça. Montfort também precisou de tempo para se tornar no que se tornou (cf. Ratio I 28). O respeito pelos ritmos pessoais é uma condição indispensável para assegurar um crescimento gradual da pessoa nas suas diferentes dimensões, integrando progressivamente atitudes e comportamentos. Gradual é também a proposta dos conteúdos de

formação, que acentua os aspectos próprios de cada etapa, sem negligenciar os outros. Cada etapa da formação é uma continuação da anterior e uma preparação para a seguinte.

1.10. Formação personalizada

11. A pessoa na sua individualidade irrepitível, por um lado caracterizada por dons e riquezas e moldada pela graça, por outro lado marcada por limitações e fragilidade (cf. RFIS 28), está sempre no centro do processo de formação, na medida em que é a principal responsável pelo seu crescimento (cf. Ratio I 188). A formação personalizada começa com as potencialidades, riquezas e limitações de cada pessoa: com a pessoa e não apesar da pessoa.

1.11. Formação integral

12. Inteira e harmonia formam o homem apostólico, como uma pessoa equilibrada. A formação à sabedoria missionária exige a integração das diferentes dimensões da pessoa humana (cf. Ratio I 34), que constituem e estruturam a identidade dos religiosos monfortinos. A formação deve, portanto, envolver toda a pessoa, em todos os aspectos da sua individualidade, no seu comportamento como nas suas intenções (cf. VC 65).

1.12. Formação fundada na experiência

13. A formação autêntica assegura que cada pessoa "age de acordo com uma escolha consciente e livre, ou seja, movida e conduzida pessoalmente a partir de dentro" (AL 267). Por este motivo, não se trata simplesmente de comportamento, mas incentiva a maturação das convicções e decisões. Isto acontece graças à experiência que encarna os valores na vida quotidiana e nas situações. Para que a experiência dê frutos de transformação e liberdade interior, é importante que seja vivida através da reflexão, realizada em oração, seguindo o exemplo da Virgem Maria, que

"guardou todas estas coisas, meditando-as em seu coração" (Lc 2,19).

1.13. Formação na relação

14. A formação será eficaz na medida em que dá importância às relações que geram comunhão (cf. RFIS 50; FT 87). O primeiro volume da Ratio apresenta uma longa lista de atores envolvidos na formação com os quais a pessoa entra numa relação formativa: a Trindade, a Santíssima Virgem, Montfort, a comunidade eclesial, o Conselho Geral e o Superior da Entidade, a comunidade, os formadores, o diretor espiritual, os leigos e os pobres (cf. Ratio I 184-202). Uma formação em relação é oposta a uma visão individualista que, centrando todo o interesse no progresso da própria pessoa, pode cair na autorreferencialidade. Cada relação autêntica, vivida a partir da própria identidade mais profunda, é uma ocasião para se formar a si próprio e para se permitir a si próprio ser formado. Pelo contrário, qualquer ação formativa que não seja realizada no âmbito de relações vitais corre o risco de se tornar desencarnada e egocêntrica, e por esta razão também estéril.

2. DIMENSÕES DA FORMAÇÃO MONFORTINA

15. No processo de formação inicial e permanente, cinco dimensões interagem simultaneamente e cada uma delas "visa a transformação ou assimilação do coração na imagem de Cristo" (RFIS 89). Os números 18-22 da *Oração Abrasada* de S. Luís Maria de Montfort iluminam cada uma destas dimensões.

2.1. Dimensão humana. "Terão um olhar humano" (OA 21)

16. O nosso Fundador pede o dom de pessoas livres da liberdade dos filhos de Deus, que tenham um olhar humano para si e para o

seu próximo (cf. OA 21; Ratio I 49). O fator decisivo no caminho de configuração a Jesus Cristo, a Sabedoria Encarnada, é uma profunda humanidade. Por esta razão, " desde o início e durante o decorrer de toda a sua vida, deverá o religioso adquirir e alimentar uma maturidade autêntica que fará dele um ser profundamente humano" (cf. Ratio I 49). Os cuidados para o crescimento humano assumirão necessariamente características diferentes nas várias estações da vida (cf. Ratio I 51).

2.2. Dimensão espiritual. "Terão um olho de águia para vós" (OA 21)

17. O homem apostólico terá um olhar de águia (cf. OA 21), ou seja, não será decadente no horizonte das coisas terrenas, mas poderá penetrar no céu e manter o seu olhar fixo em Deus, sem temer a vertigem das grandes alturas. Por esta razão, os apóstolos dos últimos tempos estarão "muito unidos a Deus", escreve o nosso Fundador no VD 56. Todo o processo de formação, tanto inicial como permanente, visa promover um encontro pessoal com Jesus Cristo, cultivando a dimensão contemplativa da vida e uma relação amorosa com Deus Pai. Isto implica cuidar da própria vida interior, deixar-se atrair ao nível do coração, onde Jesus nos convida a entrar pela primeira vez (cf. Mt 6,6). A formação na dimensão espiritual consolida a experiência de comunhão com Deus e o seguimento de Cristo, Sabedoria Encarnada, conhecido, procurado e amado (cf. Ratio I 55).

2.3. Dimensão intelectual. "a esses dareis a vossa sabedoria" (OA 22)

18. A formação na dimensão intelectual não se reduz simplesmente à obtenção de graus académicos e competências profissionais, mas é uma experiência saborosa e de bom gosto, de Deus e da verdade (cf. OA 22; ASE 13). Propõe-se integrar os

estudos na viagem espiritual a fim de se chegar a um conhecimento que vem do coração (cf. Ratio I 60). A formação intelectual e cultural desenvolve a capacidade de pensar clara e criticamente a fim de saber distinguir a sabedoria verdadeira da falsa (cf. Ratio I 59). Ela responde à urgência de encarnar o anúncio na complexidade da história; prepara-nos para enfrentar os desafios que questionam a Igreja e a Companhia de Maria, chamada a dar conta da esperança que a anima. A formação intelectual visa o desenvolvimento contínuo das atitudes e talentos exigidos pela missão de evangelização (cf. Ratio I 60).

2.4. Dimensão apostólica. "Terão um olhar de leão para com os vossos inimigos e um olhar de boi para si próprio" (AO 21)

19. O homem apostólico terá o olhar e o semblante do leão para os seus inimigos, ou seja, um zelo ardente e a valentia para afirmar a verdade e denunciar o mal (cf. OA 21). Terá também um olhar de boi para si próprios, ou seja, a força para carregar o peso do trabalho apostólico com paciência e constância, renunciando ao conforto e às riquezas, aceitando as dificuldades de uma vida apostólica que não é sedentária nem amante do sossego (cf. OA 21; RM 2).

A formação na dimensão apostólica não se reduz "a uma simples aprendizagem de algumas técnicas pastorais. Favorecendo o crescimento em conformidade com os sentimentos de Cristo, o Enviado do Pai, a formação terá sempre em vista estimular a comunhão, cada vez em maior profundidade, com a solicitude pastoral de Cristo" (Ratio I 67). Além disso, nutre e alimenta o amor e a paixão apostólica pelo Evangelho, pela Igreja e pela missão evangelizadora da Companhia de Maria. Em particular, educa para a sabedoria do missionário monfortino que consiste na

capacidade de empreender sempre algo de novo pelo Evangelho, na coragem de arriscar por Deus, na escolha de deixar a segurança do Cenáculo para sair de Jerusalém (cf. WJC_1996 5).

2.5. Dimensão da vida religiosa: "Eles serão uma assembleia de eleitos que deveis reunir no mundo e do mundo" (OA 18).

20. Do encontro com o amor único e totalizante de Deus nasce a resposta da vida de consagração monfortina. Desejando imitar Jesus Sabedoria, pobre, casto e obediente (cf. Ratio I, 56), no caminho da formação torna-se cada vez mais "*Liberos*": pessoas afastadas das riquezas que passam, a fim de abraçar Aquele que permanece, com um coração desprendido de todos os bens para amar plenamente a Deus e aos outros, pessoas que escolhem para si mesmas a obediência humilde como liberdade maior (cf. OA 7-10). Ao consagrarem-se a Deus só, o homem apostólico aceita receber d'Ele irmãos e irmãs, para serem amados com amor autêntico e pessoal (cf. Const. 80). Pelo contrário, reconhecem-se como parte de uma congregação, uma assembleia, uma companhia (cf. OA 18), dentro da qual partilha raízes, valores e missão.

O carisma monfortino alimenta a formação inicial e permanente, promovendo em cada pessoa uma consciência do dom recebido e da sua encarnação num estilo de vida "à apostólica", "a exemplo dos Apóstolos pobres" (cf. RM 60, 2).

A formação inicial e permanente, através de uma assimilação contínua da espiritualidade monfortina (cf. Ratio I 36), oferece a possibilidade de crescer na identidade de missionário da Companhia de Maria. Ao mesmo tempo amadurece o sentido de pertença à nossa família religiosa, oferecendo essencialmente o mesmo conteúdo a todos, sacerdotes e irmãos (cf. Ratio I 44).

3. MEIOS DE FORMAÇÃO

21. Para crescer na conformação a Jesus Cristo e para alcançar os objetivos formativos nas diferentes dimensões do religioso monfortino, utilizamos os meios que a tradição cristã, a vida consagrada e a nossa família religiosa consideram particularmente eficazes.

3.1. Meios gerais para alimentar a relação com Jesus Cristo

22. Leitura orante da Palavra de Deus (*Lectio divina*). São Luís Maria de Montfort sempre alimentou a sua vida espiritual com a leitura e meditação assídua da Sagrada Escritura (cf. Ratio I 38). As Escrituras, que são "como que uma carta duma namorada ao seu namorado para conquistar a sua afeição", (ASE 65), moldam o coração do discípulo do Senhor no caminho de formação. Lidas e meditadas diariamente, pessoalmente e em comunidade, num clima de oração, revelam em Deus o desejo da nossa amizade e das suas promessas que se cumprem em Cristo, conduzem a um maior conhecimento de Jesus (cf. Ratio I 83), traçam o caminho da conversão (cf. Ratio I 84), conduzem a uma autêntica espiritualidade de comunhão (cf. Ratio I 86).

23. Celebração eucarística. São Luís Maria de Montfort contempla na Eucaristia o outro grande sinal que testemunha o desejo que a Sabedoria tem de nós. É o seu "segredo admirável de morrer, mas continuando a viver, e permanecendo com os mesmos homens até ao fim dos tempos" (ASE 71). A Eucaristia é uma fonte de formação permanente que nos introduz no Mistério Pascal, associa a nossa própria oferta à de Cristo (cf. Ratio I 91.92), conforma-nos à sua oblação total (cf. VC 65) e une todos num laço de comunhão e fraternidade. Por esta razão, na escola de Maria, mulher "eucarística", e do Fundador, é necessário despertar sempre o "enlevo" diante da Eucaristia (cf.

EE 6.53-58), um mistério a ser celebrado, vivido, proclamado e oferecido ao mundo (cf. SCa; CIC, 1322-1419).

24. Adoração Eucarística. São Luís Maria de Montfort nunca se cansa de propor o Santíssimo Sacramento como "Oh! Como o Santíssimo Sacramento é uma boa escola / Para aprender, em pouco tempo, / sem arte e sem palavra, / a ciência das virtudes, / a divina sabedoria! (C 130,1). Para que a Eucaristia liberte todo o seu poder, precisa de um coração capaz de adoração: "Somente através desse tempo passado diante de Deus Pai, em Cristo Jesus, e por meio do Espírito Santo, é que esta transformação poderá dar frutos em nós". (Ratio I 173). A adoração da Eucaristia fora da Missa também aumenta o desejo de estar com o Senhor, abre-nos à oração de intercessão, de ação de graças e também de reparação, e alimenta em nós a capacidade de oblação (cf. RE 87-89).

25. Sacramento da Reconciliação. A celebração regular e frequente do sacramento da Penitência, individualmente e em comunidade, juntamente com a prática diária do exame de consciência (cf. GE 169), dá eficácia e continuidade ao processo de crescimento na autenticidade da vida. O sacramento da Reconciliação forma a atitude constante para a conversão do coração (cf. RP 7). É através da graça do perdão que a passagem da lógica do homem velho para a da nova criatura, da falsa para a verdadeira Sabedoria, tem lugar.

26. Ano litúrgico. O ano litúrgico é um itinerário precioso para a inserção progressiva em Cristo e a conformação gradual a Ele. Celebrando com a Igreja, na sucessão dos tempos litúrgicos, os diferentes mistérios da pessoa e da obra do Redentor, aprofundamos e penetramos sempre mais na sua riqueza insondável (cf. Ef 3,8). No decurso do Ano litúrgico, as devoções e formas de piedade popular ligadas a ele podem fortalecer o

crescimento espiritual e a vida fraterna (cf. PPL 1) e oferecer um modo concreto de viver centrados em Cristo, o único tudo que nos deve bastar (cf. VD 61).

27. Liturgia das Horas. "Deus está no centro da nossa peregrinação quotidiana e a oração da Liturgia das Horas dá sentido e ritmo ao nosso acolhimento da sua presença". (Ratio I 15). Vivida "em comunhão com a oração da Igreja, exprime a vocação ao louvor e à intercessão, que é própria das pessoas consagradas." (VC 95). Harmonizada com os outros exercícios de piedade, alimenta a oração pessoal e a contemplação (cf. FLS, 29). A experiência progressiva da Liturgia das Horas ajudará cada vez mais a saborear, compreender e a amar as riquezas do Ofício (cf. LC).

28. Oração pessoal. A vocação apostólica de São Luís Maria de Montfort "nasceu da contemplação e foi aí que, sem cessar, se regenerou, em momentos prolongados de amizade intensa, de relacionamento íntimo e de comunhão com Cristo." (cf. Ratio I 87). A vocação de cada monfortino também amadurece em constante intimidade com Cristo. Oração - nota o Fundador - "é para a alma o que a água é para os peixes, a alma para o corpo, o sopro para a vida!" (cf. S 494). A assimilação dos métodos de oração pessoal recomendados pela Igreja, tais como a oração contemplativa ("*oraison*"), a meditação, o exame de consciência, e a apreciação de outros modelos de oração são uma ajuda para crescer na intimidade com Cristo (cf. Ratio I 16).

29. Oração comunitária. Como Companhia, como grupo escolhido, como assembleia (cf. OA 18), a oração tem uma dimensão comunitária. Vivendo juntos, faz um só coração e uma só alma, expressa de forma significativa a identidade dos

monfortinos e "ajuda-nos a permanecer fiéis ao nosso relacionamento com Deus no decorrer dos anos". (Ratio I 89).

30. Devoção mariana. A Virgem Maria "é a montanha divina onde habitamos. É aí, com ela, que aprendemos a rezar, a escutar Cristo e a penetrar no mistério da sua morte e ressurreição (cf. OA 25)" (Ratio I 13). A devoção a Maria, que não se reduz a práticas exteriores, mas torna-se uma relação pessoal, estabelecida no coração (cf. VD 107.108), abre-nos a uma consciência mais profunda do amor de Deus e à transformação de nós mesmos em Jesus Cristo.

31. Oração do Rosário. A oração do Rosário, "É uma oração ancorada na tradição e, ao mesmo tempo, aberta à criatividade" (Ratio I 15), é um meio de grande valor no processo de conformação a Jesus Cristo. Através desta oração contemplativa, a Virgem Maria entra naturalmente na vida de Cristo e faz "respirar" os seus sentimentos (cf. RVM 15).

3.2. Meios gerais para cultivar a interioridade e o discernimento

32. Leitura espiritual. São Luís Maria de Montfort canta: " Eu leio, além da Escritura, / livros de piedade / cuja doutrina seja pura / e cheia de caridade" (Ct 139, 56). A leitura espiritual alimenta a alma, permite-lhe compreender melhor a riqueza da fé, mostra-lhe como encarná-la concretamente na sua própria vida, ajuda a superar a rotina, cria uma atmosfera interior nobre e pura, mergulha o coração em grandes ideais de santidade e apostolado, alarga horizontes e multiplica a alegria de seguir Cristo.

33. Exercícios espirituais e retiros. São um eco do "vinde para um lugar deserto e afastado" dirigido por Jesus aos seus discípulos. São um espaço precioso para o crescimento e verificação espiritual

e vocacional (cf. RFIS 88c). A sua eficácia reside em propiciar um encontro com o Senhor e a sua vontade, graças à atmosfera de silêncio e reflexão. O fruto dos exercícios espirituais é um propósito que dirige e renova o nosso programa de vida. A chama acesa durante os exercícios anuais é mantida viva graças aos tempos de retiro espiritual durante o ano.

34. Direção espiritual. "Os nossos desejos devem ser purificados: é que nós temos milhares de desejos, ou melhor dizendo, milhares de fantasias do bem" [ASE 182], que poderão parecer autênticos sem o ser de verdade. (...) Montfort nos convida a escolher a verdadeira Sabedoria [cf. ASE 74-83]. (Ratio I 131). O encontro com o diretor espiritual, não ocasional, mas sistemático e regular (cf. RFIS 107), fomenta a objetividade e a verdade do próprio desejo de fidelidade amorosa a Cristo e à própria vocação. Ajuda a evitar ilusões na vida espiritual e apostólica. Como se trata de colocar-se à escuta do Espírito, na direção espiritual é necessário abrir não só o coração, mas também a consciência (cf. CIC, cân. 246 § 4), com simplicidade e confiança sobrenatural.

35. Estudos e cursos. O estudo é um requisito intrínseco da vocação e da missão, e como tal absorve uma parte significativa das energias de cada monfortino. Indispensável para uma compreensão adequada e profunda de Deus, dos outros e de si próprio, permite ter um coração sábio e inteligente (cf. 1 Reis 3,12). Não tende para a simples aprendizagem de noções, mas quer encorajar a aquisição de ferramentas cada vez mais eficazes para "anunciar, de forma credível e compreensível aos homens de hoje, a mensagem evangélica" (RFIS 116).

3.3. Meios gerais para crescer na fraternidade

36. Vida fraterna em comunidade. "Ninguém amadurece nem alcança a sua plenitude, isolando-se" (FT 95). Por esta razão, a

comunidade é uma escola privilegiada e laboratório de humanização, liberdade, obediência e humildade (cf. Ratio I 194), na medida em que a forma de se relacionarem uns com os outros é no sinal de "uma fraternidade mística e contemplativa" (cf. EG 92). A comunidade acompanha o amadurecimento pessoal quando não é apenas um lugar para viver juntos, mas um espaço de relações profundas e envolventes, "onde se experimenta a ajuda recíproca, a correção fraterna, a partilha dos talentos dados a cada um, a ajuda nos momentos de dificuldades, o colocar em comum os bens materiais, o sopro poderoso da vida vindo da presença do Senhor que une os corações" (SB 2007, p. 9).

37. Diálogo pessoal com os responsáveis da comunidade. Tanto na formação inicial como na permanente, este é um meio valioso que facilita ao religioso viver mais cordialmente a sua consagração a Cristo em obediência; favorece uma melhor integração na vida fraterna em comunidade; apoia o empenho na formação permanente. A pessoa responsável pela comunidade, por seu lado, promove o crescimento da vida fraterna através do serviço de escuta, consciente de ser um dos seus principais ministérios (cf. FTD 20). A abertura mútua permite-lhe tomar decisões mais prudentes e adequadas ao seu papel de mediador da vontade de Deus.

38. Conversas fraternas e partilha de vida. A comunicação é um dos fatores relevantes para crescer na vida fraterna. Particularmente importante é a partilha dos bens espirituais, o que melhora as diferentes formas de comunicação numa atitude de escuta e abertura (cf. VFC 32; Ratio I 71). Além disso, cada ocasião formal e informal é preciosa para a partilha de ideias, experiências, desejos e conhecimentos, enquanto o intercâmbio

entre pessoas de diferentes gerações acrescenta riqueza e profundidade à vida e à missão.

39. Reuniões comunitárias. São um meio de desenvolver a capacidade de partilhar os problemas, aspirações e projetos da comunidade, da Congregação e da Igreja. "São momentos úteis ainda para escutar os outros, partilhar os próprios pensamentos, rever e avaliar o percurso realizado, pensar e programar juntos" (VFC 31)

40. Correção e promoção fraterna. A correção e promoção fraterna - onde o adjetivo é mais importante que o substantivo - no processo rumo à maturidade é, antes de mais, uma forma de ser e crescer em conjunto que implica inteligência e sentido do valor da pessoa. A correção-promoção fraterna, a revisão da vida e outras formas típicas da tradição irradiam na comunidade os dons que o Espírito abundantemente concede para a sua edificação e missão no mundo (cf. VFC 32).

41. Mesa comum. Tomar refeições em conjunto ajuda-nos a redescobrir, preservar e aumentar a nossa atitude de gratidão para com o Senhor, o doador de todo o bem, e para com a comunidade. É uma oportunidade para aprender a conhecer-se, a escutar-se, valorizar-se e superar o distanciamento através de uma partilha amigável (cf. RFIS 88d). O exercício do autodomínio à mesa abre às necessidades do outro, alerta-nos contra o desperdício, como expressão e sinal de verdadeira pobreza.

42. Trabalho e tempo de lazer. O trabalho, bem feito e responsável, partilhado com os confrades, molda o carácter, desenvolve competências, contraria a ociosidade, ajuda a viver com autenticidade a pobreza evangélica e a preocupação concreta com os pobres, e mostra a fiabilidade da pessoa. Ao mesmo tempo,

reforça o sentimento de pertença à Congregação. Consagrar o tempo certo para relaxar e descansar, restaurar forças com coisas simples e alegrar-se em pequenas coisas (cf. LS 222), ajuda a viver relações fraternas serenas, torna mais eficiente assumir e executar as próprias tarefas, promove o crescimento harmonioso da pessoa (cf. Ratio I 50).

3.4. Meios específicos de formação

43. A relação formativa. O caminho de crescimento tem lugar lentamente na vida diária, numa relação mútua entre o formador e a pessoa a quem se dirige, baseada na confiança mútua (cf. WJC_1998 23). Consciente da singularidade da pessoa, o formador encontra, no frequente encontro com ela, os meios "para conhecê-la melhor e apreciar a sua interioridade e iluminá-la com a busca da vontade de Deus na sua vida" (cf. SB_2013, pg.5). Ao mesmo tempo, a pessoa, ao cultivar conversas regulares com o formador, torna-se cada vez mais disponível para a ação da graça (cf. RFIS 46).

44. Encontro de acompanhamento. O acompanhamento é um meio indispensável de formação no seguimento de Cristo (cf. RFIS 44) e, ao mesmo tempo, uma arte que requer iniciação porque é necessário aprender a tirar as sandálias no terreno sagrado do outro (EG 169). No serviço de acompanhamento, "o Instrumento essencial de formação é o colóquio pessoal, que há de verificar-se regularmente com uma certa frequência" (VC 66). Através de um diálogo direto, a pessoa é ajudada a reler a sua experiência, a estabelecer contato consigo própria, dando um nome ao seu viver afetivo. O acompanhante fornece à pessoa os instrumentos para discernir a presença e ação do Pai na sua história, "que mais agrada ao Senhor, o seu projeto para a própria vida que se expressa numa inclinação do coração, mais além da

casca dos gostos e sentimentos" (CV 294). Tudo isto para corresponder à graça do chamamento com liberdade e responsabilidade, à maneira do Filho Jesus.

45. Autoavaliação e releitura da Fé. A atitude de discernimento é hoje particularmente necessária: "Embora inclua a razão e a prudência, supera-as, porque trata-se de entrever o mistério daquele projeto, único e irrepetível, que Deus tem para cada um" (GE 170; cf. CV 280). No processo de discernimento, a capacidade de autoavaliação é uma grande ajuda para ir cada vez mais fundo nas várias dimensões da personalidade. A releitura da própria vida na fé, à luz do amor e benevolência de Cristo, levamos a reconhecer a presença e obra do Espírito Santo. A este respeito, uma "autobiografia espiritual" é um instrumento útil para se conhecer e se fazer conhecer, e para se apropriar da história da própria vocação no seu nascimento, nos seus primeiros passos, no seu desenvolvimento e nas suas motivações, e oferece a oportunidade de refletir e expressar a própria experiência de Deus.

46. Avaliação do formador. A avaliação pessoal, embora fundamental, não é suficiente. Só confiando em instâncias externas, que ajudam a dar objetividade à própria visão, é que a pessoa se forma a si própria. Entre as instâncias de avaliação, a da pessoa responsável pela formação é fundamental (cf. WJC_1998 23-24). Um instrumento útil é o relatório escrito com a maior consistência e objetividade possíveis, o respeito, a delicadeza e a confidencialidade que cada pessoa merece. Os principais critérios de avaliação encontram-se no Direito Canônico, nas Constituições e na presente Ratio.

47. Experiências Apostólicas. As experiências apostólicas, de acordo com o carisma da Companhia de Maria e tendo em conta as aptidões e aspirações pessoais (cf. PoI 62), são um meio de

amadurecimento. Ao deixar-se formar pela missão, aprende-se a fazer da missão o critério de discernimento das escolhas pessoais e comunitárias (cf. Ratio I 102). Para serem formativas, as experiências apostólicas requerem discernimento, preparação, mas acima de tudo, uma avaliação (cf. Ratio II 13; 303).

48. Recurso a ajuda profissional no campo psicológico. A contribuição dos profissionais da área psicológica é valiosa tanto no discernimento vocacional como no acompanhamento da formação, a fim de esclarecer possíveis problemas e ajudar no crescimento da maturidade humana (cf. RFIS 147; UCP 5). Acolhido com espírito de fé, confirma a própria vocação (cf. VC 70), promove uma resposta criativa nas várias fases da existência e alimenta a fidelidade ao longo do caminho.

49. Período sabático. Como São Paulo exortou o seu discípulo Timóteo (cf. 1 Tim 4,14; 2 Tim 1,6), é importante renovar o dom recebido de Deus. O consagrado necessita de um período sabático de duração variável, dedicado exclusivamente à sua própria renovação espiritual. É uma questão de fazer um balanço da própria vida para recuperar a prioridade de estar com Deus em oração, para animar a própria forma de viver com os irmãos, para crescer no próprio compromisso como pessoa consagrada e para devolver força à missão recebida. Este tempo é uma ajuda para descobrir e compreender a ação de Deus nas naturais mudanças humanas da idade (psicológicas, fisiológicas, emocionais) e para poder retomar o percurso, fixando os olhos em Jesus, autor e aperfeiçoador da nossa fé (cf. Hb 12,2).

3.5. Meios da tradição monfortina

50. Meios para obter Sabedoria. São Luís Maria de Montfort deixou no *Amor da Sabedoria Eterna* quatro meios privilegiados para crescer no processo de formação:

- O desejo ardente (cf. ASE 181-183). O trabalho sobre os próprios desejos, destinado a fazer emergir o verdadeiro desejo de Sabedoria, é o ponto de partida na viagem de crescimento de cada monfortino (cf. Ratio I 124).

- Oração contínua (cf. ASE 184-193). A "oração é o grande canal / pelo qual todo o bem passa, / pelo qual um Deus liberal / comunica a sua graça" (Ct 15,7). Uma oração vivida com fé pura, que renuncia ao desejo de possuir Deus, mas, pelo contrário, se deixa possuir por Ele, e uma oração perseverante (cf. Ratio I 132-137).

- Mortificação universal (cf. ASE 194-202). É uma parte normal de cada processo de crescimento (cf. Ratio I 138), como "consequência da escolha radical que fazemos ao decidir seguir Cristo, tornando-nos "alunos de um Deus crucificado" (Ratio I 139). A mortificação provoca a queda dos desejos terrenos e reforça o desejo de Sabedoria (cf. Ratio I 140). Contribui para disciplinar a vontade, tornando-a gradualmente capaz de aderir às exigências do seguimento e expande a liberdade de ir além das próprias necessidades (cf. Ratio I 141).

- Uma verdadeira e terna devoção a Maria (cf. ASE 203-227). Em particular, as práticas interiores propostas pelo Padre de Montfort (cf. VD 257-265), "são uma verdadeira pedagogia, porque visam pôr à disposição de Maria, de uma maneira progressiva, todo o nosso ser – os nossos comportamentos, as nossas atitudes, os nossos sentimentos, as nossas motivações e até as nossas escolhas fundamentais – a fim de que toda a nossa vida e a nossa missão se tornem as do Filho de Deus, as de um verdadeiro discípulo de Cristo, conduzido pelo Espírito" (Ratio I 154).

51. Consagração a Jesus por Maria. A prática da renovação da consagração monfortina e da doação diária é um meio importante

de perseverança para vir a conhecer e amar Jesus Cristo, Sabedoria Eterna e Encarnada, e para n'Ele habitar (cf. Ratio I 99). O mês monfortino, proposto pelo Fundador para se preparar para a consagração a Jesus por Maria ou para a sua renovação (cf. VD 233), é ainda hoje um meio precioso, recomendado em vista da Primeira Profissão e da Profissão Perpétua (cf. Em 148.1). Pode ser vivido seguindo as instruções do Padre de Montfort (cf. VD 227-232) e utilizando as ajudas disponíveis nas diferentes línguas.

52. Celebrações e orações da Família monfortina. Ao longo do ano, as celebrações das solenidades e das memórias do "Próprio" da Família monfortina são momentos privilegiados de crescimento espiritual. A tradição do *Angelus*, do *Regina Coeli* e outras antífonas marianas, simples pausas ao longo do dia, abrem as atividades diárias a Maria no mistério de Cristo e da Igreja. Além disso, orações como a Coroinha, a Oração Abrasada, alimentam a devoção mariana e o sentimento de pertença à Companhia de Maria.

53. Assimilação da espiritualidade e do carisma monfortino. O exemplo e os conhecimentos de São Luís Maria ocupam um lugar central no processo de formação. A sua vida e a forma como desempenhou o seu ministério oferecem uma importante chave interpretativa para compreender a sua espiritualidade (cf. Ratio I 41). Além disso, a formação inspira-se nos seus escritos. Neles se descobre a identidade específica e a missão da Companhia de Maria.

O caminho formativo é orientado, de uma forma particular, por um aprofundamento dos textos fundacionais. A *Regra fundamental* (o *Tríptico* ou *Trilogia*) contém, de facto, o retrato daqueles que São Luís Maria de Montfort desejava unir à Companhia de Maria (cf. Ratio I 8).

Os meios de assimilação do que é próprio do Instituto são também o estudo e a prática das Constituições (cf. Ratio I 37). Antes de serem um código de conduta, são a narração para hoje do que o Padre de Montfort acreditava e amava.

A história da Congregação e dos confrades que nos precederam também ilumina a nossa inspiração. Visitar, sozinho ou em grupo, os lugares da vida e ministério de São Luís Maria de Montfort, em França e em Itália, é um recurso que, bem preparado, nos permite aprofundar o nosso conhecimento e a nossa ligação espiritual ao Fundador e à nossa história¹.

¹ Um exemplo é a peregrinação a pé de uma semana, chamada "Marcha monfortina", inspirada no regulamento dado por Montfort em 1716 aos 33 Penitentes brancos a caminho de Notre-Dame de Saumur (cf. São Luís Maria Grignon de Montfort, *Oeuvres Completes* (OC), Edition du Seuil, Paris 1966, pp. 817-822). Normalmente, a Marcha monfortina é proposta em França, no seu percurso clássico, ou reproduzida noutras partes do mundo com o mesmo objetivo de obter verdadeiros missionários abandonados à Providência e o dom da Sabedoria através de Maria. Em várias Entidades da Congregação, está a ser desenvolvida uma peregrinação seguindo os passos dos pioneiros da missão monfortina.

Capítulo II - AS ETAPAS DE FORMAÇÃO AO LONGO DA VIDA

54. A vida consagrada é um caminho de crescimento que abrange todo o período da vida, desde os primeiros passos até à entrega final de si mesmo. É dentro deste processo contínuo que encontram o seu lugar e significado as várias fases evolutivas e as etapas formativas, através das quais o missionário monfortino procurará alcançar a plena conformidade com Cristo Sabedoria e “a assimilação dos seus sentimentos na sua oblação total ao Pai” (VDQ 13), com “um trabalho paciente e rigoroso sobre a pessoa, aberta à ação do Espírito Santo” (RFIS 55). Neste caminho de transformação em Cristo, seguindo o exemplo do Fundador, ele reconhece e acolhe a Virgem Maria como mestra e guia (cf. Ratio I 146).

55. Na medida em que é a ação do Pai que forma em cada um o coração do Filho, o caminho de transformação e conformação ao Senhor Jesus, Sabedoria Eterna e Encarnada, nunca está terminado (cf. Ratio I 35). A formação, portanto, acompanha toda a vida do religioso monfortino e diz respeito a toda a sua pessoa: permanece *discípulo*, sempre à escuta do Mestre, *peregrino*, sempre atento a cada passo na direção a tomar e *servo* na comunidade e na missão (cf. Ratio I 220; cf. Eg. 158.1).

1. ANIMAÇÃO VOCACIONAL

1.1. Natureza

56. Na certeza de que o Santo de Montfort pede ainda hoje o dom dos missionários e na convicção de que o Espírito Santo continua a suscitar vocações para a vida religiosa e para o sacerdócio, é possível "lançar de novo as redes" em nome do Senhor, com total confiança (cf. CV 274). O serviço vocacional é um elemento fundamental da evangelização e da ação pastoral da Igreja. Encontra o seu "húmus" mais adequado na pastoral da juventude, que é dinâmica, completa, eficaz e verdadeiramente formativa na medida em que ajuda adolescentes e jovens a reinterpretar as suas próprias vidas numa chave vocacional e missionária. Dentro da pastoral juvenil, a promoção vocacional é a ação da Igreja que guia as pessoas a discernir a sua própria vocação.

1.2. Objetivos

57. Objetivo geral. O objetivo da promoção vocacional não é recrutar vocações, mas sim encorajar a procura vocacional, o discernimento sério e a específica escolha vocacional.

58. Objetivos específicos. a) Despertar e acompanhar na pessoa o processo de discernimento espiritual da sua vocação (cf. CV 286; 297), para que possa reconhecer como pode cumprir melhor a missão que lhe foi confiada no Batismo (cf. GE 174).

b) Verificar que a pessoa tem as disposições mínimas para o crescimento a nível humano e espiritual e para a vida como missionário monfortino.

c) Suscitar em cada confrade e comunidade a responsabilidade de "despertar e apoiar as vocações monfortinas" (Const. 132), através "de uma oração constante e audaciosa, `à maneira de Montfort', e

do seu testemunho de vida e das suas atividades missionárias" (Const. 133).

1.3. Duração

59. A duração é flexível na medida em que deve ter em conta a idade e o nível de maturidade humana e cristã do possível candidato, deve permitir ao candidato conhecer a proposta de vida monfortina, e deve permitir à pessoa responsável pelo acompanhamento do candidato ver os sinais de consistência vocacional. Termina com o pedido de admissão ao Pré-Noviciado.

1.4. Caminho de crescimento

60. Dimensão humana. O possível candidato cultiva o autoconhecimento nas suas qualidades, inclinações, dons e carismas, na consciência serena dos seus próprios limites. Amadurece na experiência de uma liberdade autêntica, como a capacidade de escolher sempre o que faz crescer e de concentrar o seu desejo na realidade que é verdadeiramente importante para uma escolha de vida comprometida. Na sua maturidade psicosexual deve avaliar-se com a capacidade de viver uma escolha celibatária. Nesta fase, em que é dada particular atenção à informação e ao conhecimento, o objetivo é uma abertura da pessoa à sua história e um conhecimento por parte da Congregação dos seus recursos, mas também dos possíveis impedimentos para um caminho vocacional.

61. Dimensão espiritual. Para que a decisão do candidato seja fruto de um ato autêntico de fé e se traduza numa resposta tão livre e generosa quanto possível, trata-se de propor um verdadeiro itinerário espiritual que conduza a um encontro pessoal com Cristo através de Maria. Reconhecendo que a própria experiência é o espaço para exercer o discernimento, a pessoa será ajudada a ouvir a voz de Deus que ressoa na vida concreta a fim de captar a sua

vontade e a direção a dar à existência. Com docilidade ele deixa-se formar pelo pensamento e sentimento de Cristo, aprendendo "a cultivar os mesmos sentimentos de Jesus Cristo, assumindo os critérios das suas opções e as intenções da sua atividade" (cf. CV 281).

62. Dimensão Intelectual. Durante esta fase, o possível candidato será ajudado a compreender a vida como uma vocação, a apreciar todas as vocações específicas e, em particular, a escolha da consagração para a missão.

63. Dimensão apostólica. Nesta fase, é importante que a atração por Deus não seja intimista e autorreferencial, mas aberta a gestos de amor, serviço e atenção aos outros. Também se deve ter o cuidado de nutrir no possível candidato um interesse real e suficiente em algumas das características da missão "à maneira de Montfort".

64. A dimensão da vida religiosa. O possível candidato deve ser colocado perante as exigências do Evangelho de modo a aceitar responsabilmente as consequências da sua própria fé e do seguimento de Cristo. Por esta razão, ele é instado a fazer algumas escolhas em descontinuidade com a mentalidade do mundo. É também importante encorajar uma abordagem inicial ao carisma, à espiritualidade e ao estilo de vida monfortina.

1.5. Avaliação

65. Durante esta etapa é necessário verificar que a pessoa goza de uma sã e equilibrada saúde psicofísica (avaliando também possíveis patologias hereditárias² e dependências do álcool,

² Uma abordagem bio-psicossocial é frequentemente utilizada para condições herdadas (por exemplo, bipolar, esquizofrenia), uma vez que são fatores de risco que interagem com fatores psicossociais. Por exemplo, para gémeos idênticos, com um gémeo com esquizofrenia, o outro gémeo tem apenas 50% de hipóteses de ficar esquizofrénico. Deve,

drogas, e outras), revele uma adequada maturidade, e em particular um equilíbrio afetivo e relacional. A este respeito, deve ter-se o cuidado de verificar que não existem precedentes que contradigam a proteção de menores ou adultos vulneráveis (cf. Ratio II 224).

66. Além disso, deve ser cuidadosamente considerada a capacidade adequada à idade para se adaptar às exigências concretas da vida, tais como seriedade no trabalho, nos estudos e relações humanas, e a flexibilidade nas mudanças.

67. No que diz respeito à motivação e retidão vocacional, é importante verificar a disponibilidade da pessoa para crescer na vida espiritual, para seguir o caminho do discernimento vocacional com um acompanhante, e para se abrir com alegria à perspectiva da vida consagrada.

68. Finalmente, mesmo nesta fase inicial, devem-se identificar os sinais de estima pelo Padre de Montfort e a atração por algumas dimensões da sua espiritualidade e missão, em particular a sua sensibilidade pelo anúncio do Evangelho e a sua paixão pelos pobres.

69. Para a admissão ao Pré-noviciado (cf. Const. 141) é necessário que a pessoa tenha:

* boa saúde física e psicológica

* a idade adequada de acordo com os critérios estabelecidos em cada Entidade (pelo menos 16 anos de idade);

* concluído o ensino secundário (escola secundária);

portanto, ter-se em mente que os fatores de risco a considerar não se devem limitar à genética.

- * recebido os sacramentos da iniciação cristã;
- * uma autonomia saudável em relação à sua família;
- * um envolvimento suficiente na vida social e eclesial;
- * concluído o período de discernimento da vocação como aspirante;
- * solicitado por escrito ao legítimo Superior a admissão ao Pré-noviciado.

70. Além disso, o possível candidato deve demonstrar:

- * uma maturidade adequada à própria idade: conhecimento e aceitação de si próprio; reconhecimento da própria sexualidade e equilíbrio emocional; sinceridade, respeito e aceitação dos outros; responsabilidade e capacidade de partilhar, mudar e evoluir; coerência com a escolha feita; capacidade de se comprometer no processo de formação, colaborando com os formadores;
- * uma preparação cultural e intelectual adequada para empreender os estudos e assumir gradualmente as obrigações da escolha;
- * um desejo sincero de seguir Cristo; uma aptidão para a oração; uma vontade de seguir um caminho de conversão;
- * um interesse pela vocação monfortina, pela espiritualidade monfortina e pela missão da Congregação; uma abertura à vida comunitária;
- * para aqueles que aspiram a tornar-se irmãos, é necessário um conhecimento suficiente e objetivo da vocação específica; uma motivação positiva em harmonia com a escolha desta forma de consagração.

1.6. Outras indicações formativas

71. Plano de Animação Vocacional. As Entidades, encarregadas da promoção vocacional (cf. Eg. 138.1), devem desenvolver um plano que tenha em conta as fases em que se articula a ação pastoral ao serviço das vocações.

a) *Proposta.* Trata-se de "fazer ressoar mais uma vez a chamada à santidade, procurando encarná-la no contexto atual, com os seus riscos, desafios e oportunidades" (GE 2). A atenção é dirigida a solicitar, com coragem, em todos os jovens, a questão vocacional, em particular a possibilidade de se consagrar a Deus na vida religiosa (cf. CV 274).

b) *Acompanhamento.* Esta fase é oferecida de uma forma particular, embora não exclusiva, às pessoas que mostram interesse em abraçar a vida consagrada monfortina.

c) *Escolha.* O ponto de chegada do processo é a escolha para a vida consagrada. Esta escolha traduz-se em ação e inicia um caminho de envolvimento progressivo com a Companhia de Maria.

72. Limite de idade. Cabe a cada Entidade fixar o limite de idade para aceitar um candidato. Se uma Entidade optar por estabelecer um limite de idade superior, este será baseado em critérios derivados da mentalidade local, de acordo com a capacidade de integrar um candidato mais velho, e tendo em conta as condições específicas da missão monfortina.

73. Avaliação do desenvolvimento psicosssexual. Durante o processo de discernimento será necessário iniciar uma avaliação do desenvolvimento psicosssexual do aspirante. Numa atmosfera de confiança mútua e abertura de coração, a pessoa deve dar a conhecer quaisquer problemas psicológicos anteriores. Em

qualquer caso, será apropriado realizar uma avaliação psicológica (cf. RFIS 193).

74. O Aspirantado. A experiência do aspirantado, presente em algumas Entidades, ocorre durante a fase de animação vocacional. O aspirante pode viver numa casa da congregação por circunstâncias e razões particulares. Durante este período entra num processo explícito de discernimento para verificar o seu apelo a ser um missionário monfortino. Esta experiência é supervisionada pelos responsáveis pela promoção vocacional ou por outros confrades nomeados pelo superior competente. A duração deste período é determinada pela situação de cada candidato. Para aqueles que ainda não completaram os seus estudos básicos, este período pode prolongar-se por vários anos. Os objetivos desta experiência são: facilitar o contacto dos jovens com o promotor vocacional ou o formador, proporcionar as condições para uma primeira experiência de vida em comunidade, avaliar e proporcionar uma formação humana, intelectual e cristã básicas.

75. Preparação para a entrada no Pré-noviciado. Quando o aspirante se aproxima do momento de entrar no Pré-noviciado, é aconselhável discutir com ele os pontos práticos relacionados com o estilo de vida e estatuto do candidato que ainda não é um religioso com os votos no que diz respeito à inscrição na congregação, autonomia financeira, e relações com a família. A situação financeira do candidato deve ser esclarecida desde o início. Se for necessário, devem ser tomadas disposições apropriadas para que terceiros possam cuidar dos seus assuntos financeiros (cf. Ratio II 263).

2. PRÉ-NOVICIADO

2.1. Natureza

76. O Pré-noviciado é um tempo de discernimento, durante o qual o candidato, confrontado com o carisma monfortino, avalia a autenticidade da vocação à vida consagrada na Companhia de Maria. Tornando-se mais consciente do que implica seguir Jesus, o candidato verifica a vontade de responder ao chamamento e lança bases sólidas para a assimilação dos valores da vida de consagração.

2.2. Objetivos

77. Objetivo geral. A finalidade do Pré-noviciado é promover no candidato a maturidade humana e cristã adequada para uma escolha livre e responsável da vida consagrada na Companhia de Maria.

78. Objetivos específicos.

- a) Verificar o chamamento de Deus à vida religiosa monfortina, consolidando a relação pessoal com o Senhor.
- b) discernir as motivações e a capacidade de responder ao chamamento à vida religiosa, distanciando-se do estilo de vida anterior.
- c) Experimentar gradualmente o que a vida fraterna implica, testando a aptidão para viver em comunidade.
- d) Assegurar uma preparação adequada para o noviciado e verificar a aptidão do candidato para iniciar esta etapa.

2.3. Duração

79. O Pré-noviciado começa quando o candidato é admitido e entra num ambiente comunitário para continuar o processo de discernimento da sua vocação. A duração pode variar a fim de facilitar o discernimento adequado e o crescimento na maturidade humana e cristã exigida aos candidatos. Tendo o cuidado de não precipitar a admissão ao Noviciado nem atrasá-la indevidamente, mas chegando a uma certa avaliação sobre as garantias oferecidas pelo candidato (cf. PoI 43; cf. GL_1989, 3.3.3), cada Entidade determinará a duração desta etapa que terminará com a entrada no Noviciado.

2.4. Caminho de crescimento

80. Dimensão humana. Durante a etapa do Pré-noviciado, na qual é dada particular atenção ao discernimento, o objetivo é o amadurecimento afetivo, que permite viver de forma adulta a liberdade de dar e receber. Trata-se da capacidade de reconhecer e chamar pelo nome as próprias inconsistências na área afetivo-sexual, de ser capaz de controlar estas fraquezas, com vista a ultrapassá-las. Ao mesmo tempo, crescendo na capacidade de solidão e relações serenas, o candidato deve mostrar um nível suficiente de confiança e autonomia na tomada de decisões significativas para a sua própria vida.

81. Dimensão espiritual. Durante esta fase o objetivo é uma maior integração e amadurecimento na fé, que permite reler a própria vida e reconciliar-se com o próprio passado à luz do amor paterno de Deus: tanto com o inevitável negativo, assumindo uma atitude que não é de autopiedade, mas de responsabilidade; seja com o positivo, para ser reconhecido com gratidão ao Deus da própria vida; seja com as figuras significativas da própria história, com as suas riquezas e fraquezas.

O candidato, redescobrando o seu próprio Batismo, aceita gradualmente o dinamismo morte-vida e experimenta a fecundidade da Cruz na sua própria história. Apreciando o valor da vida interior, no silêncio e escuta, cresce numa relação pessoal com o Senhor na vida de oração, na vida sacramental e litúrgica, sob a orientação de Maria, Mãe de Deus e modelo de fidelidade ao projeto do Pai.

82. Dimensão intelectual. Durante esta etapa o objetivo é a abertura da mente atenta e crítica, a fim de enfrentar o Noviciado com um entendimento formado e informado, com uma visão coerente e ponderada da realidade. Além disso, é o momento de verificar a preparação cultural básica e, se necessário, de completar os estudos.

83. Dimensão apostólica. Durante esta fase, é dada atenção ao contacto experimental com a missão monfortina vivida pelo Fundador e encarnada hoje pelos seus missionários. O candidato, tomando consciência de que o chamamento à vida consagrada implica sempre a vontade de ser enviado, poderá ter elementos suficientes para pedir de fazer parte da Companhia de Maria.

84. Dimensão da vida religiosa. Durante o Pré-noviciado, é dada atenção à descoberta e decisão a favor de um projeto de vida monfortino que é um dom, mas também um apelo exigente para viver para os outros e com os outros, numa específica "sequela Christi" dentro da Igreja. Compreendendo e apreciando a diversidade e complementaridade dos carismas, o candidato abre-se a um conhecimento suficiente da vocação monfortina, comparando os seus ideais com os valores propostos pelo carisma e espiritualidade de S. Luís Maria de Montfort. A espiritualidade monfortina, na qual o candidato é iniciado, começa a moldar a sua

personalidade tendo em vista a sua maturidade psicológica, afetiva e crente.

2.5. Avaliação

85. Para a admissão ao Noviciado o candidato deve ter os requisitos indicados pela lei universal (cf. PoI 43; cf. CIC, cân. 641-645), a saber:

- um grau suficiente de maturidade humana e cristã;
- uma cultura geral básica e um nível intelectual suficiente para compreender os valores e as exigências da vida consagrada monfortina;
- uma afetividade equilibrada;
- a capacidade de viver em relações serenas na comunidade, mesmo com os que nela exercem um serviço de autoridade.

86. Além disso, é necessário que o candidato ao Noviciado:

- tenha recebido uma preparação adequada para o Noviciado;
- tenha tomado uma decisão livre e responsável, reta nas motivações e na alegria, de viver para Deus Só e de seguir Jesus Cristo Sabedoria na pobreza, obediência e castidade;
- tenha feito algum desprendimento significativo em relação ao estilo de vida anterior;
- revele uma afinidade com o carisma e a espiritualidade monfortina e uma capacidade inicial para participar na missão de acordo com o estilo da Companhia de Maria.

2.6. Outras indicações formativas

87. As diferentes formas do Pré-noviciado. As formas de realização do Pré-noviciado podem ser diferentes: recepção numa

comunidade, mas sem partilhar toda a sua vida; períodos de contacto com o Instituto ou com um dos seus representantes; vida em comum numa casa de acolhimento de candidatos. Para além das estruturas de acolhimento, é importante assegurar a aproximação pessoal do pré-noviço (cf. PoI 44).

88. Dimensão formativa da casa do Pré-noviciado. O Pré-noviciado vivido numa casa específica oferece a possibilidade de um caminho de grupo e o acompanhamento de uma equipa consistente. Se o Pré-noviciado está inserido numa casa apostólica monfortina, mesmo partilhando a vida da comunidade, deve ter o seu próprio ambiente e seguir o programa específico de formação, sob a orientação de um direto responsável.

89. Experiência de vida pobre. Durante o tempo do Pré-noviciado, é importante ajudar o candidato a descobrir o trabalho como uma graça e uma oportunidade, encorajando a vontade de realizar serviços simples e domésticos. É também útil introduzir o pré-noviço nos princípios da pobreza monfortina e da prática económica.

90. Meios de comunicação e novas tecnologias. É necessário treinar o pré-noviço na utilização consciente, segura e útil dos meios digitais. Não devem gerir os seus perfis sociais à margem da comunidade.

91. Formação no respeito por menores e adultos vulneráveis. Sobre este tema, ver as indicações oferecidas no capítulo quatro do presente documento (cf. Ratio II 228-233).

92. Estudos académicos. É preferível que durante o período do Pré-noviciado não se frequentem os cursos institucionais de filosofia e teologia. Ao invés, alguns temas propedêuticos devem ser estudados (cf. RFIS 157) e seja dada prioridade à conclusão de

estudos básicos e outros estudos aprofundados que estejam em harmonia com os objetivos desta etapa.

93. Filiações. O Pré-noviciado é um tempo para o candidato esclarecer outras possíveis filiações (por exemplo, família de origem, grupos de amigos, movimentos eclesiais), em relação à Família monfortina à qual deseja pertencer (cf. RFIS 148).

94. Aconselhamento psicológico. Se for necessário, a pessoa responsável pelo Pré-noviciado motivará o candidato a fazer uso desta ajuda. Se o candidato recusar ou mostrar demasiada relutância, há razões para questionar a sua plena vontade de discernir a vontade de Deus (cf. RFIS 192-193).

95. Preparação para a entrada no Noviciado. À medida que se aproxima a passagem para o Noviciado, é aconselhável discutir com o candidato os aspectos práticos relacionados com o estilo de vida na nova etapa, para que ele possa compreender e respeitar as suas exigências. Em particular, deve ser informado sobre os critérios de utilização da internet, correio eletrónico e telemóveis, bem como sobre contatos com a família e amigos. Se o Noviciado tiver lugar num país diferente do país de origem, o noviço começará a aprender a língua aí utilizada.

3. NOVICIADO

3.1. Natureza

96. O Noviciado é um tempo forte de iniciação à vida religiosa apostólica monfortina (cf. Const. 138b) no seguimento radical de Jesus Cristo, Sabedoria eterna e encarnada. Como tal, é orientado para que o noviço possa tornar-se mais consciente da sua vocação divina, experimentar o modo de vida da Companhia de Maria e deixar-se permear pelo seu espírito na mente e no coração. É também o tempo em que as suas motivações e a sua capacidade real de se tornar membro do Instituto são postas à prova.

3.2. Objetivos

97. Objetivo Geral. O objetivo geral do Noviciado é fortalecer uma autêntica experiência de Deus, iniciando na forma de vida que o Filho de Deus, Sabedoria eterna e encarnada, abraçou e propôs no Evangelho (cf. PoI 45) e orientando a integração progressiva da identidade pessoal em torno do carisma espiritual e missionário da Companhia de Maria.

98. Objetivos específicos

a) facilitar uma experiência profunda de oração e escuta de Deus, seguindo o caminho espiritual proposto por S. Luís Maria de Montfort.

b) Ajudar a crescer em liberdade interior, para que a entrega a Jesus Cristo possa ser motivada por um amor generoso.

c) Possibilitar a compreensão e assimilação das exigências da vida religiosa, dos votos de pobreza, castidade e obediência.

- d) Oferecer uma experiência de vida fraterna em comunidade.
- e) discernir a autenticidade da vocação e a real aptidão para viver as exigências da consagração na Companhia de Maria.

3.3. Duração

99. Para duração ver a Const. 146. O noviciado começa com um rito de entrada no dia estabelecido pelo Superior que admite o candidato ao Noviciado e termina com uma celebração litúrgica durante a qual, com a fórmula da profissão, o candidato assume um compromisso temporário através dos votos.

3.4. Caminho de crescimento

100. Dimensão humana. Durante esta fase de iniciação, o noviço continuará a aprofundar o seu conhecimento e aceitação de si próprio. Ao mesmo tempo, medirá a sua aptidão para viver o estilo monfortino de vida consagrada, prestando particular atenção ao seu crescimento na capacidade de se relacionar de forma madura com os outros à luz da dinâmica da vida em comunidade. Prestará atenção aos aspectos psicológicos e éticos das virtudes humanas de castidade, pobreza e obediência. Procurará descobrir e experimentar nelas uma real possibilidade de realizar a sua própria humanidade, modelando gradualmente a sua própria maneira de viver e de amar como o Senhor.

101. Dimensão espiritual. No que diz respeito à dimensão espiritual, o noviço dedicar-se-á a uma forte experiência do primado de Deus como um amor único e totalizante e um conhecimento sapiencial de Cristo que chama a seguir os seus passos e a continuar a sua missão de salvação. Em particular, tenderá para a assimilação progressiva dos sentimentos de Jesus Cristo, aprofundando a sua própria fé e relação pessoal com Ele, com intensa oração diária. Cultivando a dimensão contemplativa,

procurará assumir os critérios do Evangelho através da leitura assídua da Palavra de Deus. Deixará que uma verdadeira devoção a Maria e o caminho da consagração a Jesus pelas mãos dela forje a sua espiritualidade.

102. Dimensão intelectual. No que diz respeito à dimensão intelectual, durante esta fase é dada atenção a um conhecimento profundo da vida consagrada, do carisma e da espiritualidade monfortina. Em particular, o noviço conhecerá a inspiração original de S. Luís Maria, tal como se expressa no *Tríplico*, mas também as articulações contemporâneas da missão, à luz dos Documentos da Igreja e da Congregação.

103. Dimensão apostólica. No que diz respeito à dimensão apostólica, é proposta ao noviço a assimilação dos desejos do Fundador de tornar Jesus e a sua santa Mãe conhecidos e amados, e o estilo do seu serviço apostólico. Além disso, é oferecida a possibilidade de viver algumas experiências apostólicas significativas para uma descoberta e um encontro vital com o espírito missionário da Companhia de Maria.

104. Dimensão da vida religiosa. O noviço é iniciado na forma de vida de Cristo, pobre, obediente, e casto, aceitando as rupturas necessárias com a sabedoria mundana que isso implica. Em particular, verifica a sua própria vocação a viver gradualmente os votos religiosos que dilatam a liberdade da entrega a Deus e aos outros. Por esta razão, acolhe o Padre de Montfort como um guia privilegiado, ao qual o noviço se confia como um discípulo interessado e fiel, desejoso de reproduzir as suas características e de reviver de forma pessoal as aspirações do seu coração. De forma aprofundada, descobre a identidade monfortina e as notas distintivas do carisma, crescendo no sentido de pertença, na estima e gratidão pelo dom da Companhia de Maria.

3.5. Avaliação

105. Para a admissão de um candidato à profissão temporária, além dos princípios estabelecidos no Direito Comum (CIC, cân. 656), devem ser tidos em conta os seguintes critérios:

- Um compromisso constante para ultrapassar imaturidades, através da aceitação das próprias limitações e de uma capacidade suficiente para as gerir.
- Uma capacidade de escolha livre e responsável, na harmonização progressiva entre o ideal e o real.
- Uma busca constante da vontade do Pai, através da oração e familiaridade com as Escrituras, e uma aptidão para a solidão a fim de experimentar "Deus Só" e a intimidade com Ele através de uma valorização do silêncio e da interioridade.
- Uma consciência do valor de seguir Jesus Cristo Sabedoria e o compromisso constante de a viver, manifestado num amor humilde, gratuito, aberto a todos, especialmente aos pobres.
- Uma capacidade de viver em relações serenas e equilibradas em comunidade com os irmãos e com a autoridade, aceitando as diferenças, cuidando dos outros, servindo, colaborando e contribuindo de uma forma concreta e prática para a vida fraterna.
- Uma aptidão para o diálogo sincero e abertura transparente da própria consciência perante o Senhor, os formadores e si próprio.
- Uma suficiente interiorização e reelaboração pessoal dos valores da vida consagrada monfortina e sinais claros de que a pessoa está pronta para se comprometer seriamente e incondicionalmente a viver a castidade, a pobreza e a

obediência, mesmo que os primeiros votos sejam legalmente temporários.

- Um conhecimento adequado e uma integração pessoal do carisma e da missão da Companhia de Maria e um sentido crescente de pertença à comunidade e à Congregação.

3.6. Outras indicações formativas

106. Programa de formação. No que diz respeito à organização e desenvolvimento do programa de formação, cada Ratio local deve tomar como referência a Const. 139 (cf. CIC, 652 § 2).

107. Localização do Noviciado. É necessário assegurar que o Noviciado se situe num ambiente propício à oração, ao silêncio e a uma certa solidão que ajude o noviço a enraizar-se profundamente na experiência de Deus (cf. PoI, 50). Para a localização do Noviciado ver a Const. 142-144.

108. Dimensão formativa da casa do Noviciado. A casa do Noviciado, inserida num ambiente familiarizado com a cultura e língua dos noviços, facilita as relações com o mestre de noviços e a sua relação mútua com todos os tons exigidos por um caminho espiritual inicial e intensivo (cf. PoI 47). As exigências da formação e de um clima propício a um enraizamento em profundidade na vida com Cristo desaconselham a realização do tempo de Noviciado em "comunidades de inserção" (cf. PoI 50).

109. Noviciado internacional. No caso do Noviciado internacional, deve ser assegurado tempo suficiente para permitir que o noviço se adapte ao novo ambiente e se integre na nova comunidade. Por esta razão, um período de integração pode ser planeado antes do início oficial do ano canónico. O ano canónico também pode ser prolongado para além de doze meses, de acordo

com as necessidades de um estatuto particular do Noviciado internacional.

110. Avaliação periódica. O Mestre de noviços avaliará periodicamente o progresso do noviço, especialmente no final das sessões sobre os vários temas de formação e os principais períodos do Noviciado, após experiências particularmente significativas, por exemplo, experiências apostólicas, e no final do ano canônico, tendo em vista a profissão religiosa. Através de um diálogo aberto e respeitoso, o Mestre e o noviço farão um discernimento comum sobre a idoneidade para a profissão temporária.

111. Admissão à Profissão temporária. Para os procedimentos de admissão à profissão temporária, ver o sexto capítulo do presente documento (cf. Ratio II 281-284).

112. Rito da Profissão Temporária. Para o rito da profissão temporária, ver Ritual da Profissão Religiosa, nn. 31-51.

113. Abandono durante o Noviciado. Desde o início da experiência, o candidato deve ser informado de que, se abandonar o noviciado antes da Profissão temporária (por sua própria iniciativa ou não), não terá direito a compensação financeira; no entanto, será tratado de acordo com a justiça e a caridade.

4. PERÍODO DE PROFISSÃO TEMPORÁRIA

4.1. Natureza

114. O período dos votos temporários é tempo de crescimento e consolidação da vocação, durante o qual a pessoa é chamada a interiorizar e integrar numa nova síntese vital os valores aprendidos no Noviciado, aprofundando e verificando a sua decisão de se consagrar ao Senhor para sempre. Além disso, é um momento de verificação da aptidão para viver em plenitude a vida e a missão da Companhia de Maria.

4.2. Objetivos

115. Objetivo Geral. O processo formativo propõe-se ajudar o religioso de votos temporários a tornar-se cada vez mais missionário da Companhia de Maria, ou seja, uma pessoa livre, pronta a tudo empreender e capaz de colaborar (cf. Const. 135).

116. Objetivos específicos

- a) Aprofundar e verificar a decisão de se consagrar ao Senhor para sempre.
- b) Crescer na experiência da vida religiosa, encarnando os conselhos evangélicos na prática da vida quotidiana.
- c) Promover uma experiência plena do carisma, onde o ideal monfortino se torne cada vez mais uma razão de viver e dê forma ao modo de se relacionar com o Senhor e com os outros.
- d) Desenvolver a dimensão apostólica da vocação, em vista de uma inserção progressiva na missão da Companhia de Maria.

e) Adquirir os conhecimentos e as competências necessárias para realizar a missão da Congregação, tanto para os religiosos irmãos como para os candidatos ao sacerdócio.

4.3. Duração

117. Para a duração do período da Profissão temporária, ver Const. 154.

4.4. Caminho de crescimento

118. Dimensão humana. A formação humana é um fator determinante no caminho para um compromisso definitivo na vida religiosa. Durante o período dos votos temporários, o religioso continua o seu itinerário de crescimento a fim de ser profundamente humano, de amar abnegadamente e de beneficiar o seu próximo (cf. OA 21). Ele progride numa vida autêntica, o que implica consciência e aceitação das suas limitações, descobrindo nelas as possibilidades de crescimento e uma justa avaliação dos seus talentos, sem exaltações egocêntricas. Amadurece na sabedoria de cuidar da sua própria pessoa num projeto de vida, não se dispersando-se em coisas passageiras, mas reconhecendo e respeitando as prioridades. Cresce na arte de governar a sua própria vida, através de uma disciplina que, através de renúncias diárias, cria espaço para uma maior fecundidade. Torna-se uma pessoa cada vez mais transparente, que expressa com assertividade as suas intenções e aceita o confronto e as críticas. A estrada para uma maturidade afetiva cada vez maior implica, além disso, a capacidade de gerir possíveis fraquezas na esfera afetiva, de integrar solidão e relações.

119. Dimensão espiritual. Numa atitude de constante conversão e docilidade à ação do Espírito, a formação espiritual visa consolidar a experiência de "Deus Só", numa intimidade mais profunda com Ele, alimentada por uma oração assídua. Também

encoraja a tornar a contemplação de Jesus Cristo Sabedoria, conhecida, procurada e amada, o centro da própria vida, em torno do qual a vida interior pode ser unificada. O religioso de votos temporários, conformando-se ao coração de Cristo, apóstolo do Pai, cresce através da escuta diária da Palavra de Deus que ele ama e saboreia sempre mais, meditando-a no seu coração, como Maria. Assimila os sentimentos de Cristo através da celebração da eucaristia, permitindo-lhe dar à sua vida a forma de serviço. Vive as humilhações como um lugar pascal de crescimento, onde experimenta o poder de Deus que, na sua Providência, pode tirar o bem do mal (cf. AC 46). Por esta razão, mesmo em momentos de desolação sabe como encontrar no seu coração razões para continuar o caminho. O amor por Jesus Sabedoria é inseparável do amor pela Virgem Maria. O religioso de votos temporários cultiva um amor filial por ela, torna-se dócil à sua ação materna, e, confiando-se a ela pela consagração, assimila as suas atitudes evangélicas. Também nutre a sua ligação com Maria através do Rosário e das orações da tradição monfortina.

120. Dimensão intelectual. Chamados a tornar Jesus Sabedoria e a sua santa Mãe conhecidos e amados, os religiosos de votos temporários preparam-se adequadamente para a tarefa de proclamar o Evangelho, adquirindo as aptidões e competências necessárias para o mandato de evangelização que a Igreja confiou à Companhia de Maria. Em particular, através da frequência regular de cursos académicos e da dedicação ao estudo e à reflexão pessoal, assegura uma sólida preparação filosófica e teológica e um conhecimento completo e unificado do conteúdo da fé. Além disso, fomenta uma síntese vital que harmoniza a fé compreendida e a fé vivida, a fim de poder proclamar Jesus Sabedoria com verdade na pregação e na vida. Desenvolve também a capacidade de responder aos desafios da inculturação da fé no contexto atual,

através da atenção às mudanças em curso e ao estudo das culturas e das línguas. O aprofundamento do carisma, integrando as aquisições acadêmicas com a riqueza da espiritualidade monfortina, ocupa um lugar relevante na sua formação intelectual. Para a organização dos estudos durante esta etapa, ver o quinto capítulo deste documento (cf. Ratio II 237-258).

121. Dimensão apostólica. A dimensão apostólica é a característica específica da vocação monfortina (cf. Const. 6). Todo o processo de formação visa formar em Maria "os apóstolos dos últimos tempos" e prepara para assumir em toda a sua amplitude a missão monfortina. A formação na dimensão apostólica tem como objetivo desenvolver uma sensibilidade apostólica no religioso de votos temporários. Em particular, o religioso de votos temporários alimenta e aumenta "a doce e reconfortante alegria de evangelizar" (EN 80; cit. EG 9), superando o que pode mortificá-la (cf. EG 76ss); aumenta o amor pela Igreja e a capacidade de "sentir" com a Igreja, à luz do Magistério, dos caminhos eclesiais e dos desafios do mundo de hoje (cf. EG 52ss). Além disso, espelhando-se no coração da Sabedoria de Jesus e inspirando-se na experiência do Fundador, ele assimila as atitudes próprias do missionário monfortiano: um estilo mariano (cf. EG 288), um coração que intercede com uma oração apostólica, o dinamismo de "sair", a capacidade de tomar a iniciativa; a sensibilidade às necessidades urgentes da Igreja e do mundo; a capacidade de estar próximo das pessoas; a vontade de acompanhar os processos de crescimento na fé (cf. EG 24), ousadia e criatividade (cf. EG 33), liberdade do desejo de gratificação, reconhecimento pessoal, complacência sobre os próprios dons, aprender a "fazer juntos" em comunhão e colaboração, com capacidade de diálogo. E ainda, entra no dinamismo missionário que por um lado o impele para todos, por

outro lado entre os destinatários do Evangelho privilegia os pobres e os pequenos (cf. EG 48). Durante a etapa dos votos temporários, o religioso é assim acompanhado na experiência direta e no exercício gradual das várias formas de apostolado, tendo a preocupação que elas fomentem o caminho de crescimento de todas as dimensões da formação. O exercício dos Ministérios instituídos prepara o candidato ao sacerdócio para os futuros serviços da Palavra e do Altar, deixando-se transformar pela Palavra de Deus e participando mais profundamente no mistério de Cristo que se entrega e está presente na Eucaristia, na assembleia e no irmão (cf. RFIS 72).

122. Dimensão da vida religiosa. O processo de formação consiste na livre decisão de se conformar em todas as coisas com Jesus Sabedoria eterna e encarnada. Neste caminho de liberdade, os votos religiosos têm um valor especial, vividos de forma cada vez mais profunda, segundo as metodologias próprias da Companhia de Maria.

123. Voto de pobreza. O religioso de votos temporários é chamado a exercer fielmente o desprendimento, a fim de se tornar livre em relação às coisas e disponível para o dom de si na comunidade e na missão. Reconhece-se pobre perante Deus, seguindo o exemplo da Virgem Maria, optando por se abandonar à Providência e encontrando a sua única riqueza em Jesus Cristo. Experimenta a pobreza mais como participação do que como privação, como movimento em direção ao outro e memória do dom que é o outro. Em comunidade, aprende a partilhar o que é e o que recebe como presente, a fim de viver de forma simples e sóbria, grato pelo que é posto à disposição. Além disso, são educados para a corresponsabilidade na utilização de bens comuns e para gerir o dinheiro na dependência do Superior, com transparência e

prestação de contas. Cresce na sua participação no bom funcionamento da casa, evitando ser servido, mas oferecendo-se voluntariamente para ajudar nos serviços domésticos e no trabalho manual. Está aberto às necessidades dos mais pobres, vivendo em solidariedade ativa com eles, partilhando uma preocupação pela justiça e respeito pelos direitos humanos, e aos cuidados com a criação.

124. *Voto de obediência.* O religioso de votos temporários cresce em liberdade, aprendendo, a exemplo de Cristo, a fazer dom da sua própria vontade através da obediência, procurando fazer o que agrada ao Pai, num espírito de dependência. Por esta razão, ele põe fim à pretensão de se tornar o único ponto de referência, recusa-se a caminhar sozinho, mas deixa-se levar "pela mão" do Senhor. Todos os dias abraça a obediência como liberdade maior e exercita-se na busca da vontade de Deus, numa atmosfera de oração e diálogo com a comunidade e os formadores, expressando os seus pensamentos com franqueza e sinceridade. Escolhe colaborar cordialmente com outros na execução das decisões tomadas pela comunidade ou pelo Superior (cf. Const. 105), mesmo que isso exija renúncia e sacrifício. Aprende a ir cordialmente para além das preferências pessoais, procurando o bem da comunidade e da missão.

125. *Voto de castidade.* O religioso de votos temporários pratica fielmente o caminho da castidade que torna o seu coração cada vez mais capaz de dedicação total a Cristo e à missão (cf. Const. 106). Ele cultiva um coração que é puro porque é indiviso, não partilhado com ídolos, no qual o amor por Jesus Cristo catalisa todo o mundo dos seus pensamentos, sentimentos e afetos. A sua preocupação será agradar ao Senhor (cf. 1 Cor 7,33), não a si

próprio ou aos outros. Ele não procura apreciação, elogio, gratificação. Não será vítima de cuidados excessivos com a própria imagem, que o compromete com a mundanidade. Ele reforçará a sua prudência de modo a expressar toda a beleza da castidade, mesmo na experiência da fragilidade e da tentação. Consciente das exigências da castidade consagrada, torna-se capaz de viver as relações com liberdade e serenidade, sem fingir que o seu "Ego" afetivo seja sempre o centro. O religioso de votos temporários encontra na vida fraterna em comunidade o espaço da diária conversão do amor possessivo para o amor generoso e oblato. Com a sua capacidade de amar, contribui para criar uma comunidade acolhedora e familiar.

126. *Vida fraterna em comunidade.* Montfort queria uma comunidade apostólica (cf. Const. 71), unida em torno de Jesus Cristo, à imagem dos apóstolos reunidos com Maria no Cenáculo, na qual todos "seguissem o mesmo ideal" (Const. 73). A formação na etapa dos votos temporários promove o crescimento do religioso na experiência da vida fraterna em comunidade, no sinal da participação ativa em cada momento da vida em conjunto e na capacidade de viver relações autênticas com todos. Educa a valorizar os dons, a ver na diversidade uma oportunidade para crescer na humanidade, a aceitar os limites da comunidade, da Entidade e da Congregação, exercitando com o coração de Cristo a paciência e benevolência, mesmo na presença de dificuldades e tensões. Finalmente, o professo é ajudado a crescer no seu sentido de pertença à Companhia de Maria, na consciência de partilhar com os seus confrades o mesmo carisma.

4.5. Avaliação

127. Para a admissão à renovação dos votos é importante verificar o crescimento gradual da pessoa nas suas várias dimensões (cf. Ratio II 218; 220).

Em particular, o religioso de votos temporários deu provas de perseverança na fidelidade e de viver as dificuldades diárias e as suas próprias inconsistências como oportunidades de crescimento. É importante que nele se tenham manifestado sinais de estabilidade emocional e autocontrolo, liberdade e respeito, e relações positivas com os que têm autoridade.

Numa constante disponibilidade para a conversão, cultivou a sua interioridade e alimentou o desejo de "estar na casa do Pai" (Lc 2,49) através da oração pessoal e da escuta da Palavra de Deus.

Assumiu os seus estudos com um sério empenho e sentido crítico, mostrando interesse em integrar os cursos académicos com a reflexão e o aprofundamento pessoal dos temas, tendo em vista a missão.

A tensão saudável e o equilíbrio entre a ação e a contemplação na vida quotidiana não lhe faltou. Envolvendo-se alegremente nas experiências pastorais programadas durante o ano, demonstrou uma crescente abertura à dimensão apostólica da vocação.

Em relação à vida consagrada, procurou viver os seus votos de forma consistente e responsável, esforçando-se para uma positiva síntese entre afetividade e castidade consagrada, entre liberdade no uso dos bens materiais e pobreza religiosa, entre capacidade de tomar iniciativas e obediência responsável.

Demonstrou o seu apreço pelo dom de viver em comunidade, sem pretender a perfeição. Escolheu servir, partilhando dificuldades e alegrias, contribuindo para construir um clima de fraternidade, apreciando a diversidade e complementaridade dos dons, colaborando dentro e fora da comunidade.

Cresceu o sentido de pertença à Congregação, o apreço pelo carisma monfortino e a referência espontânea à experiência e aos escritos do Fundador como chave para a compreensão do Evangelho e da própria identidade.

128. Para admitir à Profissão perpétua, para além das condições exigidas pelo direito comum (cf. CIC, cânn. 657-658), é necessário que aptidões particulares sejam reconhecidas no irmão.

Em primeiro lugar, a adesão ao carisma da Companhia de Maria nas suas notas características e a capacidade de viver a vida e a missão da Congregação, experimentando a alegria de ser parte viva da mesma.

Depois, "o gosto por Deus e da sua verdade" (ASE 13), cultivado na constante e amorosa contemplação da de Jesus Sabedoria e traduzido na vida quotidiana.

Também a fidelidade à escolha da vida consagrada, que se expressa na capacidade de renunciar à sabedoria do mundo que nos distrai e distancia da Sabedoria de Deus.

Amar com um grande coração requer bom autoconhecimento e suficiente liberdade interior, mesmo perante as próprias imaturidades, e um nível adequado de maturidade afetiva, sem ceder à comparação com outros e à preocupação pelo seu julgamento.

A assimilação do espírito apostólico da Companhia de Maria, que se manifesta na vontade de cumprir o desejo do Fundador de fazer conhecer, amar, seguir e servir Jesus Cristo Sabedoria através de Maria (cf. C 5).

A atitude de viver relações abertas e transparentes em comunidade, onde a pessoa é capaz de dar de maneira apaixonada e receber com gratidão, e mostra sensibilidade e atenção, colaboração e serviço, sem ceder à tentação do individualismo.

Uma maturidade intelectual que se expressa numa sede contínua de conhecimento e num discipulado constante na escola de Sabedoria e na capacidade de um juízo equilibrado, nem dogmático nem rígido, sobre situações e pessoas.

4.6. Outras indicações formativas

129. Programa de formação. No que diz respeito à organização e desenvolvimento do programa de formação, cada Ratio local deve referir-se ao Eg. 155.1-4.

130. Ambiente de formação. É importante garantir a inserção numa comunidade alegre, onde se pode crescer dia após dia na maturidade e na liberdade interior, num dar e receber mútuo (cf. SB_2009, pg. 2). O ambiente educativo oferece os desafios necessários para um crescimento equilibrado da pessoa (cf. SB_2013, pg. 4) e é suficientemente aberto "ao acolhimento e à partilha com diferentes realidades, como por exemplo, famílias, pessoas consagradas, jovens, estudantes, pobres" (RFIS 52) e à dimensão internacional da missão monfortina. Esta abertura permitirá também uma comparação entre os valores da Igreja e do mundo e uma abordagem concreta aos problemas sociais e culturais.

131. Dimensão formativa da casa durante o período dos votos temporários. A escolha de uma casa para o Escolasticado deve ter em conta o contexto eclesial, a necessidade de um número suficiente de vocações e formadores para garantir uma comunidade formativa, bem como as condições para uma proposta intelectual de qualidade, e, claro, a sustentabilidade económica da estrutura.

132. Aprofundamento do carisma e da missão da Companhia de Maria. O carisma do Fundador é uma realidade dinâmica: transmitido aos seus discípulos, pede para ser vivido, preservado, aprofundado e constantemente desenvolvido (cf. Ratio II 240).

133. Formação prática na gestão económica. Durante o período da profissão temporária, o religioso desenvolve a prática da contabilidade do movimento de dinheiro, sob as rubricas de receitas e despesas, verificando periodicamente com os formadores o uso pessoal que dele faz. Além disso, aprende com a comunidade a elaborar e a avaliar o orçamento anual da casa à luz dos critérios da pobreza apostólica. Recebe então orientações sobre como organizar as finanças na comunidade local, na Entidade e na Congregação, e aprende algumas noções de contabilidade e gestão dos bens (cf. SB_2008, pg. 8).

134. Formação em respeito por menores e adultos vulneráveis. Para este tópico ver as indicações oferecidas no capítulo quatro deste documento (cf. Ratio II 230-233).

135. Estágio apostólico. Os formadores devem identificar um campo de estágio apostólico ao qual o jovem religioso deve ser confiado nos fins de semana e/ou durante os períodos de férias, para que possa participar numa experiência apostólica viva. O lugar do estágio apostólico não deve ser sempre o mesmo, de

modo a permitir um encontro com diferentes realidades e formas de fazer missão antes da Profissão perpétua.

A experiência de vida comum, com os missionários ou agentes pastorais, com os seus carismas e limitações, é importante para se passar de uma visão ideal para uma compreensão real da missão. O estagiário põe à prova o seu zelo apostólico e o seu desejo de levar generosamente o amor de Cristo aos outros, especialmente aos mais pobres.

136. Admissão à renovação dos votos. Para os procedimentos de admissão à renovação dos votos temporários ver o capítulo seis do presente documento (cf. Ratio II 293-296; 301).

137. Ritual de Renovação de Votos. Para o rito da renovação dos votos, consultar o Ritual da Profissão Religiosa (cf. RPR 85-96).

138. Preparação para os Ministérios de Leitor, de Acólito, e Ordens. O candidato aos ministérios e ordens sagradas necessita de uma preparação adequada, especialmente de natureza espiritual, a fim de interiorizar as suas atitudes. A este respeito, a meditação assídua sobre os ritos de atribuição de ministérios e ordenação, que, nas orações e gestos litúrgicos, resumem e expressam o seu profundo significado, é muito útil (cf. RFIS 77). Além da preparação espiritual, há um estudo bíblico-teológico do ministério e da Ordem Sacra, bem como um estudo prático-litúrgico que desenvolve as competências necessárias para o exercício do ministério ou da Ordem Sacra, com referência à liturgia e à ação apostólica.

139. Admissão aos Ministérios. Para os procedimentos de admissão aos ministérios, ver o sexto capítulo do presente documento (cf. Ratio II 302-304).

140. Admissão à Profissão perpétua. Para os procedimentos de admissão à Profissão perpétua, ver capítulo seis deste documento (cf. Ratio II 307-312; 314).

141. Preparação imediata à Profissão perpétua. Embora todo o caminho de formação já esteja orientado para a Profissão perpétua, o ano que conduz ao compromisso definitivo na Companhia de Maria será vivido com particular intensidade. É indispensável garantir ao candidato um período adequado, dedicado exclusivamente à preparação imediata, num ambiente propício à oração e ao recolhimento.

Durante este tempo, acompanhado por um guia, o candidato à Profissão perpétua poderá rever a sua própria vida. Com a ajuda de Maria, mulher do Espírito, reconhecerá o bom fio do amor de Deus que o "teceu" e "bordou" constantemente numa história de predileção que culmina na decisão de pertencer totalmente e para sempre a Ele. Além disso, terá a oportunidade de rever os elementos essenciais da consagração religiosa, para uma renovada consciência e assimilação dos valores. Poderá fazer o mesmo com as Constituições da Companhia de Maria e os conteúdos da espiritualidade monfortina. Particularmente útil para esta preparação imediata é a experiência do "Mês Monfortino", possivelmente vivido nos lugares do Fundador, os Exercícios espirituais e o aprofundamento do Ritual Monfortino de Profissão Perpétua. A fim de reforçar o sentimento de pertença a uma Congregação internacional, a preparação imediata pode ser vivida em conjunto por candidatos de diferentes Entidades.

142. Rito da Profissão Perpétua. Para o rito da profissão perpétua, ver o Ritual da Profissão Religiosa (cf. RPR 52-84).

5. FORMAÇÃO PERMANENTE

5.1. Natureza

143. A formação permanente não se resolve com alguma esporádica iniciativa de atualização cultural, mas é uma obra que requer coragem para deixar-se moldar todos os dias pelo Senhor, para que transforme o coração e a vida. É confiando-se às mãos sábias do Divino Oleiro (cf. Jer 18,1-10) que o entusiasmo do coração é preservado com o tempo, o frescor do Evangelho é acolhido com alegria, recebem-se em dom palavras capazes de tocar a vida das pessoas e mãos capazes de ungir as feridas do Povo de Deus (cf. Francisco, Audiência aos participantes na conferência internacional sobre a *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*, 7.10.2017).

A formação permanente permite enfrentar adequadamente as formas de mal-estar, desconforto e crise que podem surgir na vida religiosa (cf. FP 11).

A formação permanente é sempre o fruto da decisão do indivíduo. Nada pode substituir o seu compromisso responsável, tal como ninguém pode jamais percorrer por ele o caminho de crescimento em Cristo e a renovação a que é chamado (cf. Ratio I 219).

5.2. Objetivo geral

144. O objetivo da formação permanente é fomentar o crescimento do religioso na plena maturidade em Cristo, na plenitude e harmonia do *homem apostólico*, de acordo com o carisma monfortino (cf. Ratio I 34). Visa também assegurar a fidelidade à vida consagrada e apostólica num caminho de contínua conversão, a fim de reavivar o dom recebido com a profissão perpétua e a ordenação sacerdotal (cf. RFIS 81).

5.3. Caminho de crescimento

145. Dimensão humana. O religioso monfortino, a fim de consolidar a capacidade de amar com um coração verdadeiramente livre, cuidará, em primeiro lugar, da sua própria maturidade humana à luz das novas exigências que vêm com as diferentes passagens da vida. Ele cresce na integração das suas próprias qualidades e limitações, das suas aspirações pessoais e da sua escolha da vida de consagração. Aprende de Jesus, Sabedoria Encarnada, como acolher e tecer laços com os outros, especialmente os que são diferentes, de outra cultura, de outra geração, expressando o amor de uma forma concreta (cf. Francisco, Discurso aos participantes no Capítulo Geral dos Irmãos de São Gabriel e membros da família monfortina, 27 de abril de 2018).

146. Dimensão espiritual. Continua a ser a área privilegiada de formação permanente, uma vez que a vida espiritual é a atmosfera em que se vive o caminho de conformação aos sentimentos da Cristo Sabedoria, apóstolo do Pai, numa constante conversão a Ele. A formação permanente é uma questão de vida interior, ou seja, de uma relação com a Sabedoria, que reconduz à razão mais profunda do chamamento à vida religiosa apostólica (cf. Mc 3,14a). Trata-se, portanto, de saborear no coração, ao longo das diferentes fases da vida, a intimidade com a Sabedoria, alimentar sempre o desejo que move a procurar, a experimentar a bem-aventurança da escuta obediente e da guarda sábia da sua Palavra, na qual ler cada acontecimento da vida e encontrar os caminhos a seguir (cf. ASE 10.30). Este caminho de constante aprofundamento da intimidade com a Sabedoria eterna e encarnada, irá introduzir no dinamismo da Trindade, a ponto de

experimentar "Deus só" (cf. Ratio I 57), e tornar cada vez mais participantes no seu amor por Maria, obtendo uma verdadeira devoção a ela (cf. VD 66-67).

147. Dimensão intelectual. Como missionários monfortinos "não é possível renunciar a interrogar-nos sobre o hoje de Deus, sobre as oportunidades e os problemas colocados à missão da Igreja pelo tempo em que vivemos e pelas mudanças que o caracterizam" (CTE 4). Por esta razão, o estudo acompanha a vida como um instrumento precioso "na busca incessante de Deus e da sua ação na complexa realidade do mundo contemporâneo" (VC 98; cf. CTE 21). Se "nada é tão doce como o conhecimento da Sabedoria divina" (ASE 10), esta Sabedoria deve ser aprofundada, desta Sabedoria deve-se aprender e reaprender o que significa viver a nossa pertença diária a Jesus através de Maria (cf. GL_1992, 2.2.2. pg. 5). É uma questão de aprender a arte do discernimento, para chegar a amar e escolher de forma esclarecida a verdadeira sabedoria de Jesus Cristo (cf. Ratio I 62). Em particular, o Padre de Montfort convida os seus missionários a sentir a responsabilidade pela Palavra de Deus que impele a progredir constantemente na inteligência do Mistério (cf. GL_1992, pg. 6) "a fim de obterem de Deus o dom da sabedoria, tão necessário a um verdadeiro pregador para conhecer, saborear e fazer saborear a verdade às almas" (RM 60; cf. ASE 30; RM 35, 78).

148. Dimensão apostólica. Da contemplação e de uma forte relação de amizade com a Sabedoria eterna e encarnada, que nos introduz no mesmo dinamismo do amor divino, vem a capacidade de viver e de levar o amor de Deus aos outros. O missionário monfortino compromete-se de todo o coração a crescer no espírito apostólico (cf. Ratio I 64), vivendo a missão nas várias fases da sua vida. Renova constantemente a paixão de dar a conhecer e

saborear a Sabedoria eterna e encarnada, a fim de acender nos outros o desejo de amá-la (cf. ASE 2).

149. A dimensão da vida religiosa. O monfortino está comprometido a integrar os vários aspectos da sua vida consagrada e sacerdotal. Trata-se de entrar generosamente na participação ativa e responsável nas iniciativas comunitárias, a fim de ser um construtor da fraternidade; de viver num sentido dinâmico a tensão que num determinado momento pode surgir entre "o homem apostólico" e "o homem de comunidade", alcançando o equilíbrio "do homem monfortino" (cf. WJC_1996, 6). Além disso, a formação permanente é uma ajuda para aceitar com sempre maior consciência a preciosa herança de S. Luís Maria, para beber de uma forma sempre nova da fonte do carisma, na consciência de que é um tesouro confiado à responsabilidade de todos para que não fique escondido, mas dê frutos (cf. João Paulo II, Carta por ocasião do 50º aniversário da canonização de S. Luís de Montfort, 21 de junho de 1997, n. 5). Por fim, trata-se de manter vivo o espírito da Companhia de Maria e de crescer nela, desfrutando da alegria de pertencer a este grupo escolhido de chamados, que o Espírito Santo reuniu no mundo e do mundo (cf. OA 18), valorizando a sua própria Entidade e comunidade.

5.4. Tempos de formação permanente

150. A formação permanente é marcada por passagens e mudanças de vida que envolvem cada monfortino no seu caminho de conformação a Jesus Cristo Sabedoria.

5A. PRIMEIROS ANOS APÓS A PROFISSÃO PERPÉTUA

1. Descrição

151. A primeira fase da formação permanente abrange o período que vai desde os primeiros anos após a Profissão perpétua até à plena maturidade. Marcam a passagem de uma vida guiada para uma situação de plena responsabilidade pessoal nas várias dimensões da vida consagrada (cf. VC 70). Estes são os anos de plena inserção na atividade apostólica onde podem surgir novos desafios que afetam a vida e o ministério. Há contradições que ainda permanecem na personalidade e que devem necessariamente ser enfrentadas (cf. RFIS 84); há o risco do hábito ou da ansiedade de chegar a resultados imediatos, de modo que contradições, um aparente fracasso, uma crítica, uma cruz (cf. EG 83) não são facilmente tolerados e cede-se à tentação da desilusão (cf. VC 70). Pode faltar capacidade geradora e paternidade espiritual no dom de si: uma pessoa centra-se em si mesma e em relações egoístas com outras pessoas. A atração pelo poder e riqueza, o apego a um cargo, a aspiração a uma carreira, pode extinguir a disponibilidade à vontade de Deus, às necessidades da Igreja e do Povo de Deus (cf. RIFS 84).

2. Objetivos específicos

152. A formação permanente acompanha o confrade para que ele possa compreender a riqueza do dom recebido e viver plenamente a juventude do seu amor e entusiasmo por Cristo (cf. VC 70).

153. Promove também no confrade o pleno desenvolvimento do seu potencial no ministério, vivido de acordo com a sua própria marca pessoal, através de um aprofundamento das suas

motivações, o cuidado por uma vida unificada que combata a fragmentação e evite o isolamento, e protege contra o risco do enfraquecimento do fervor inicial.

3. Conteúdos específicos

154. O confrade prestará atenção aos aspectos de si próprio, identificados no final do percurso da formação inicial, que precisam de ser mais amadurecidos. É importante que ele venha a harmonizar a vida espiritual, a vida comunitária e o ministério, evitando o ativismo que acaba por ser dispersivo. Além disso, aprenderá a lidar com os sucessos no ministério, bem como com as inevitáveis decepções, permanecendo fiel aos compromissos diários mesmo quando estes são pouco gratificantes. A comunidade apostólica é o lugar onde o confrade cresce na sua capacidade de se dar com entusiasmo, no seu desejo sincero de servir a Congregação e a Igreja. Na comunidade ele tem a oportunidade de partilhar a sua experiência, de aprender com a experiência dos outros, encontrando neles apoio e assistência para enfrentar e superar dificuldades nas atividades apostólicas. Por esta razão cultiva um encontro estável com os seus confrades e reforça o seu sentimento de pertença. Nos primeiros anos de inserção no apostolado da Companhia de Maria, o confrade encontra no guia espiritual um encorajamento, apoio, e ajuda no discernimento.

A Entidade presta especial atenção aos religiosos que vivem os seus primeiros anos após a Profissão perpétua (cf. Ratio II 234). Os superiores irão garantir-lhes uma certa estabilidade, graças à qual poderão encontrar os pontos de referência necessários para viverem o seu serviço de forma positiva.

5B. MEIA IDADE

1. Descrição

155. É o período da vida em que a pessoa percebe que está na plenitude da sua maturidade, experimenta a fecundidade da paternidade espiritual e conhece o pleno desenvolvimento dos seus próprios dons para o bem do Reino. É também um momento de mudança, a nível físico e psicológico, e dos primeiros balanços. A pessoa, nesta fase, pode experimentar momentos de provação e de crise. A rotina na vida fraterna gera uma certa desvalorização da comunidade. A sensação de ter alcançado no ministério resultados inferiores às próprias expectativas enfraquece a paixão apostólica. Pode ser uma autêntica crise de identidade, com diferentes manifestações que vão desde a acomodação e aceitação de uma vida medíocre, a novas formas de ativismo desequilibrado, levando mesmo, em casos extremos, a formas de vida dupla. Forma-se um vazio interior que se tenta preencher com compensações de vários tipos. Pode haver o perigo de um certo individualismo, acompanhado pelo medo de não estar à altura dos tempos, ou por fenómenos de inflexibilidade, encerramento ou declínio do fervor espiritual (cf. VC 70). Contudo, esta fase da vida, precisamente nas suas dificuldades, revela-se um momento propício para uma transformação que reorienta o coração e a vontade para uma escolha alegre e definitiva do Senhor.

2. Objetivos específicos

156. A formação permanente ajuda a descobrir a natureza específica desta fase da vida, que é a da purificação de certos aspectos da personalidade, para que a oferta de si próprio a Deus seja mais autêntica e generosa.

A formação permanente ajuda no caminho para um compromisso e um envolvimento mais profundo, através de um confronto radical com as motivações da escolha de ser monfortino, a fim de renovar de uma forma mais madura o dom total de si mesmo a Deus e aos outros.

3. Conteúdos específicos

157. A pessoa descobre a fecundidade autêntica precisamente numa época de poda. Abraça a experiência das limitações humanas e das mudanças físicas e psicológicas como estímulo para crescer no amor, na liberdade e na doação de si próprio.

Na consciência de que é por pura misericórdia que o Senhor chama alguém para o servir, relê a sua própria história à luz da gratuidade de Deus, como um antídoto para a desconfiança e o olhar mundano que encolhe o coração (cf. Francisco, Homilia, 2 de fevereiro de 2020). Amadurece, portanto, um coração magnânimo, compassivo e tolerante para consigo próprio e para os outros.

Integrando idealismo e entusiasmo num realismo saudável, vive os vários aspectos dos seus dias de uma forma equilibrada, não desistindo de se cuidar, cultivando um ritmo de vida mais contemplativo e menos frenético, não ditado pela procura de resultados, mas pela gratuidade.

Cultiva uma vida mais profunda de oração, feita de quietude, de escuta, de abandono, desenvolvendo um clima interior de confiança e de confiar-se ao Senhor. A certeza de ter um Pai que "nunca falha" é uma fonte de equilíbrio interior.

Nesta fase da vida, a pessoa purifica o dom de si da vaidade pessoal, do orgulho, da ansiedade de ser melhor do que os outros e da comparação com eles, oferecendo a própria vida ao Senhor com simplicidade.

Aprende também a "despedir-se", despojando-se do desejo de poder e da pretensão de ser indispensável.

Nas relações favorece a qualidade em detrimento da quantidade, nutrindo laços positivos e construtivos, em sinal de doação e de amor gratuito. Em particular, reacende o gosto pela vida fraterna, superando a dicotomia entre a forma de estar fora e na própria comunidade religiosa; renova a alegria de pertencer à própria Entidade e à Companhia de Maria, aceitando as suas limitações e apreciando os seus aspectos positivos.

Integra a experiência de vida e ministério numa assimilação mais profunda da espiritualidade e carisma monfortino.

Nesta fase da vida, a direção espiritual, que fomenta o conhecimento, a maturidade e o progresso espiritual, e a comunicação aberta com os Superiores, tornam-se particularmente importantes. O religioso monfortino aproveita as possibilidades de acompanhamento que são oferecidas (cf. SB_2007, pg. 9). Se necessário, recorre ao aconselhamento profissional, beneficia de um período sabático, da participação no Mês Monfortino, ou de períodos de atualização teológica, espiritual e pastoral e de renovação espiritual. Estes períodos revigoram o entusiasmo e o compromisso, integrando a experiência de anos de vida e de ministério com uma assimilação mais profunda da espiritualidade monfortina.

5C. IDADE AVANÇADA

1. Descrição

158. Com o avanço da idade surgem novos desafios a serem enfrentados. O confrade experimenta o abandono gradual da atividade apostólica. É chamado a adaptar-se às mudanças que o envelhecimento exige e a aceitar ter de depender e receber dos outros, após uma vida de autonomia e de doação. Para aqueles que durante anos se identificaram com um papel, acreditando que a plenitude da vocação reside no seu exercício, quando são privados dele podem sentir-se marginalizados na sua família religiosa. A resposta às novas tarefas evolutivas é diferente. Alguns tendem a "rejeitar" o envelhecimento, ignorando as limitações e desvantagens da sua própria idade, por medo de se sentirem inúteis ou de cederem ao isolamento e ao medo. Para outros, o avançar da idade é um presente de Deus para aprofundar o conhecimento e intimidade com Ele. É o momento de se preparar para entregar o espírito nas Suas mãos, definitivamente, com a confiança de filhos, mas também de uma renovada fecundidade.

2. Objetivos específicos

159. A formação permanente nesta fase da vida ajuda a reconhecer os primeiros sinais de limitação e fraqueza ligados ao envelhecimento.

Ajuda a crescer na sabedoria da cruz, a fim de aceitar o processo de envelhecimento.

Ajuda a identificar e a fazer próprias as formas de responder aos desafios que o envelhecimento traz consigo e a adaptar a sua vida e o seu apostolado à nova situação.

3. Conteúdos específicos

160. Nesta última fase da vida, a pessoa descobre a importância de fazer o que é possível. No ministério experimenta acima de tudo um acolhimento amoroso, intercessão, escuta, proximidade e a compaixão paterna. Na comunidade experimenta uma generosa disponibilidade para pequenos serviços, alegria na sua relação com os seus confrades mais jovens, com os quais partilha sabedoria e conselhos num espírito paternal. A capacidade de relativizar as coisas em Deus, fruto da experiência acumulada na vida, faz da pessoa uma testemunha de alegria, com um sentido de humor saudável. Relaciona-se com o tempo sabiamente, apreciando sem arrependimento o que experimentou, abraçando o presente, desfrutando do que o rodeia e recebe, entregando o amanhã nas mãos de Deus que é fiel à sua criatura. Aceitando o gradual desapego das funções, atividades, ministério pastoral, cresce na consciência de que o valor da vida não está no fazer, mas em ser um consagrado monfortino. "A sabedoria não deixará adormecer no tédio e na negligência aqueles que têm a sorte da sua amizade" (ASE 100): o Senhor, mesmo com o confrade idoso, pode e irá escrever novas páginas de santidade, serviço e oração. É uma questão de a pessoa se dar pequenos objetivos a alcançar, descobrindo possibilidades escondidas na nova condição de vida, reorganizando com criatividade o seu próprio tempo, espaço e interesses.

Pela sua parte, a comunidade expressa gratidão ao confrade idoso pelo seu serviço leal, generoso e muitas vezes discreto à Companhia de Maria e à Igreja. Além disso, demonstra solidariedade concreta com a sua condição (cf. PDV 77), especialmente ao ouvir e acolher as suas experiências e a sua sabedoria, e ao envolver-se na realidade e dinâmica da comunidade.

5D. A EXPERIÊNCIA DA DOENÇA

1. Descrição

161. A experiência da doença, na qual tomamos consciência da finitude da vida, pertence à condição humana e pode ser um momento importante no percurso de formação permanente. Integrada pessoalmente à luz da fé, torna participante da paixão de Jesus e é um meio para tornar-se mais autenticamente "amigos da cruz". Ao longo da vida a experiência da doença pode ser múltipla: uma *doença transitória* que interrompe a atividade normal; uma *doença grave* que absorve a força e testa a sensação de bem-estar, paz de espírito e fé; uma *doença ou incapacitante crônica* que afeta a vida durante longos períodos de tempo; uma *doença terminal* que leva a enfrentar a condição mortal e a reagir graças à luz da fé e da consagração.

2. Objetivos específicos

162. A formação permanente faz com que a experiência da doença se torne uma escola de paciência, suportando as dores e dificuldades consequentes; uma escola de oração, contemplando o rosto de Cristo crucificado; uma escola de humildade, aceitando as próprias fraquezas, e de ter de depender da ajuda de outros; escola de purificação, quando a confiança na Divina Providência é posta à prova pelas incertezas que surgem; escola de abnegação que se modela na sabedoria da cruz e oferece a oportunidade de se colocar inteiramente nas mãos do Pai; escola de solidariedade que une a pessoa com toda a humanidade, especialmente com aqueles que sofrem.

3. Conteúdos específicos

163. A **doença transitória**, enquanto por um lado pode representar uma ameaça à integridade da vida e interromper o

compromisso de apostolado, por outro lado é uma oportunidade para perceber que se é vulnerável e que nem tudo depende dos próprios esforços. Nestas situações, a pessoa é chamada a cuidar de si e da sua própria saúde, desfrutando de assistência médica adequada. Desta forma, reconhece a preciosidade da sua própria vida, que é um dom de Deus a ser salvaguardado. A doença também pode ser um tempo para aprofundar a união orante com Deus, e os tempos de recuperação oferecem a oportunidade de desenvolver formas de vida mais saudáveis e equilibradas.

164. A doença grave tem um forte impacto na própria vida e na vida das pessoas à sua volta, e traz consigo questões que penetram profundamente na alma. A pessoa encontra na fé uma chave para abrir o sentido mais profundo do que está a experimentar e para experimentar a doença como uma forma de se aproximar mais de Jesus Cristo. Sentindo a necessidade de presenças amorosas, acolhe Cristo como o médico que dá alívio através da graça do Sacramento da Unção dos Enfermos, e encontra em Maria a força para colocar a sua dor aos pés da Cruz, redescobrando com ela uma nova fecundidade. Aprende a arte de colocar "a água do sofrimento" nas talhas dos seus próprios dias para que seja transformada no "bom vinho da oferta de si". Quando, em situações graves de doença, a sua oração se torna difícil, o confrade aceita depender da comunidade e de outras pessoas.

165. A doença crónica é uma experiência que "oferece, no entanto, à pessoa consagrada idosa a oportunidade de se deixar plasmar pela experiência pascal, configurando-se com Cristo crucificado que cumpre em tudo a vontade do Pai e Se abandona nas suas mãos até Lhe entregar o espírito" (VC 70). A inatividade forçada pode exigir uma mudança de ministério ou forçar uma retirada do apostolado ativo. Por conseguinte, o confrade deve

aprender novas formas de viver a sua condição física e psicológica. Durante esta mudança, a pessoa precisa de encorajamento para superar sentimentos de isolamento e aparente inutilidade. Os responsáveis devem acompanhar o confrade neste delicado período de uma forma especial, fornecendo todas as formas de apoio necessárias, incluindo médicas, espirituais e psicológicas, bem como uma presença pessoal fraterna.

166. Doença terminal. Em muitos aspectos a formação leva ao momento da morte como o culminar de uma peregrinação de fé, como a último modo de conformar-se a Cristo, e como fruto de uma vida consagrada a Jesus pelas mãos de Maria. A morte representa a experiência vocacional mais elevada para a pessoa que respondeu ao chamamento de seguir Cristo (cf. Jo 21,19). É o momento em que todos os chamamentos e respostas anteriores da vida são resumidos. Assim, o processo de morte pode ser visto como um ato supremo de resposta amorosa a Deus.

Também para a comunidade, a passagem do confrade à Casa do Pai é um momento formativo, na medida em que renova a consciência da pessoal condição mortal, leva à confissão de que a vida é um dom, alimentado pela escolha de morrer diariamente para si próprio, a fim de viver a consagração monfortina.

Capítulo III - FORMAÇÃO DOS SUPERIORES E DOS FORMADORES

167. A presente Ratio traça as orientações e as normas para a formação específica dos Superiores e dos Formadores, para que na Companhia de Maria a liderança esteja ao serviço da missão e os formadores sejam motivados e preparados.

1. LIDERANÇA AO SERVIÇO DA MISSÃO.

1.1. Descrição

168. Na Companhia de Maria "Os superiores estão ao serviço da Congregação para ajudar todos e cada um dos seus membros a serem fiéis à sua vocação e à missão na Igreja e no mundo" (Eg. 161.7).

A tarefa da autoridade é acompanhar as pessoas a ela confiadas ao longo do caminho da vida, prestando atenção ao crescimento de cada um em cada fase e estado da existência (cf. FTD 13g).

O serviço de autoridade exige, portanto, uma presença constante, capaz de animar e propor, de recordar as razões de ser da vida consagrada, e nenhum Superior pode renunciar à sua missão de animação para que a comunidade se encontre unida na fraternidade plena e no serviço apostólico (cf. PdC 14).

Hoje em dia, o serviço de liderança revela-se particularmente difícil. As pessoas com autoridade podem cair no desânimo e no

desencanto perante as resistências das pessoas ou comunidades; podem ser tentadas a gerir simplesmente as situações, resignando-se à mediocridade; podem perder a coragem de indicar as metas da vida consagrada autêntica e correr o risco de perder o amor das origens e o desejo de testemunhá-lo (cf. FTD 28). Daqui nasce a necessidade de formação e apoio permanentes.

1.2. Objetivos

169. Objetivo geral. Trata-se de assegurar uma formação específica para o confrade chamado a liderar uma Entidade ou uma comunidade. Considerando que o exercício da autoridade "não é estranho à atual crise da vida consagrada" (VN 19), nunca pode ser improvisado.

170. Objetivos específicos

- a) Amadurecer uma visão de autoridade que, sendo caracterizada pelo espírito de Cristo Servo, esteja ao serviço do crescimento pessoal e comunitário e da realização do objetivo da missão.
- b) Ajudar a assumir a liderança ao serviço da Entidade ou comunidade, superando modelos obsoletos e prejudiciais (cf. VN 19-22).
- c) Reforçar os dons naturais e desenvolver as competências necessárias para o exercício da liderança serviçal, que é um verdadeiro ministério de acompanhamento dos irmãos para uma fidelidade consciente e responsável (cf. VN 41).

1.3. Caminho de crescimento

171. Dimensão Humana. O Superior cuida da sua própria saúde física, psicológica e espiritual, também para ser capaz de lidar com o stress que acompanha o exercício da autoridade.

A escolha de se concentrar não tanto no papel da autoridade mas na dinâmica da fraternidade requer no superior um coração aberto

e paciente, a capacidade de ouvir cada um individualmente, a escuta das suas expectativas, com a realidade quotidiana e com os valores vividos e partilhados na comunidade (cf. VN 41).

Para um serviço da autoridade que seja evangélico, o Superior dedica a atenção a todos os confrades que lhe são confiados e ao seu caminho de crescimento, favorecendo em cada um o dom da sua própria estima e consideração positiva, nutrindo um afeto sincero, mantendo as confidências recebidas com reserva (cf. FTD 13c) e aprendendo a reconhecer formas de desconforto ou problemáticas mais graves e críticas (cf. FP 6).

Aprofunda o espírito de colaboração, protegendo-se contra o risco de protagonismo e da autorreferencialidade (cf. VN 44) e da tentação da autossuficiência (cf. FTD 25b).

172. Dimensão Espiritual. O Superior alimenta a vida espiritual pessoal através de "familiaridade, orante e quotidiana, com a Palavra de Deus, com a Regra e as outras normas de vida, em atitude de disponibilidade para a escuta dos outros e dos sinais dos tempos" (FTD 13a). A oração, a reflexão e o conselho de outros serão úteis para crescer na atitude do discernimento (FTD 12).

Além disso, o Superior torna-se capaz de solidão, especialmente em momentos de perturbação interior e de mal-entendidos que acompanham sempre a fidelidade à sua tarefa (cf. FTD 28).

173. Dimensão Intelectual. O Superior cultiva um conhecimento adequado do carisma do Instituto, assumindo-o primeiro na sua própria experiência pessoal, e depois interpretando-o em função da vida fraterna comunitária e da sua inserção no contexto eclesial e social (cf. FTD 13e).

Ele aprofundará o seu conhecimento das Constituições, especialmente no que diz respeito ao funcionamento da sua própria Entidade ou comunidade.

Está familiarizado com os procedimentos administrativos da Congregação, contidos no Diretório Administrativo, no Diretório Económico, e na Ratio Formationis. A fim de promover a comunicação, deve esforçar-se por aprender as línguas internacionais da Congregação.

174. Dimensão Apostólica. O Superior encoraja os confrades da Entidade ou da comunidade a viver a missão na fidelidade ao carisma e espiritualidade da Companhia de Maria e a responder às necessidades da Igreja e sociedade local (cf. Const. 98).

Amadurece e cultiva uma autêntica espiritualidade de comunhão eclesial, ou seja, " uma relação efetiva e afetiva com os Pastores, antes de mais nada com o Papa, centro da unidade da Igreja" (FTD 13f).

175. A Dimensão da Vida Religiosa. O Superior está atento à valorização dos projetos e orientações propostos pelos Capítulos Gerais e das Entidades como forma de preservar e atualizar o carisma na comunidade local ou na Entidade ou em todo o Instituto (cf. FTD 13e).

Torna-se capaz de manter viva a visão e o sonho do Fundador, para que não se caia na tentação da sobrevivência que leva a "domesticar" o carisma, tirando-lhe a sua força criativa original (cf. Francis, Homilia, 2 de fevereiro de 2017).

1.4. Outras indicações formativas

176. Formação dos Superiores das Entidades. No início do mandato, as reuniões programáticas com a Administração geral

são um momento importante de formação que não pode ser ignorado. É da responsabilidade da Administração geral promover esta formação.

A reunião do Conselho Geral Extraordinário pode também incluir espaço dedicado a temas de formação de liderança.

177. Formação de Superiores Locais. No início do mandato de um Superior local, especialmente no seu primeiro mandato, o Superior da Entidade deve ter o cuidado de o inserir neste serviço. As assembleias de Superiores locais, regularmente organizadas pelo Superior da Entidade, são um momento valioso de formação permanente para partilhar as situações e as preocupações e de ajuda mútua no serviço.

178. Formação contínua. A fim de exercer eficazmente o ministério da liderança, será importante que o Superior se atualize através de um programa de formação permanente. Em particular, deve aproveitar cursos e sessões sobre liderança na vida consagrada promovidas pelas Conferências de Superiores Maiores e por outras instituições.

2. FORMADORES MOTIVADOS E PREPARADOS.

2.1. Descrição

179. Deus é o artífice paciente e misericordioso da formação para a vida consagrada e para o sacerdócio. As suas mãos trabalham através do cuidado daqueles que, na Igreja e no Instituto, são chamados a ser formadores. O seu serviço é uma graça, ou seja, um apelo específico, e ao mesmo tempo um verdadeiro ministério, parte da única missão da Companhia de Maria.

É-lhes exigido principalmente que sejam peritos no caminho da busca de Deus, capazes de transmitir aos que lhes são confiados "a beleza da sequela do Senhor e o valor do carisma em que ela se realiza" (VC 66; cf. VN 16), através do testemunho da sua própria vida (cf. SB_2013, 3.2).

A importância de ter religiosos e sacerdotes bem formados, convence cada vez mais que há necessidade de investir mais na preparação remota e permanente dos confrades para este ministério. A arte de acompanhar candidatos ou confrades exige, de facto, uma formação constante. Por conseguinte, deve-se ter constantemente em mente que a formação não pode ser improvisada e que sem uma formação sólida de formadores, não seria possível um real e promissor acompanhamento (cf. VN 16).

2.2. Objetivos

180. Objetivo geral. A formação nesta área é a resposta à necessidade urgente de ter formadores motivados que estejam à altura da sua tarefa (cf. SB_2007, pg.1), que experimentam não o fardo mas a beleza de o levar a cabo.

181. Objetivos específicos

- a) Apoiar nos formadores o processo contínuo de configuração a Cristo, nos traços humanos e espirituais próprios do discípulo missionário.
- b) Promover a aquisição das competências necessárias, entre as quais a capacidade de colaboração e comunhão e um conhecimento prático da vida monfortina (cf. WJC_1998 7).
- c) Assegurar o acompanhamento constante, especialmente dos formadores mais jovens, que estão empenhados nas primeiras etapas da formação

2.3. Caminho de crescimento

182. O formador oferece o seu serviço com simplicidade e sem pretensões, com verdade, sem falsas declarações ou dissimulações, com coragem e autoridade sem medo ou respeito humano, sem ofender ninguém com caridade, santidade, centrado apenas em Deus. A glória de Deus deve ser a sua única preocupação e ele deve primeiro praticar o que prega (cf. RM 62).

183. Dimensão Humana. A formação fortalece uma maturidade humana equilibrada que sabe reter a sua própria experiência e apresentar-se responsabilmente perante as suas próprias fragilidades e limitações, assumindo a "solidão" que acompanha o serviço de um formador.

Ao mesmo tempo cultiva uma boa distância crítica de si próprio, uma vontade de aprender, de aceitar observações, de se corrigir (cf. Diretrizes sobre a Preparação de Educadores em Seminários, Congregação para a Educação Católica, 1993, n. 34).

Consolida uma boa maturidade afetiva. O educador não é apenas um amigo e companheiro dos que lhe foram confiados, mas um verdadeiro pai e uma verdadeira mãe, chamados a gerar e a dar à

luz uma vida religiosa. E isto só é possível através do amor (cf. Francisco, *Aos formadores e formadoras*, 11 de abril de 2015). O traço da generatividade é aquela atitude de paternidade espiritual que se expressa na atenção oblativa ao outro.

Perito em humanidade, o formador torna-se capaz de um conhecimento respeitoso do coração humano, de cultivar relações baseadas na confiança e no diálogo, de criar espaços de liberdade em que todos se possam expressar e assumir as suas responsabilidades, de assegurar um acompanhamento atento, na percepção lúcida do verdadeiro bem da pessoa.

Promove a capacidade de trabalhar em colaboração, de interagir com outros agentes de formação, apreciando a contribuição dos leigos (cf. LAS, pg. 4).

184. Dimensão Espiritual. O formador não é apenas um "maestro": ele é sobretudo uma testemunha do seguimento de Cristo. A formação na dimensão espiritual ajuda a redescobrir todos os dias a alegria de ser discípulos de Jesus, a começar por uma forte amizade com o único Mestre.

Também mentaliza o formador a não colocar a confiança na própria ação, mas na providente criatividade do Espírito, único que forma os corações. Por isso a formação espiritual estimula no formador a humildade e a prudência, não se substituindo ao Espírito nem à pessoa que acompanha. Além disso, mantém o formador, nos momentos de insucesso, a não ser deixar abater quando os resultados não correspondem às expectativas.

Faz crescer na sabedoria espiritual que ajuda a discernir as ações e os sinais da vontade de Deus, e o torna sensível às moções da graça.

185. Dimensão Intelectual. A formação nesta dimensão assegura uma preparação espiritual, teológica e pedagógica específica.

Além disso, pretende cultivar um conhecimento sistemático e prático da espiritualidade e do carisma monfortino. Desta forma, o formador estará apto para transmitir as tradições da Companhia em geral e da Entidade em particular.

O formador aprofundará o seu conhecimento das Constituições e do Direito universal da Igreja, especialmente na parte que diz respeito à formação para a vida religiosa e sacerdotal, bem como a Ratio Formationis do Instituto, o Ordenamento dos Estudos, e os procedimentos administrativos da Congregação, recolhidos no Diretório Administrativo e no Diretório Económico.

Promove também a familiaridade com os rituais da Profissão, da admissão aos Ministérios e da Ordenação, e com o subsídio "Família Monfortina em Oração", a fim de interiorizar e apreciar a sua riqueza.

Aumenta as competências práticas em comunicação, nas dinâmicas de grupo, na programação, implementação e avaliação de projetos de formação.

Finalmente, encoraja a aprendizagem das línguas internacionais da Congregação.

186. Dimensão apostólica. A formação nesta dimensão alimenta o sentido pastoral dos formadores e ajuda-os a valorizar a bagagem importante da sua experiência apostólica anterior, para que saibam transmitir a sua paixão pelo Reino de Deus e se iniciem assim à missão.

Torna-os atentos aos sinais dos tempos na Igreja e no mundo, consolida uma espiritualidade encarnada, aberta ao diálogo com a cultura contemporânea.

187. A dimensão da vida religiosa. A formação nesta dimensão alimenta no formador a capacidade de testemunhar a beleza da consagração e da sequela de Cristo, pobre, obediente e casto. Cultiva também um interesse pela espiritualidade e carisma monfortino e uma paixão para comunicar e transmitir este tesouro. Nutre um sentimento de pertença à Congregação, participando com entusiasmo e fidelidade na sua vida e na vida da sua própria Entidade.

2.4. Perfil dos formadores de acordo com as etapas

188. Animador vocacional. Convicto e apaixonado pela sua própria vocação à vida religiosa, não deixa "roubar" a alegria de seguir Jesus Cristo e a coragem de o propor aos outros como o caminho, a verdade e a vida (cf. Jo 14, 6). Por esta razão, a ação pastoral do animador vocacional é, antes de mais, uma narração daquilo que enche a própria vida de sentido (cf. SB_2007, pg. 3). Movido pela confiança no Senhor e na pessoa, sabe despertar sem timidez o desejo de seguir Jesus Cristo, através de "uma proposta corajosa, evangelicamente exigente e ao mesmo tempo profundamente humana, sem descontos e sem rigidez" (Francisco, Mensagem aos participantes na conferência internacional sobre o tema: "Promoção Vocacional e Vida Consagrada". Horizontes e esperanças", Roma, 1 - 3 de dezembro de 2017).

Graças ao olhar de fé, ele tem um olhar lúcido sobre a realidade, por isso conhece bem a sociedade de hoje e as gerações atuais. Desta forma, à luz do plano pastoral vocacional do Instituto e da Igreja local, ele sabe como criar áreas e encontrar os meios apropriados para fazer ressoar hoje o chamamento do Senhor. Consciente de que a relação pessoal é insubstituível, ele está empenhado em acompanhar a pessoa, dedicando tempo e recursos

ao acolhimento e à escuta. Em particular, conhece a arte de ajudar a discernir na verdade, sem leveza nem superficialidade, as motivações humanas e espirituais que impelem a pessoa a orientar-se para a vida consagrada e sacerdotal (cf. SB_2007, pp. 3-4). Torna participantes da vida consagrada monfortina, inspirando a paixão pelo seu carisma e a sua espiritualidade, a sua forma de viver a sequela de Cristo e a sua missão.

Consciente de que a sua missão é semear, desempenha o seu ministério com perseverança e expectativa paciente, sem ceder ao desânimo ou ao pessimismo.

189. Responsável do Pré-Noviciado. Em continuidade com a animação vocacional, a pessoa responsável pelo Pré-noviciado acompanha o candidato no discernimento da sua vocação, ajudando-o a avaliar e purificar as suas motivações à luz da radicalidade evangélica (cf. SB_2007, pg. 4), educando-o na fé e na escuta de Deus que chama (cf. 1 Sm 3, 8b-10), formando as atitudes humanas e cristãs que alimentam a resposta ao chamamento de Deus (cf. Fl 2:3-5a).

Em particular, cultiva relações interpessoais abertas, que encorajam a confiança. Com adequadas intervenções formativas, oferece um apoio personalizado que permita ao candidato descobrir as suas próprias capacidades, de prosseguir no crescimento humano e o caminho da fé, superando as dificuldades que possa encontrar, e interiorizar progressivamente os valores humanos, cristãos e carismáticos.

Ao criar uma atmosfera fraterna que fomenta a colaboração e a corresponsabilidade, desenvolve e implementa um programa específico que preveja colóquios pessoais regulares e encontros sistemáticos de formação.

190. Mestre dos noviços. Distingue-se pela qualidade e a coerência da sua vida consagrada, pelo seu conhecimento das dinâmicas da vida espiritual, e pela sua experiência da espiritualidade monfortina.

Tem a delicada tarefa de guiar o noviço para a alegria de pertença a Deus e de o iniciar gradualmente no espírito próprio do Instituto (cf. CIC, cân. 652 § 1). Por este motivo, torna-se o seu companheiro de viagem, partilhando o pão da sua experiência espiritual, sem assumir uma atitude autoritária, nem invadir o espaço do mistério do outro. Pelo contrário, ele suscita confiança na pessoa, favorece a clareza de consciência que leva a deixar transparecer com simplicidade a verdade que cada um traz dentro de si. O encontro pessoal constante permite verificar o crescimento e a integração da experiência do noviciado (cf. SB_2007, pg. 3).

Compete-lhe implementar o programa do Noviciado, estabelecer um plano de ação flexível e adaptado a cada candidato, e proceder a avaliações periódicas.

Se necessário, o Mestre de Noviços pode ser assistido por outros confrades que dependem dele para a condução do Noviciado e para o programa de formação (cf. CIC, cân. 651 § 2).

A figura do "socius" é de particular importância. A sua tarefa exige humildade, sacrifício e um espírito de adaptação. É chamado a apoiar o Mestre de Noviços, encorajando-o como irmão, e a agir em complementaridade na organização da vida do Noviciado.

Sem prejuízo da liberdade no foro interno para o sacramento da reconciliação, é útil para o Mestre de Noviços assumir o papel de diretor espiritual. No entanto, outro religioso da Companhia de Maria, devidamente preparado e escolhido, poderia também realizar este serviço.

É da responsabilidade do Mestre de Noviços aproveitar a contribuição de outros colaboradores, especialmente para a proposta e aprofundamento dos conteúdos próprios do Noviciado.

191. Responsável pela etapa dos votos temporários.

Distinguindo-se pela prudência, sabedoria e equilíbrio, e deixando-se guiar pela luz do Espírito, ele vive o seu serviço de formador como um dom que lhe permite crescer e ajudar outros a fazer o mesmo (cf. SB_2007, pg. 5).

Ele esforça-se por oferecer os meios necessários para o discernimento e maturidade profissional (cf. RFIS 134), continuando a ação formativa iniciada na fase anterior, criando um clima de diálogo e dando orientações claras e fortes, de acordo com o espírito monfortino, para assegurar um processo de formação sistemático, completo e gradual.

É seu dever ajudar os professos temporários a encarnar os valores da espiritualidade monfortina e da Profissão Religiosa na vida quotidiana concreta, integrando gradualmente fé e vida, teoria e prática, contemplação e ação.

Também facilita uma plena experiência da vida da Congregação que permite aos professos temporários e ao Instituto ter a certeza de que neles estão presentes as condições necessárias para um compromisso definitivo.

Deve acompanhar os professos temporários com sensibilidade e firmeza na vida fraterna em comunidade, ajudando-os a crescer na aceitação, no respeito e estima pelos seus confrades de todas as idades, culturas e formação.

192. "Mentor" ou "Irmão mais velho" nos primeiros anos após a Profissão perpétua. Para além de uma comunidade e de um ministério, é necessário assegurar nos primeiros anos após a

Profissão perpétua a presença de um confrade, possivelmente diferente do Superior da Entidade, que esteja disponível para um acompanhamento sério e sereno.

Trata-se de um "irmão mais velho" que se distingue pela sua maneira de se relacionar com os outros. Um espírito acolhedor, franqueza, mente e coração abertos, a capacidade de discernimento e encorajamento paternal são as suas qualidades (cf. SB_2007, pg. 7).

193. Responsável da formação permanente. É desejável que o Superior da Entidade seja acompanhado por um colaborador ou equipa a quem possa confiar a animação e a implementação concreta de iniciativas comuns para a formação permanente. Para promover a formação permanente, de facto, "não é suficiente um gesto esporádico, uma decisão ou outra, ou uma escolha operativa. Trata-se de abrir e de apoiar uma dinâmica permanente que tenha relação e incidência sobre toda a vida comunitária e pessoal" (CSB 56). Isto é especialmente importante para os confrades do grupo da meia-idade que têm o Superior da Entidade e o Superior local como seus principais interlocutores para a formação.

194. Pessoa que acompanha o confrade nas últimas fases da vida. Acompanhar um irmão enquanto ele dá os últimos passos da sua peregrinação para a casa do Pai é simultaneamente uma graça e uma oportunidade para expressar a participação fraterna e espiritual.

Para poder oferecer, de forma adequada, todo o apoio necessário, aquele que está próximo do confrade deve estar familiarizado com as fases psicológicas da morte, as formas de interação e as tarefas envolvidas.

Deve também ter a sensibilidade de envolver a família ou outras pessoas significativas na vida do confrade e saber utilizar todos os meios espirituais para confortar, apoiar e rodear o confrade com a luz e a graça consoladora do Senhor.

2.5. Outras indicações formativas

195. Escolha de formadores. Um dos desafios que está sempre em aberto é a necessidade de prestar grande atenção à escolha dos formadores (cf. VN 16). A improvisação por parte dos Superiores deve ser evitada a todo o custo. Após um cuidadoso discernimento, é útil identificar o confrade em tempo útil para que ele possa aprofundar a sua motivação e cuidar da sua preparação específica. Idealmente, o confrade deveria ter experiência pastoral. Além disso, é importante que o confrade assuma um compromisso consciente, explícito e cordial ao serviço da formação, e é apropriado que a primeira experiência não envolva responsabilidade direta. Os Superiores devem ter uma preocupação permanente de preparar novos formadores, respeitando a duração do mandato e assegurando uma rotatividade.

196. Acompanhamento permanente. O formador, sempre a caminho na direção de uma identidade humana, cristã e carismática sólida, encontra um recurso importante ao deixar-se acompanhar por um diretor espiritual e por outros guias competentes.

197. Ação formativa em equipa. A ação formativa nunca pode ser isolada e individual, uma vez que se trata de um processo comunitário. Portanto, os formadores "em vista da eficácia do seu trabalho, devem considerar-se e agir como uma verdadeira

comunidade de formação, partilhando uma única responsabilidade, no respeito das competências e das tarefas confiadas a cada um" (RFIS, Introdução 3). A ação concertada dos formadores constitui um exemplo, assegura um itinerário coordenado e faz amadurecer frutos robustos na formação (cf. Ratio I 196). O princípio da comunhão traduz-se também em coesão e colaboração entre os responsáveis pelas várias etapas da formação.

198. Ministério da formação e outras tarefas. Para uma formação real e incisiva é importante que os formadores estejam envolvidos a tempo inteiro no seu ministério de formação (cf. RFIS 49.132). Se o formador for convidado a assumir outros compromissos apostólicos, estes não devem ser em detrimento da prioridade do serviço à formação.

Capítulo IV - QUESTÕES PARTICULARES

199. Duas questões necessitam de critérios e normas de discernimento e acompanhamento: admissão e a demissão, especialmente em alguns casos particulares, e a formação no respeito pelas pessoas vulneráveis.

1. ADMISSÃO E DEMISSÃO

200. Em geral, a primeira admissão de candidatos deve ser muito cuidadosa, "uma vez que não é raro os candidatos continuarem o processo de formação considerando cada etapa como uma consequência e extensão deste primeiro passo" (cf. RFIS 189).

O Superior da Entidade, com a ajuda dos formadores, avaliará o contexto familiar dos candidatos, a saúde física e mental, as qualidades humanas e morais, espirituais e intelectuais, e a retidão de intenção (cf. Ratio II 218).

1.1. Saúde física e psíquica

Saúde física.

201. No momento da entrada em formação, o candidato é obrigado a demonstrar que está num estado de saúde compatível com o estilo de vida dos missionários monfortinos. Em particular, terá de apresentar os resultados dos exames médicos gerais,

provando que tem uma constituição saudável e robusta, bem como qualquer documentação de doenças, operações ou terapias específicas do seu passado (cf. RFIS 190).

É necessária muita cautela e uma avaliação prudente e personalizada para a admissão de candidatos orientados para o presbiterado que não podem tomar glúten, porque sofrem de doença celíaca, ou álcool etílico sem danos graves (cf. Congregação para a Doutrina da Fé, Carta Circular, 24 de junho de 2003; cf. RFIS 190).

202. Devem ser mantidas e verificadas as condições de saúde adequadas ao longo de todo o período de formação. A este respeito, é importante desenvolver um estilo de vida que tenha em conta o exercício regular, uma dieta saudável e equilibrada, higiene e limpeza do corpo, evitar o tabaco e moderar o consumo de álcool, um ritmo equilibrado de trabalho e descanso³ e a consulta regular com o médico.

Saúde psíquica.

203. É necessário que o candidato à vida religiosa e ao sacerdócio tenha maturidade humana e equilíbrio psicológico, emocional e sexual suficientes para viver serenamente as exigências da sua vocação. Por esta razão é bom não admitir à formação, aos votos e ao sacerdócio um candidato com psicopatologias graves, manifestas ou latentes, tais como esquizofrenia, paranoia, desordem bipolar, parafilias, etc. (cf. RFIS 191). Uma avaliação

³ O descanso de uns e dos outros, mas sem ociosidade, é da responsabilidade de todos. O exercício físico é, na medida do possível, desejável para todos. O prazer saudável e a atividade lúdica, que não contradizem os valores da vida religiosa, ajudam a relaxar, a gerir racionalmente as reações e emoções, sem se deixarem invadir pelo descontentamento, desânimo ou exaltação (cf. VFC 28).

psicológica será, portanto, conveniente, tanto para a admissão ao Pré-Noviciado, como posteriormente quando parecer útil para os formadores (cf. RFIS 193).

204. A utilização de especialistas em ciências psicológicas é uma ajuda para os formadores, mas é a eles que compete o discernimento vocacional. A sua contribuição pode ser um instrumento útil na perspectiva da admissão, permitindo conhecer melhor o carácter e a personalidade dos candidatos e oferecer um serviço de formação mais adaptado às condições do indivíduo (cf. RFIS 192).

205. A ajuda psicológica também pode ser oferecida aos candidatos durante a sua formação como acompanhamento do seu crescimento vocacional no sentido de uma maior maturidade humana e afetiva. Deve ter-se o cuidado, no entanto, de que este apoio psicológico não entre em conflito ou em competição com o acompanhamento espiritual.

206. O recurso à ajuda psicológica também pode ser necessário noutras fases da vida da pessoa consagrada, especialmente em momentos de "crise". Esta ajuda, recebida num espírito de fé, permitirá à pessoa crescer cada vez mais na sua vocação (cf. VC 70; VFC 38).

207. Na escolha dos psicólogos deve ter-se em mente que eles devem partilhar abertamente a concepção cristã da pessoa humana, da sexualidade, e da vocação ao sacerdócio e ao celibato (cf. UCP 6; cf. RFIS 192). Além disso, é apropriado que conheçam a dinâmica e as exigências da vida consagrada (cf. VFC 38) e, se possível, a realidade da Companhia de Maria.

208. Qualquer que seja o tipo de intervenção psicológica utilizada, os seguintes elementos devem ser respeitados:

a) A condição de liberdade, que é necessária para uma intervenção psicológica eficaz. Os formadores avaliarão as razões apresentadas pelo candidato se este se recusar a submeter-se a um aconselhamento psicológico. Além disso, não forçarão de modo algum a vontade do candidato, mas procederão com prudência no trabalho de discernimento com o conhecimento que possuem (cf. UCP 12).

b) A manifestação pelo interessado de consentimento prévio, dado por escrito, informado e livre (cf. RFIS 194; UCP 12).

c) O direito ao bom nome que a pessoa goza e a defender a sua intimidade (cf. CIC, cân. 220) para cuja proteção "pode recorrer livremente a um perito, escolhido de entre os indicados pelos formadores, ou a um escolhido por ele e aceite por eles" (UCP 12).

d) O perito, após completar a sua avaliação e tendo em conta as indicações que lhe foram dadas pelos formadores, comunicará o seu contributo para a compreensão da personalidade do candidato e dos problemas que está a enfrentar e terá de enfrentar, ao próprio candidato e, apenas com o prévio consentimento escrito deste último, ao Superior da Entidade, ao Responsável da formação e ao Diretor espiritual, que têm legitimidade para conhecer tais dados em virtude do seu cargo (cf. UCP 15; RFIS 195).

1.2. Candidato de idade adulta

209. Pode tornar-se cada vez mais comum aceitar um candidato na vida adulta que, após ter alcançado uma certa autonomia de vida e estabilidade numa atividade profissional, sente o apelo à vida consagrada monfortina. Apresenta-se "com uma

personalidade mais estruturada e um percurso de vida caracterizado por experiências diversificadas" (RFIS 24).

210. O acompanhamento requer respeito pelas indicações para um discernimento sério das motivações (cf. Ratio II 65-70). Em particular, o Responsável pela formação deve avaliar cuidadosamente no candidato a capacidade de viver num contexto de formação com pessoas mais jovens, de seguir um programa académico, de se adaptar ao estilo de vida da comunidade religiosa, bem como de participar na missão da Companhia de Maria uma vez concluído o processo de formação inicial. É também uma questão para examinar, a possível situação de trabalho do candidato, verificar a adequação de uma licença de ausência do trabalho, e clarificar a sua situação financeira.

1.3. Candidato proveniente de outros seminários ou institutos de formação

211. A admissão no processo de formação de candidatos que saíram ou, a fortiori, se demitiram de outros seminários ou casas de formação, deve ser permitida com a maior prudência. Antes de qualquer admissão, os formadores com discernimento cuidadoso devem obter "as informações necessárias dos seus respetivos bispos ou superiores maiores, especialmente no que diz respeito às causas da demissão ou saída" (UCP 16), obtendo documentação, incluindo documentação psicológica, relativa ao tempo que a pessoa passou noutro instituto de formação (cf. RFIS 198).

212. A pessoa que pede para ser admitida no processo de formação deve explicar no seu pedido "o seu percurso pessoal e as

motivações que, precedentemente levaram à demissão ou ao abandono de um anterior instituto de formação"(RFIS 198).

1.4. Pessoas com tendências homossexuais

213. Embora o principal requisito para o candidato à vida religiosa monfortina seja o chamamento de Deus e a capacidade de viver o estilo de vida próprio do Instituto, para a admissão de uma pessoa com uma inclinação homossexual ao caminho da formação é necessário avaliar muito cuidadosamente o nível de maturidade afetiva e sexual do candidato (cfr. HP 3).

214. Embora respeitando profundamente as pessoas com tendências homossexuais, a Companhia de Maria, em consonância com a Igreja, não pode admitir a iniciar o caminho da formação "daqueles que praticam a homossexualidade, apresentam tendências homossexuais profundamente enraizadas, ou apoiam a chamada "cultura gay". (cf. PTH 2; cf. RFIS 199).

215. Se as tendências homossexuais são apenas a expressão de um problema transitório, como a adolescência ainda não realizada, devem, no entanto, ser claramente ultrapassadas pelo menos três anos antes da Profissão perpétua (cf. PTH 2; cf. RFIS 200).

216. O candidato, numa relação de diálogo sincero e de confiança mútua, é obrigado a dar a conhecer aos formadores quaisquer dúvidas ou dificuldades nesta área. Seria gravemente desonesto que um candidato escondesse a sua homossexualidade para ter acesso, apesar de tudo, à Profissão perpétua e à Ordenação sacerdotal (cf. RFIS 200).

217. Se um candidato praticar a homossexualidade, o seu diretor espiritual, bem como o seu confessor, têm o dever de o dissuadir, em consciência, de proceder à Profissão Perpétua e à Ordenação Sacerdotal (cf. PTH 3; cf. RFIS 200).

1.5. Avaliação da idoneidade

218. O ato de discernimento da idoneidade de um candidato nunca é meramente formal, mas representa a avaliação abalizada da vocação de uma pessoa concreta e do seu desenvolvimento por aqueles que são delegados para a avaliar por mandato e em nome da Congregação (cf. RFIS 204). A idoneidade deve ser manifestada por escrito de forma clara e fundamentada, com base na certeza moral fundada em argumentos positivos, e não simplesmente na ausência de situações problemáticas.

219. O Superior da Entidade tem a responsabilidade canónica final e definitiva pela admissão à Primeira profissão e à renovação dos votos; no entanto, tem o dever moral de considerar com a maior atenção a avaliação da comunidade formativa expressa pelo Responsável da formação. É conveniente que o Superior manifeste a sua vontade sob a forma de um decreto, com pelo menos uma declaração geral das razões da decisão (cf. RFIS 210).

1.6. Demissões

220. O caminho da formação deve ser interrompido se o candidato, apesar dos seus esforços, o apoio do psicólogo ou da psicoterapia, continuar a manifestar uma incapacidade de lidar realisticamente, embora com a gradualidade de todo o crescimento humano, com as suas próprias imaturidades sérias: fortes dependências afetivas, notável falta de liberdade nas relações, excessiva rigidez de

carácter, falta de lealdade, identidade sexual incerta, tendências homossexuais fortemente enraizadas, etc. (cf. UCP 10).

221. Se, após consultar os seus colaboradores e o Superior da Entidade, o Responsável por uma etapa da formação considerar necessário despedir um candidato em qualquer altura do percurso, esta orientação deve ser posta por escrito, com uma exposição prudente, pelo menos sumária, mas de qualquer forma suficientemente indicativa (cf. CIC, cân. 51), das circunstâncias que a motivaram, como síntese do discernimento feito (cf. RFIS 197). A orientação da pessoa responsável pela formação é remetida ao Superior da Entidade para uma decisão final.

2. FORMAÇÃO PARA A PROTEÇÃO DAS PESSOAS VULNERÁVEIS

222. A proteção e cuidado de cada pessoa, especialmente dos mais frágeis e vulneráveis, faz parte do ministério e serviço que os religiosos e sacerdotes da Companhia de Maria prestam à Igreja e às sociedades em que vivem e trabalham em muitas partes do mundo. Cada pessoa confiada aos seus cuidados é um filho, uma filha de Deus. Daí a tarefa e o dever - livremente escolhido - de se colocar humildemente ao seu serviço para que todos possam ter a plenitude da vida (cf. Jo 10,10). Nenhum monfortino pode isentarse de trabalhar constante e ativamente para criar um ambiente saudável e seguro para os mais vulneráveis.

223. O fenómeno dos abusos é complexo e tem causas tanto individuais como institucionais. Estudos recentes mostraram que existe uma correlação entre a má formação dos candidatos ao

sacerdócio, especialmente a nível humano, e o abuso sexual de pessoas vulneráveis⁴.

224. Este facto põe em causa o projeto de formação da Companhia de Maria e das Entidades. Uma formação humana séria dos candidatos à vida religiosa e ao sacerdócio, para além de ter um papel fundamental no caminho para um compromisso definitivo (cf. PDV 43), no contexto mais amplo dos esforços que a Igreja está a fazer para proteger menores e adultos vulneráveis, assume também uma função preventiva. Quanto mais rigorosamente o candidato for escolhido e formado do ponto de vista humano, mais o ambiente eclesial em que será chamado a trabalhar será também saudável e seguro para menores e adultos vulneráveis.

225. A este respeito, é apresentada uma série de indicações de que em cada Entidade deverá ser integrada no processo de formação, tanto nas suas fases iniciais como na fase mais inclusiva da formação contínua ou permanente.

2.1. Indicações para o discernimento vocacional e seleção de candidatos

226. Nesta fase é de capital importância recolher o maior número de informações possível sobre o candidato, a fim de poder

⁴ K. J. Terry - K. Schulth - M. L. Smith, *Incidence of Clerical Sexual Abuse over Time: Changes in Behavior and Seminary Training between 1950 and 2008*, in T. G. Plante - K. L. McChesney, *Sexual Abuse in the Catholic Church. A Decade of Crisis 2002-2012*, Praeger, Santa Barbara, 2011, 17-30. M. Applewhite, «Lessons for Seminary Formation Found in the Pages of the John Jay Studies», *Human Development*, 33 (3) 2012, 9-14. M. Keenan, *Child Sexual Abuse and the Catholic Church. Gender, Power, and Organizational Culture*, Oxford University Press, New York 2012.

conduzir um discernimento sério e assim decidir se se aceita ou não o seu pedido de admissão (cf. Ratio II 65; 262).

Em particular, a avaliação psicológica da personalidade por um psicólogo acreditado, ou seja, um psicólogo registado na “ORDEM”, deve incluir uma análise do desenvolvimento psicosssexual do candidato e fornecer elementos relativos à sua aptidão para levar uma vida de castidade no celibato.

227. Um candidato que tenha estado envolvido em crimes ou situações problemáticas nas relações com menores ou adultos vulneráveis não pode ser admitido.

2.2. Indicações para as etapas da formação inicial

228. Os aspectos seguintes dizem respeito às fases de formação inicial, especialmente o período geralmente mais longo, o dos votos temporários. São elementos de importância absoluta e devem ser levados a sério.

229. Se se souber que o candidato, durante qualquer fase do processo de formação, esteve envolvido em crimes ou situações problemáticas em relação a menores ou adultos vulneráveis, o candidato deve ser despedido (cf. RFIS 202).

230. No contexto de um programa articulado e contínuo de formação humana, é da maior importância insistir nos aspectos psicossociais e psicosssexuais de uma vida saudável, tendo em vista a castidade no celibato que educa à afetividade, qualifica a competência emocional, e reforça a capacidade de estabelecer relações adequadas. É necessário ajudar os candidatos a identificar as suas próprias capacidades, a trabalhar nas suas fraquezas e a

adquirir os instrumentos necessários para enfrentar os desafios que uma vida de castidade no celibato lhes irá apresentar.

231. Um candidato que tenha sofrido abusos deve ter assegurado um acompanhamento adequado (cf. RFIS 202). Este aspecto pressupõe que o candidato se sinta livre para partilhar com o formador a experiência de abuso a que foi submetido. É por isso importante que o formador seja capaz de criar na comunidade e na relação com o candidato as condições para que este último encontre a força e a coragem para se abrir e assim ser ajudado.

232. Deve ser dada formação específica para a prevenção do abuso sexual e outras formas de exploração de menores (cf. RFIS 202). Isto deve incluir um estudo aprofundado das Diretrizes em vigor na Entidade sobre a prevenção de abusos. Em cada uma das fases do processo de formação inicial, devem ser organizadas sessões educativas para fins formativos e preventivos. Para além de aspectos específicos relacionados com o tema do abuso, tais como os efeitos sobre as vítimas, tipos de abuso e abusadores, sinais de aviso, fatores de risco, é necessário insistir no equilíbrio entre distância e proximidade (respeito pelos limites pessoais de natureza física, emocional e comportamental) e no que cada confrade pode e deve fazer para prevenir abusos e proteger os mais frágeis.

233. Um candidato que, após as devidas instruções na prevenção de abusos, se comporte de forma contrária às disposições em vigor nas Diretrizes das Entidades deve ser despedido.

2.3. Indicações para a formação permanente

234. Para o confrade durante os primeiros anos do seu empenho no ministério, dever-se-ia pensar também num serviço de verdadeira supervisão ou orientação pastoral, como acontece em outras "profissões" que lidam com pessoas. Para além de assegurar o aspecto da responsabilidade pessoal, este serviço ajudará e apoiará o confrade na criação e salvaguarda de um ambiente pastoral saudável e seguro para os menores e os mais vulneráveis.

235. Os momentos de renovação espiritual e formação humana, organizados por cada Entidade para os confrades, devem incluir uma formação permanente na dinâmica, incidência, identificação e prevenção do abuso sexual de menores e adultos vulneráveis.

236. No caso de um confrade com votos perpétuos ser acusado de abuso de menores ou de conduta sexual imprópria com um adulto, devem ser seguidas as indicações do documento *Critérios de base*⁵ e as *Diretrizes* da Entidade a que pertence ou da missão relativa à proteção de menores e adultos vulneráveis.

⁵ Compagnie de Marie, *Critères de base pour le traitement des cas d'abus de mineurs et mauvaise conduite sexuelle avec les adultes*, Rome 2015.

Capítulo V - ORDENAMENTO DOS ESTUDOS (*Ratio Studiorum*)

237. Este capítulo não apresenta um esboço das várias disciplinas que compõem o plano geral de estudos, para o qual remetemos para as indicações gerais da Igreja (cf. RFIS 153-187), mas sim uma visão geral das áreas de estudo, enfatizando a integração com a espiritualidade e o carisma monfortino, e as matérias que respondem às exigências específicas do exercício do ministério. Uma organização de estudos atenta a estas áreas permitirá ao candidato preparar-se adequadamente para a missão monfortina, e se necessário para o Irmão coadjutor também do ponto de vista profissional (cf. Eg. 155.4), e para cada membro da Companhia de Maria estar constantemente atualizado no seu serviço apostólico.

1. DISCIPLINAS ACADÉMICAS E A SUA INTEGRAÇÃO

238. *Formação filosófica e teológica.* Os estudos filosóficos são indispensáveis para um diálogo sério com o pensamento contemporâneo e com a sociedade, para o qual se é chamado a proclamar a mensagem de salvação (cf. RFIS 158; FR 64.99).

A formação teológica é fundamental no processo de preparação para a Profissão perpétua e para o sacerdócio porque através dos estudos teológicos o candidato cresce na vida espiritual e está preparado para cumprir a sua missão (cf. RFIS 165). Para o candidato ao sacerdócio, a duração dos estudos académicos em

Filosofia deve corresponder a pelo menos dois anos ou a um número de horas adequado de acordo com os sistemas escolares em vigor no país. Além disso, a duração dos estudos teológicos deve ser de pelo menos quatro anos ou um número de horas proporcional (cf. RFIS 154).

239. *Aprofundamento sistemático da mariologia.* Uma preparação mariológica séria é uma componente fundamental do missionário monfortino, o qual é chamado a ser um "especialista" neste campo. É por isso importante promover e assegurar uma formação mariológica integral que abrace o estudo, o culto e a vida (cf. VMF 34), e contribua para o amadurecimento de uma sólida espiritualidade mariana e para um serviço esclarecido e qualificado ao Povo de Deus na ação pastoral.

240. *Integração de cursos académicos a partir de uma perspectiva monfortina.* Trata-se de estudar e aprofundar temas de monfortinos relevantes para os vários cursos frequentados pelos candidatos. Deste modo, os conteúdos da formação teológica são harmonizados com a doutrina, a espiritualidade monfortina e o carisma da Companhia de Maria. Um itinerário adequado, em continuidade com o que foi iniciado no Noviciado, permitirá uma assimilação vital do carisma e da missão da Companhia de Maria, através de uma retomada mais profunda da vida, do contexto histórico-cultural, das obras e da espiritualidade do Fundador, integrando as várias disciplinas teológicas. Em particular, será útil desenvolver a componente apostólica dos vários temas da espiritualidade monfortina: o caminho batismal e mariano, a centralidade da pregação, a pedagogia missionária do Fundador, a sua escolha de missionário popular e a favor de uma pastoral de proximidade, o envolvimento dos leigos, o uso pastoral do Rosário

e dos Cânticos. O aprofundamento da história do Instituto e da sua própria Entidade, especialmente nos seus desenvolvimentos mais recentes, a leitura dos documentos produzidos de tempos a tempos pela Direção geral, oferecem aos religiosos de votos temporários a possibilidade de crescerem no sentido de pertença à Companhia de Maria.

241. *Conhecimento sistemático dos escritos de São Luís Maria de Montfort e das interpretações contemporâneas da espiritualidade monfortina.* Isto permitir-nos-á definir melhor a identidade do missionário monfortino e saber como partilhar autenticamente o tesouro do carisma hoje.

242. *História da espiritualidade cristã e das correntes que contextualizam a mensagem de São Luís Maria,* com particular referência à Escola Francesa de Espiritualidade.

243. *Hagiografia.* O objetivo é promover o conhecimento da vida espiritual e da teologia dos santos que tiveram uma influência particular na experiência e espiritualidade de Montfort.

244. *Elementos de espiritualidade presbiteral.* O estudo dos fundamentos doutrinários e dos elementos essenciais da espiritualidade presbiteral ajudará a combiná-la com a espiritualidade da vida religiosa monfortina, apreciando o que é específico.

245. *Elementos da cultura humanista, história e sociologia.* Em vista de uma ação pastoral eficaz, o candidato deve adquirir um conhecimento adequado da história, cultura, tradições, numa palavra, do contexto sócio-religioso em que é chamado a trabalhar.

246. *Missiologia e inculturação.* Esta é uma preparação específica a nível teológico-pastoral, em diálogo com as outras ciências, para uma verdadeira inculturação da mensagem evangélica.

2. DISCIPLINAS "MINISTERIAIS"

247. *A arte da celebração.* "A Igreja evangeliza e é evangelizada pela beleza da liturgia" (EG 24). Daí a importância de aprofundar *a arte da celebração* para que a liturgia possa ser uma ação cheia de fé, de participação, de criatividade, aproveitando ao máximo a linguagem, os gestos, os sinais, respeitando as normas e, obviamente, o espírito da liturgia (cf. SCa 38.40). Em particular, o conhecimento dos livros litúrgicos em vigor, das *Instruções Gerais do Missal Romano* (cf. IGMR) e do *Ordenamento das Leituras da Missa* (cf. OLM) permitirá apreciar toda a sua riqueza.

248. *A arte da pregação.* A pregação no apostolado não é uma arte fácil, mas uma realidade complexa que pressupõe múltiplas competências e formação constante (cf. RM 60-65). Requer uma preparação remota, baseada na Palavra de Deus e nas disciplinas teológicas e humanas, com vista a uma comunicação eficaz, e uma preparação imediata cuidadosa, que tenha em conta, por um lado, a Palavra a anunciar e, por outro, o contexto a que a mensagem se destina (cf. EG 145-159). Para a formação dos candidatos ao sacerdócio *na arte da pregação* no contexto da liturgia, o estudo do *Diretório Homilético* é útil (cf. DH; cf. também EG 135-142).

249. *Ministério da Confissão.* São Luís Maria de Montfort recorda aos seus missionários o compromisso de ganhar o seu pão não só no púlpito, mas também no confessional (cf. ACM 10). É importante iniciar os futuros sacerdotes no ministério da

reconciliação, porque não se improvisam confessores. Uma pessoa torna-se um confessor quando, em primeiro lugar, se torna um penitente em busca de perdão (cf. MV 17). O estudo e a oração proporcionam o conhecimento e a prudência necessários para o exercício pastoral do ministério da reconciliação. Um conhecimento adequado do *Rito da Penitência* (cf. RP) e dos *subsídios* para confessores (cf. MMD 64-134) será de grande utilidade, bem como formar-se nas problemáticas relativas ao matrimônio e à família (cf. PMF 8).

250. *Formação para o anúncio e a catequese.* É necessária uma preparação adequada dos futuros Irmãos e Presbíteros monfortinos nesta área (cf. Diretório para a Catequese, Conselho Pontifício para a Promoção da Nova Evangelização, 2020, n. 151). Ter-se-á o cuidado de integrar na Ratio local as indicações do Diretório para a Catequese (cf. op. cit. nn. 152-153).

251. *Formação para o acompanhamento espiritual.* O aconselhamento e acompanhamento espiritual é parte integrante do ministério da pregação, da reconciliação e da catequese. No período de preparação para a Profissão perpétua e para o sacerdócio, a iniciação à arte do acompanhamento aparece cada vez mais necessária e urgente (cf. EG 169-173), através do estudo da teologia espiritual, do conhecimento da dinâmica da vida espiritual, bem como dos fundamentos do discernimento dos espíritos, pedagogia e psicologia (cf. RFIS 178).

252. *Formação em piedade popular.* A piedade popular é um tesouro que tem em si mesmo um grande poder evangelizador. Por esta razão deve ser conhecido e apreciado nos seus valores e significados mais autênticos. A formação à piedade popular, que

encontra um instrumento precioso no Diretório (cf. PPL), em particular, permite purificar, rever e atualizar devoções e práticas piedosas que se referem explicitamente e se baseiam na espiritualidade monfortina, orientando-as para a liturgia, harmonizando-as com a oração litúrgica, e libertando os elementos sujeitos ao desgaste do tempo.

253. *O caminho da beleza.* A estratégia missionária de São Luís Maria de Montfort testemunha o seu gosto pela beleza como elemento pedagógico que visa fazer com que as pessoas amem Cristo. Basta pensar na boa organização das procissões e celebrações, na valorização dos cânticos, no cuidado das igrejas nas suas missões. É necessário formar as pessoas para reconhecer que as expressões de autêntica beleza são uma forma de evangelização e catequese (cf. EG 167) e para lhes permitir fazer o uso correto das artes no campo pastoral. O currículo dos estudos deve também incluir um conhecimento de música sacra, assegurar uma preparação musical prática, e fomentar o desenvolvimento de talentos naturais (cf. RFIS 181).

254. *Dimensão social da evangelização.* O programa de estudo deve incluir cursos sobre doutrina social e pastoral da Igreja, suscitando interesse e sensibilidade para os temas da fraternidade e amizade social (cf. FT), o compromisso com a justiça e a paz, a salvaguarda da criação, e o diálogo ecumênico e inter-religioso com a sociedade civil, a cultura e as ciências. Um instrumento útil e apropriado é o estudo do *Compêndio da Doutrina Social da Igreja* (cf. DSI), bem como o conhecimento e estudo aprofundado das grandes encíclicas sociais (cf. EDS).

255. *Trabalho de equipa e liderança.* Aqueles que se dedicam à missão monfortina e à proclamação do Evangelho em geral são convidados a aprender a trabalhar em equipa e a exercer a liderança de modo apropriado.

256. *A Arte de comunicar e os meios de comunicação.* A arte de comunicar é notavelmente complexa porque pressupõe uma vasta gama de conhecimentos e meios de comunicação adequados. É necessário, portanto, que os candidatos recebam uma formação que os ajude a adquirir as competências de comunicação necessárias e a relacionarem-se com os meios de comunicação social de uma forma correta, aproveitando as potencialidades e oportunidades das redes sociais e conhecendo ao mesmo tempo os seus limites e riscos (cf. SCS 14-28). Uma vez que as redes sociais são hoje um dos lugares onde se pode viver a missão de redescobrir a beleza da fé, é importante oferecer caminhos para aprender a tornar-se "uma presença evangelizadora no continente digital" (Diretório para a Catequese 371).

257. *Estudo das línguas.* O candidato deve ter um conhecimento profundo não só da língua do seu próprio país, mas também de línguas internacionais, a fim de ter uma preparação adequada para a missão que o espera num mundo cada vez mais globalizado. O candidato ao sacerdócio deve também ter o cuidado de estudar as línguas clássicas do latim e grego e, se possível, do hebraico.

258. Estes temas "ministeriais" podem ser tratados de várias maneiras, por exemplo, através de cursos em centros de estudo, sessões na casa de formação, sessões na Entidade e na Congregação, e leituras pessoais. É da responsabilidade do Responsável pela formação assegurar que o candidato tem a

oportunidade de se preparar nestas áreas antes da Profissão perpétua.

3. ESTUDOS DE ESPECIALIZAÇÃO E ATUALIZAÇÃO

259. A missão pode exigir uma preparação específica para algumas tarefas e ofícios específicos. Para este fim, após a recolha de informações apropriadas e a avaliação das necessidades da Entidade, os Superiores podem escolher confrades idóneos por caráter, virtude e inteligência que sejam capazes de perseguir estes objetivos (cf. RFIS 185; Ratio II 323). Os Superiores se meterão de acordo com os formadores sobre o âmbito e a forma de tais estudos especializados.

260. A atualização é a "manutenção" da própria vida. Isto aplica-se não só àqueles que se dedicam ao estudo e a ensinar, que nunca devem deixar de se aperfeiçoar, mas é importante para todos, para que a vida não seja vítima da monotonia e da insignificância. Juntamente com o estudo regular, são importantes os retiros de "reciclagem", atualização cultural e espiritual - a serem planeados e garantidos a todos - para encorajar a recuperação e regenerar o entusiasmo na própria vocação e missão.

Capítulo VI - PROCEDIMENTOS ADMINISTRATIVOS

261. O Diretório Administrativo da SMM, revisto e atualizado em 2022 (DA22), é a referência para todos os procedimentos que os Superiores e Formadores são obrigados a seguir para um bom serviço à formação, em fidelidade ao Direito universal e particular. Seguindo estes procedimentos, garantirão que todos os documentos exigidos pelo DA22 sejam incluídos no dossiê pessoal de cada candidato. A lista de documentos servirá como lembrete da documentação a ser incluída.

1. ANIMAÇÃO VOCACIONAL

262. O Responsável pela animação vocacional abre o processo pessoal do candidato, reunindo a documentação necessária nesta fase (cf. DA22, 18b_01-10).

2. ADMISSÃO AO PRÉ-NOVICIADO

263. Antes do pedido de admissão ao Pré-noviciado, o Responsável pela animação vocacional conduz um apuramento sobre a situação financeira do candidato. Se o candidato possuir bens, a forma da sua gestão deve ser acordada com ele durante a formação inicial. No caso de dívidas pendentes, o candidato é solicitado a resolvê-las. A prova de que estes procedimentos foram realizados e os resultados da investigação devem ser incluídos no dossiê pessoal do candidato (ver DA22, 18b_10).

264. Após o período de discernimento, o Responsável pela animação vocacional, prepara um relatório escrito sobre o candidato com uma recomendação para entrada no Pré-noviciado (cf. DA22, 18b_12).

265. O candidato dirige uma carta ao Superior da Entidade, na qual pede para ser admitido ao Pré-noviciado e declara que faz o pedido espontânea e de livre vontade. (cf. DA22, 18b_11).

266. O Superior da Entidade envolve o candidato na contribuição para as despesas da sua formação.

267. O Superior da Entidade, com o consentimento do seu Conselho, admite o candidato ao Pré-noviciado, comunicando isso em relatório à pessoa responsável pela animação vocacional (cf. Const. 141; cf. DA22, 18b_13).

268. O Responsável pela animação vocacional, entrega o processo pessoal do candidato ao Superior da Entidade e faz uma cópia para o formador Responsável pelo Pré-noviciado.

3. ADMISSÃO AO NOVICIADO

269. O Superior da Entidade verifica que todos os documentos necessários estão presentes no processo pessoal do candidato e que as condições de admissão válida ao Noviciado, tal como indicado pela lei canónica (CIC, cân. 641-645) e o Direito próprio da SMM (cf. Const. 140-141; Eg. 140.1) estão preenchidas.

270. O candidato dirige uma carta ao Superior da Entidade na qual pede de modo explícito e motivado para ser admitido no

Noviciado e declara que faz esse pedido espontânea e livremente. Esta ênfase é necessária porque o Noviciado não é válido se o candidato for coagido pela Congregação, pelos membros da sua família e/ou por determinadas circunstâncias.

271. O candidato ao Noviciado assina uma declaração, válida civilmente, na qual renuncia a todas as reclamações financeiras ou indenizações contra a Congregação:

- pela decisão de deixar o trabalho antes de entrar no Instituto;
- em caso de acidente e/ou doença;
- serviços prestados na Congregação (cf. DA22, 18b_15).

272. O formador Responsável pelo Pré-noviciado escreve um relatório no qual expõe os progressos do candidato e as qualidades demonstradas que o tornam adequado para o Noviciado (cf. DA22, 18b_16).

273. O Superior da Entidade, com o consentimento do seu Conselho, admite o candidato ao Noviciado (cf. Const. 141). O extrato da ata do Conselho que tratou da admissão deve ser incluído no dossiê pessoal. A notificação da admissão será enviada ao Formador responsável pelo Noviciado.

274. O Superior da Entidade providenciará para que os seguintes documentos sejam acrescentados ao processo pessoal:

1. o pedido de admissão do candidato ao Noviciado (cf. DA22, 18b_14);
2. a declaração de renúncia a reclamações económicas (cf. DA22, 18b_15);
3. a apresentação do formador Responsável pelo Pré-Noviciado ao Superior competente (cf. DA22, 18b_16);

4. uma cópia da ata do Conselho relativo à admissão ao Noviciado (cf. DA22, 18b_17);
5. a notificação de admissão ao Noviciado (cf. DA22, 18b_18).

4. PREPARAÇÃO PARA A ENTRADA NO NOVICIADO

275. O Superior da Entidade:

1. verifica que o candidato traz consigo toda a documentação necessária para o Noviciado;
2. envia uma cópia do seu Dossiê pessoal ao Mestre dos Noviços;
3. informa o candidato da data em que deve apresentar-se para o Noviciado e das instruções dadas pelo Mestre de Noviços.

276. Além disso, se o candidato for enviado para o Noviciado noutra Entidade, o superior deve:

1. iniciar prontamente os procedimentos para obter um passaporte, visto e autorização de residência;
2. em todos os outros assuntos (duração, finanças, visitas, etc.) seguirá as normas contidas nos estatutos desse Noviciado.

5. DURANTE O NOVICIADO

277. O Noviciado começa com um rito de entrada (cf. Ratio II 99; cf. RPR 16-29).

278. O Mestre de Noviços informa o início do Noviciado com um documento datado e assinado. É enviada uma cópia para o Secretaria Geral e uma cópia para o Superior da Entidade de origem do candidato para o seu dossiê pessoal.

279. O Mestre de Noviços envia uma avaliação escrita em meados do Noviciado ao Superior da Entidade de origem do noviço, acompanhada pela autoavaliação do noviço.

280. O Mestre de Noviços transmite ao Superior da Entidade de origem do noviço, em devido tempo, todos os relatórios, autoavaliações e documentos produzidos durante o processo de formação do Noviciado.

6. ADMISSÃO À PROFISSÃO TEMPORÁRIA OU DEMISSÃO

281. Para a admissão à Profissão temporânea, o Mestre de noviços envia os seguintes documentos ao Superior da Entidade de origem do noviço:

1. a carta na qual o noviço pede de modo explícito e motivado para ser admitido à Profissão Temporânea e declara que faz este pedido espontânea e livremente (cf. Const. 147);
2. A autoavaliação do percurso do Noviciado
3. o relatório escrito do Mestre de Noviços com um parecer sobre a admissão do candidato à Profissão temporária (cf. Const. 148).

282. O Superior da Entidade de origem do noviço, com o consentimento do seu Conselho, admite o candidato à Profissão temporânea (cf. Const. 149b), com o relatório do Mestre de Noviços (cf. Const. 141). A cópia da ata do Conselho que tratou da admissão será incluída no dossiê pessoal. Será enviada uma notificação da admissão ao Mestre de Noviços.

283. Para a saída e a demissão de um noviço devem ser seguidas as instruções das Constituições (cf. Const. 177). A cópia da ata

que tratou da demissão será incluída no dossiê pessoal (cf. DA22, 19e_19). Uma notificação da demissão será enviada ao Mestre de Noviços (cf. DA22, 19e_20).

284. Para a eventual readmissão de um noviço devem ser seguidas as indicações das Constituições (cf. Const. 179).

7. PROFISSÃO RELIGIOSA TEMPORÁRIA

285. O noviço faz a Profissão temporária durante uma celebração litúrgica (cf. Ratio II 99; cf. RPR 30-51). Para o texto da fórmula da Profissão, manuscrita e assinada, seguir as indicações das Constituições (cf. Const. 151).

286. A Profissão temporária é recebida pelo Superior competente, seguindo a ordem indicada nas Constituições (cf. Const. 150).

287. A Profissão temporária é atestada no "Registo das Profissões" (cf. Const. 152), assinada pelo menos pelo professo e pelo Superior competente que recebeu os votos (cf. DA22, 20b_29).

288. Com a ajuda do Mestre de Noviços, o Superior da Entidade logo após a Profissão temporária elabora o *file* da "Ficha do Neoprofesso" (cf. Const. 152; cf. DA22, 20b_30).

289. O Mestre de Noviços envia ao Superior da Entidade do Neoprofesso os seguintes documentos para serem arquivados no dossiê pessoal:

1. a notificação do início do Noviciado (ver DA22, 20b_21);
2. todos os documentos de interesse formativo, produzidos e recolhidos durante o ano de Noviciado (cf. DA22, 20b_22);

3. o pedido escrito do noviço para ser admitido à Profissão Temporária (cf. DA22, 20b_23);
4. A autoavaliação final do Noviço para admissão à Profissão Temporária (cf. DA22, 20b_24);
5. o relatório final do Mestre de Noviços (cf. DA22, 20b_25);
6. o texto original e assinado da Profissão Temporária (cf. DA22, 20b_28);
7. a fotocópia do certificado de Profissão Temporária do "Registo das Profissões" (cf. DA22, 20b_29)
8. o *file* "Ficha do Neo-professo" (cf. Const. 152; cf. DA22, 20b_30).

290. O Superior da Entidade acrescenta ao dossiê pessoal:

1. a notificação de admissão à Profissão temporária (cf. DA22, 10b_26);
2. cópia da ata do Conselho que tratou da admissão à Profissão temporária (cf. DA22, 20b_27).

291. O Mestre de Noviços entrega esta documentação ao Superior da Entidade dos neo-professos para arquivamento no Arquivo pessoal.

292. O Superior da Entidade do neo-professo envia uma cópia do processo pessoal ao Formador responsável pela fase dos votos temporários. O Superior da Entidade do neo-professo envia a "Ficha do neo-professo " ao Secretário geral da Congregação (cf. Const. 152).

8. PERÍODO DE VOTOS TEMPORÁRIOS

8.1. RENOVAÇÃO DOS VOTOS, SAÍDA E DEMISSÃO

293. Em momento oportuno, um religioso de votos temporários deve dirigir por escrito um pedido explícito e fundamentado ao superior competente para ser admitido à renovação dos votos (cf. Const. 147). Na mesma carta ele declara que faz este pedido espontânea e livremente.

294. O Responsável da formação para a fase dos votos temporários elabora um relatório escrito no qual descreve o progresso do candidato e as qualidades demonstradas que o tornam apto para a renovação dos votos.

295. O Superior da Entidade, com o consentimento do seu Conselho, admite o candidato a renovar os seus votos (cf. Const. 149b), mediante o relatório do Responsável da formação (cf. Const. 141). A cópia da ata do Conselho que tratou da aprovação da renovação dos votos deve ser incluída no dossiê pessoal.

296. Uma notificação da admissão à renovação dos votos é enviada ao Responsável da formação e ao requerente.

297. Para a saída e demissão de um religioso em votos temporários devem ser seguidas as instruções das Constituições, antes do religioso deixar a casa de formação (cf. Const. 177-178; Eg. 178.1; DA22, 57).

298. A cópia da ata que tratou da demissão é colocada no dossiê pessoal. Este documento conterà, como resumo do discernimento

feito, um resumo prudente, mas suficientemente indicativo dos motivos da demissão (cf. RFIS 197; cf. DA22, 21d_32).

299. A autorização com indulto é enviada pelo Superior geral ao Superior da Entidade, que a dará ao religioso que, se ainda não o tiver feito no momento do Noviciado, fará com que ele assine uma declaração libertando a Congregação de toda a responsabilidade pelo futuro (cf. DA22; Formulário_29). Uma cópia do indulto será enviada para informação ao Responsável pela formação da etapa dos votos temporários.

300. Para a eventual readmissão de um religioso em votos temporários devem ser seguidas as Constituições (cf. Const. 179).

301. O Superior da Entidade de origem do religioso de votos temporários deve arquivar anualmente no dossiê pessoal o pedido escrito de renovação dos votos (cf. DA22, 21c_31.I), o relatório do Responsável da Formação (cf. DA22, 21c_31.II), a admissão à renovação dos votos ou a demissão (cf. DA22, 21c_31.III), e uma cópia da ata do Conselho com os motivos da aceitação ou rejeição do pedido de renovação (cf. DA22, 21c_31.IV).

8.2. MINISTÉRIOS DO LEITORADO E DO ACOLITADO

302. Depois de receber uma preparação adequada e apropriada, no momento oportuno, o escolástico dirige ao Superior da Entidade de origem o pedido escrito para ser admitido nos Ministérios do Leitorado e do Acolitado (ver DA22, 21d_35).

303. A admissão aos Ministérios é da responsabilidade do Superior da Entidade de origem do escolástico. Esse pedido será enviado ao Responsável da formação e ao candidato (cf. DA22, 21d_36).

304. O Superior do Escolasticado envia uma notificação da atribuição dos ministérios ao Superior da Entidade de origem do escolástico e uma cópia à Secretaria geral (cf. DA22, 21d_37).

8.3. EXPERIÊNCIAS APOSTÓLICAS E CURSO DE FORMAÇÃO

305. No caso de experiências pastorais ou estágios formativos, o Responsável da formação esclarece o objetivo e as modalidades com o escolástico em questão e aquele que supervisiona a experiência. Ambos apresentam uma avaliação final escrita (cf. DA22, 21d_34).

306. O relatório da avaliação destas experiências pastorais deve ser guardado no dossiê pessoal.

9. PROFISSÃO PERPÉTUA

307. Atempadamente, o candidato à Profissão Perpétua dirige um pedido formal ao Superior geral (cf. Const. 147), onde inclui as motivações do pedido. Na mesma carta ele declara que faz este pedido de forma espontânea e livremente (cf. DA22, 22 e 38). Ele juntará também uma autoavaliação que percorra os anos de formação (cf. DA22, 22 e 39).

308. Se o candidato à Profissão perpétua tiver bens, faz um testamento que seja válido de acordo com a lei (cf. DA22, 22e_49).

309. O Responsável da formação elabora um relatório no qual recomenda o candidato à profissão perpétua (cf. Const. 148; cf. DA22, 22e_41).

310. O Superior da Entidade, com o voto deliberativo do seu Conselho, apresenta ao Superior geral o pedido do candidato para ser admitido à Profissão perpétua (cf. Const. 156; cf. DA22, 22e_42).

311. O Superior da Entidade, pelo menos seis meses antes da Profissão perpétua, envia os seguintes documentos ao Superior Geral:

- a apresentação da parte do Superior da Entidade;
- a cópia da ata do Conselho da Entidade (cf. DA22, 22e_43);
- o pedido formal do candidato
- a autoavaliação do candidato;
- o relatório escrito do Responsável da Formação;
- a auto certificação sobre material disponível online e em meios de comunicação social, relacionado com o candidato a Profissão perpétua (ver DA22, 22e_40);
- cópias de todos os outros documentos do Dossiê pessoal do candidato recolhidos desde a Profissão temporária.

312. O Secretário geral notifica o Superior da Entidade da admissão ou não admissão à Profissão Perpétua (cf. DA22, 22e_44).

313. A preparação necessária para a Profissão perpétua é programada de acordo com as normas do presente documento (cf. Ratio II 141).

314. Após a Profissão perpétua, o Superior da Entidade:

1. insere no dossiê pessoal do religioso o original da fórmula da Profissão Perpétua, assinada pelo professo (cf. DA22, 22e_45);
2. envia à Paróquia onde o religioso foi batizado, notificação da Profissão perpétua para que seja inscrita no registo de batismo (cf. CIC, cân. 535, § 2; cf. DA22, 22e_48)
3. notifica a Secretaria Geral da Profissão perpétua que foi feita (cf. DA22, 22e_47);
4. prepara com o Responsável da Formação um perfil conciso do neo-professo com votos perpétuos delineando os seus pontos fortes, talentos, e pontos de atenção e crescimento para a sua formação permanente. Este documento deve ser entregue ao confrade. Uma cópia é enviada à Secretaria geral e outra é colocada no dossiê pessoal do confrade (ver DA22, 22e_46).

10. DISPENSA DOS VOTOS PERPÉTUOS (cf. DA22_58)

315. O Superior Geral apresenta ao CVCISVA o dossiê de dispensa dos votos perpétuos com os seguintes documentos:

1. Da parte do requerente: dados pessoais e *curriculum vitae*; o pedido explícito de dispensa, manuscrito e assinado; as razões pelas quais fez a profissão perpétua na Congregação dos Missionários Monfortinos e as razões pelas quais deseja deixar a Congregação.

2. O parecer dos Responsáveis pela formação sobre a relação do candidato com a autoridade e o comportamento externo; quaisquer problemas psicológicos e patologias.

3. O voto favorável do Superior da Entidade e do seu Conselho.

316. Uma vez obtida a dispensa, o Superior Geral entrega-a ao candidato que, se ainda não o tiver feito no momento do Noviciado, assina uma declaração válida em conformidade com a lei que iliba a Congregação de qualquer responsabilidade para o futuro (cf. DA22, 18_Formulário_33).

11. ORDENAÇÃO DIACONAL E PRESBITERAL

317. No momento apropriado, para ser promovido à Ordem do diaconado ou do presbiterado, o candidato apresenta ao Superior da sua Entidade uma declaração, escrita e assinada de punho pessoal, na qual atesta que pretende receber as Ordens Sagradas espontânea e livremente e que se dedicará para sempre ao ministério eclesiástico, e na qual pede simultaneamente para ser admitido na Ordem a receber (cf. CIC, cân. 1036). Este documento vai para o dossiê pessoal (cf. DA22, 23d_51).

318. O Superior da Entidade de origem do candidato, após consulta do Responsável da formação e com o voto consultivo do seu Conselho (cf. Const. 157), concede as Cartas dimissórias (cf. CIC, cân. 1019, § 1; cf. DA22, 23d_52) que devem ser enviadas ao Bispo ordenante.

319. Em vista de tal concessão, o Superior maior verifica que:
- o candidato está na posse das qualidades necessárias

- não é detentor de qualquer irregularidade ou por qualquer impedimento canónico (cf. CIC, cân. 1041-1042);
- cumpriu os requisitos de quanto é mencionado no CIC, cân. 1033 e 1039;
- estão presentes os documentos segundo o CIC, cân. 1050;
- o escrutínio mencionado no CIC, cân. 1051 foi levado a cabo. Para este exame, ele pode fazer uso dos meios que lhe pareçam úteis, tendo em conta as circunstâncias de tempo e lugar como no CIC, cân. 1051.

320. A notificação da Ordenação deve ser enviada à Secretaria geral (cf. DA22, 23d_52) e à Paróquia do lugar onde foi batizado para ser anotado no registo de batismo (cf. CIC, cân. 535, § 2; cf. DA22, 23d_53).

321. O ordenando recebe do Bispo um certificado de Ordenação (cf. CIC, cân. 1053) para ser inserido no dossiê pessoal (cf. DA22, 23d_54).

12. FORMAÇÃO PERMANENTE

322. O Superior da Entidade mantém o Superior geral regularmente informado sobre o programa de formação permanente da sua Entidade (cf. Eg. 158.3; Ratio II 235).

323. Para seguir cursos específicos, o candidato pede permissão ao Superior da Entidade que consulta o seu Conselho para a conceder (cf. Eg. 158.4).

CONCLUSÃO

324. A formação Monfortina coloca-nos na dinâmica de fidelidade vivida por Montfort. Ele soube compreender e aceitar de forma sublime o papel da Virgem Maria como "maestra e guia" no caminho da conformação a Cristo (cf. OA 25).

Maria é o segredo da nossa formação. Em colaboração com o Espírito Santo, Ela transmite os seus sentimentos e a sua própria vida, iniciando-nos na arte de fazer reinar Jesus e ela própria nos nossos corações. Cada cristão é o destinatário do "segredo" que Montfort revela e ensina, mas de uma forma especial aqueles que foram chamados a ser "*Liberos*, verdadeiros servos e filhos de Maria, gerados com amor, nutridos, educados e sustentados com maternal solicitude e repletos das suas graças" (OA 11) (cf. Ratio I 148).

"*Na escola de Maria*, o nosso percurso de formação torna-se *um itinerário específico de consagração monfortina*; ficamos, assim, em comunhão com a fé puríssima de Maria (cf. VD 214), que nos leva a uma iluminação de espírito que irá refletir o seu acolhimento dócil e a sua obediência à vontade de Deus (cf. Lc 1,26ss; Jo 19,25ss). É na escola de Maria que cada monfortino se vê cada vez mais introduzido numa sábia humildade e, ainda, «na liberdade de poder aprender, durante toda a sua vida, em qualquer idade ou estação da vida, em qualquer ambiente ou contexto humano, com qualquer pessoa e com qualquer cultura" (PdC 15). Assim como Jesus quis depender de Maria na sua humanidade, assim também nós dependemos dela para alcançarmos uma humanidade renovada" (Ratio I 146). Aprendendo a adotar, ao longo de toda a nossa vida, o itinerário e os meios que o Fundador nos propõe, tornar-nos-emos resposta viva à sua oração: *Da Matri tuae liberos! Dá filhos à tua Mãe!* (OA 6).

APÊNDICE

I. EXTRATO DO DIRETÓRIO ADMINISTRATIVO 2022
--

18. Animação Vocacional e Pré-noviciado

a) O responsável pela Formação abrirá um dossiê pessoal para cada candidato⁶, que será atualizado nas várias fases da Formação inicial (cf. Formulário_01)

b) O dossiê pessoal que acompanhará o candidato admitido no Noviciado deve conter os seguintes documentos⁷:

[01] Fotografia recente do candidato.

[02] Informação básica sobre o candidato (curriculum vitae, antecedentes familiares, educação, saúde) tão completa quanto possível sobre os lugares e contextos em que viveu.

[03] Auto certificação sobre material disponível online e em meios de comunicação social, relacionado com o candidato al Prenoviciado (cf. Formulário_17).

[04] Relatório médico de boa saúde.

[05] Registos escolares (diplomas, etc.).

[06] Certidão de Batismo, Confirmação e estado livre (cf. CIC, cân. 645, § 1).

⁶ O “dossiê pessoal” contém todos os documentos relacionados com a pessoa numa pasta.

⁷ A numeração entre parênteses retos [00] corresponde à numeração da lista de ficheiros pessoais (cf. Formulário_00).

[07] Cartas de recomendação do Pároco do candidato e de outras pessoas significativamente frequentadas pelo candidato (por exemplo: um guia espiritual, um membro da família, colegas de trabalho). Se for necessário um esclarecimento, não se hesite em contactar estas pessoas por telefone.

[08] Testemunho do Ordinário do lugar ou do Superior Maior ou do Reitor do seminário (cf. CIC, cân. 645, § 2), se o candidato for sacerdote ou seminarista proveniente de uma Diocese ou de outro Instituto de vida consagrada ou de uma Sociedade de vida apostólica (cf. Ratio II 211).

[09] Resultado(s) do(s) teste(s) psicológico(s) (cf. Ratio II 203).

[10] Resultado da investigação sobre a situação financeira do candidato com a notificação dos procedimentos (cf. Ratio II 263).

[11] Pedido do candidato, dirigido ao Superior da sua Entidade, para ser admitido ao Pré-noviciado, no qual também declara que fez o pedido livremente e de sua livre vontade.

[12] Relatório escrito do Responsável da formação sobre o candidato, com a recomendação de admissão ao Pré-noviciado (cf. Formulário 02).

[13] Notificação de admissão ao Pré-noviciado.

[14] O pedido do candidato, dirigido ao Superior da sua Entidade, para ser admitido no Noviciado, no qual também declara ter feito o pedido livremente e de sua livre vontade.

[15] Um documento civilmente válido no qual o candidato ao Noviciado declara que renúncia a todas as reclamações financeiras contra a Congregação por trabalho feito antes de entrar no Instituto, em caso de acidente ou doença, e por serviços prestados na SMM (cf. Formulário_09).

[16] Um relatório escrito pelo Responsável do Pré-noviciado descrevendo os progressos e qualidades do candidato que o tornam apto para a admissão ao Noviciado (cf. Formulário_04).

[17] Cópia da ata do Conselho relativa à admissão ao Noviciado.

[18] Notificação de admissão ao Noviciado.

19. Noviciado

a) As normas do Instituto presentes nas Constituições e na Ratio II devem ser respeitadas.

b) A admissão de um candidato à etapa do Pré-noviciado e Noviciado é da responsabilidade do Superior da Entidade com o voto consultivo do seu Conselho (cf. CIC, cân. 641). É também da sua responsabilidade assegurar que:

- A aceitação seja precedida por uma investigação exaustiva da idoneidade do candidato (cf. Eg. 140.1) para a nossa vida comunitária e o nosso ministério (cf. CIC, cân. 642);

- o candidato seja livre na sua escolha (cf. CIC, cân. 643) e todos os documentos exigidos no cân. 645 estão incluídos no processo do candidato.

c) Um documento que mencione a data do início do Noviciado deve ser devidamente assinado pelo Mestre de Noviços. Uma cópia deste documento deve ser colocada no dossiê pessoal do noviço. Uma cópia será enviada para o Secretaria geral.

d) Para outros assuntos, o Superior da Entidade aplicará as normas da Ratio Institutionis.

e) Para a saída e demissão de um noviço, devem ser seguidas as indicações das Constituições (cf. Const. 177). No dossiê pessoal deve-se incluir:

[19] A cópia da ata que tratou da demissão.

[20] A notificação dessa demissão enviada ao Mestre de Noviços.

20. Profissão temporária

a) As normas contidas na Ratio II e na *Ratio Studiorum* geral e local devem ser aplicadas fielmente (cf. Const. 155).

b) O dossiê pessoal do noviço admitido à Profissão temporânea deve conter os seguintes documentos:

[21] Notificação do início do Noviciado datada e assinada pelo Mestre de Noviços (cf. Formulário_06). Uma cópia desta notificação é enviada à Secretaria geral e uma cópia ao Superior da Entidade de origem do candidato.

[22] Todos os relatórios escritos, autoavaliações e documentos produzidos durante o processo de formação do Noviciado.

[23] Pedido formal do candidato, dirigido ao Superior da sua Entidade, para ser admitido à Profissão temporânea, no qual indica as razões e declara que apresentou o pedido livremente e de espontânea vontade.

[24] Autoavaliação do percurso do Noviciado (cf. Formulário_11).

[25] Relatório escrito do Mestre de Noviços com o seu parecer sobre a admissão do candidato à Profissão temporária (cf. Formulário_13).

[26] Notificação de admissão à Profissão temporária.

[27] Cópia da ata do Conselho relativa à admissão à Profissão temporânea.

[28] Texto original da fórmula da Profissão escrita à mão e assinada.

[29] Fotocópia do certificado de Profissão do "registro das Profissões".

[30] *File* "Dossiê do neo-professo" (cf. Formulário_14).

c) Uma cópia do dossiê pessoal do novo professo, cujo original é conservado na Secretaria da Entidade de origem, será enviada ao Responsável pela próxima etapa da formação e ao Superior Geral (cf. Const. 152).

21. Período de votos temporários

a) As normas das Constituições e da *Ratio Studiorum* devem ser respeitadas.

b) Para a partida e a demissão de um religioso em votos temporários, as instruções das Constituições devem ser seguidas (cf. Const. 177-178; Eg. 178.1). As informações relativas ao parecer do Conselho sobre a não aceitação da renovação dos votos devem ser comunicadas à Secretaria geral. O Superior da Entidade de origem do religioso de votos temporários deve assegurar que a notificação da demissão seja enviada ao Superior geral antes que o religioso deixe a casa de formação.

c) [31] Para cada ano de votos temporários, o dossiê pessoal do religioso deve incluir os seguintes documentos:

I) O pedido do candidato, dirigido ao Superior da sua Entidade, para ser admitido à renovação dos votos, no qual ele indica as razões e declara que fez o pedido livremente e de espontânea vontade. Autoavaliação (cf. Formulário_15).

II) Relatório escrito do Formador responsável, no qual descreve o progresso do candidato e as qualidades demonstradas que o tornam idóneo para a renovação dos votos (cf. Formulário_16).

III) Admissão à renovação dos votos.

IV) Cópia da ata do Conselho que tratou da admissão. Será enviada uma notificação de admissão ao Responsável da Formação e ao religioso admitido à renovação dos votos.

d) O dossiê pessoal deve também conter os seguintes documentos:

[32] Cópia da ata do Conselho relativa à demissão, caso exista.

[33] Eventual autorização com indulto do Superior geral.

[34] Avaliação e autoavaliação das experiências ou estágios pastorais (cf. Formulários_06 e 07).

[35] Pedido de admissão aos Ministérios do Leitorado e do Acolitado.

[36] Notificação de admissão aos Ministérios do Leitorado e do Acolitado.

[37] Notificação da parte do Superior do Escolasticado do conferimento dos Ministérios ao Superior da Entidade de origem do Escolástico. Uma cópia desta notificação é enviada para o Secretaria geral (cf. Formulário_23).

22. Profissão perpétua

a) O pedido formal de um religioso de votos temporários, dirigido ao Superior geral, deve ser recebido num prazo razoável antes da Profissão (seis meses). Deve ser acompanhada de uma

apresentação do candidato pelo Superior da Entidade (cf. Const. 156, 148), da ata das deliberações do Conselho, do relatório do Responsável da formação na qual o candidato é recomendado para a Profissão, e de uma cópia de toda a documentação que foi acrescentada ao dossiê enviado após a Profissão temporária⁸.

b) A preparação necessária para a Profissão perpétua será conforme às normas da Ratio Institutionis.

c) Notificação da Profissão perpétua deve ser enviada para anotação no registo de batismo (cf. CIC, cân. 535, § 2) e à Secretaria geral para inclusão no dossiê pessoal.

d) Os Delegados de direito do Superior Geral capazes de receber a profissão perpétua são os reconhecidos pelas Constituições (cf. Const. 150).

e) O dossiê pessoal de um religioso admitido à Profissão perpétua deve conter os seguintes documentos:

[38] Pedido formal e motivado de admissão à Profissão perpétua do candidato, dirigido ao Superior geral. O candidato deve indicar ao mesmo tempo que fez o pedido de livre e espontânea vontade.

[39] Autoavaliação do candidato à Profissão perpétua (cf. Formulário_18).

[40] Auto certificação sobre material disponível online e em meios de comunicação social, relacionado com o candidato a Profissão perpétua (cf. Formulário_17).

⁸ Uma cópia de todos os documentos do dossiê pessoal relativo ao período anterior à primeira Profissão Religiosa já se encontra na Secretaria geral desde a Primeira Profissão.

[41] Relatório escrito do Responsável da formação no qual o candidato é recomendado para a Profissão perpétua (cf. Formulário_19).

[42] Apresentação do candidato à Profissão perpétua pelo Superior da Entidade (cf. Formulário_20).

[43] Extrato da ata do Conselho que tratou do assunto.

[44] Notificação feita pelo Secretário Geral da admissão ou não admissão à Profissão perpétua.

[45] Texto original da fórmula da Profissão perpétua, assinada pelo professo.

[46] Breve Perfil do neo-professo de votos perpétuos.

[47] Notificação ao Secretariado-Geral de profissão perpétua (cf. Formulário_22).

[48] Notificação de Profissão perpétua realizada para anotação no registo de batismo (cf. Formulário_21).

[49] Testamento holográfico⁹. Cada Entidade deve observar as normas que regulam este tipo de testamento. Deve ser necessariamente e na íntegra escrito, assinado e datado pelo testador. Para a publicação do testamento olográfico são necessários os seguintes documentos:

- Cartão de Cidadão de quem solicita a publicação.
- Uma fotocópia dos documentos de identidade do testador.
- Um extrato da certidão de óbito.
- O testamento, que só será anexado na sua forma original.

Cada membro da Companhia de Maria é obrigado a fazer um testamento de 6 em 6 anos (cf. Formulário_26).

⁹ Se o religioso não possui bens não é obrigado a fazer testamento (cf. Const. 88c)

23. Ministérios instituídos e Ordenação diaconal e presbiteral

a) A votação consultiva do Conselho para a admissão aos Ministérios e às Ordens deve ser minuciosa; quaisquer reservas ou pareceres negativos devem ser cuidadosamente explicados (cf. CIC, cân. 1019, § 1; C 157). É da maior importância que todas as razões para a relutância dos membros do Conselho e de qualquer pessoa que o Superior da Entidade considere apropriado contactar sejam preservadas.

b) Antes de aceder no Diaconado e no Sacerdócio, o candidato deve apresentar ao Superior maior competente uma declaração escrita e assinada de próprio punho, na qual atestará que pretende receber as Ordens Sagradas espontânea e livremente e que se consagrará para sempre ao ministério eclesial, pedindo ao mesmo tempo para ser admitido a receber as Ordens Sagradas (cf. CIC, cân. 1036). Esta declaração deve ser incluída no seu dossiê pessoal. As cartas dimissórias do Superior da Entidade só serão emitidas quando todas as condições exigidas tiverem sido verificadas.

c) Cada ordenando deve receber do Bispo ordenante um certificado de Ordenação (cf. CIC, cân. 1053), que será inserido no dossiê pessoal do novo Diácono / Sacerdote.

d) A Notificação da Ordenação realizada deve ser enviada para averbamento no registo de Batismo (cf. CIC, cân. 535, § 2) e para a Secretaria geral.

O dossiê pessoal do Diácono e do Sacerdote ordenado deve conter os seguintes documentos:

[50] Pedido de admissão à Ordenação diaconal e Presbiteral com declaração de liberdade e compromisso permanente com o ministério eclesialístico.

[51] Cópia das cartas dimissórias enviadas ao Bispo ordenante (cf. Formulário_24).

[52] Notificação da Ordenação diaconal e presbiteral à Secretaria geral (cf. Formulário_25).

[53] Notificação de Ordenação diaconal e presbiteral para inscrição no Registo Batismal (cf. Formulário_21).

[54] Certificado de Ordenação pelo Bispo ordenante.

II. MÓDULOS / FORMULÁRIOS

01. Formulário para a lista de documentos do dossiê pessoal¹⁰

Entidade de filiação [nome da Entidade]

Lista do Dossiê pessoal de [Nome e Apelido]

[01] Foto recente.

[02] Informação básica (currículo, antecedentes familiares, educação, saúde).

[03] Autocertificação do material online e meios de comunicação social.

[04] Relatório médico de boa saúde.

[05] Dossiê escolar (diplomas, etc.).

[06] Certificado de Batismo, Confirmação e estado livre.

[07] Cartas de recomendação.

[08] Testemunhos de anteriores institutos e experiências educativas¹¹.

[09] Resultados de testes psicológicos.

[10] Levantamento da situação financeira.

[11] Pré-noviciado: pedido de admissão da parte do candidato.

[12] Pré-noviciado: relatório escrito do Responsável pela Animação vocacional.

[13] Pré-noviciado: notificação de admissão.

[14] Noviciado: pedido de admissão da parte do candidato.

[15] Noviciado: declaração de isenção de toda a responsabilidade da Companhia de Maria.

[16] Noviciado: relatório escrito do Responsável do Pré-Noviciado para a admissão.

[17] Noviciado: cópia da ata do Conselho relativa à admissão.

[18] Noviciado: notificação de admissão.

[19] Noviciado: cópia da ata do Conselho sobre a eventual demissão.

¹⁰ Do Diretório Administrativo, Formulário_01: Deve arquivar o documento de acordo com a numeração desta lista. Se um artigo contém vários documentos, é melhor dar-lhes o mesmo número. Ao assinalar o quadrado, indica a presença do documento no ficheiro. Será também útil a criação de um arquivo digital.

¹¹ Se o candidato for um sacerdote ou seminarista de uma Diocese ou outro Instituto de Vida Consagrada, uma Sociedade de Vida Apostólica.

- [20] Noviciado: notificação de possível demissão.
- [21] Noviciado: notificação de início¹².
- [22] Noviciado: relatórios escritos, autoavaliações e documentos produzidos.
- [23] Noviciado: pedido do candidato para admissão à Profissão temporária.
- [24] Noviciado: autoavaliação.
- [25] Noviciado: relatório do Mestre de Noviços para admissão à Profissão temporária.
- [26] Noviciado: notificação de admissão à Profissão temporária.
- [27] Noviciado: cópia da ata do Conselho relativa à admissão à Profissão temporária.
- [28] Noviciado: texto original da fórmula da Profissão.
- [29] Noviciado: fotocópia do certificado da Profissão do "registro das Profissões".
- [30] Noviciado: *file* "dossiê do neo-professo".
- [31] Escolasticado: para cada ano de votos temporários, incluir: I) Pedido de admissão do candidato ao Superior da sua Entidade e autoavaliação; II) Relatório escrito da pessoa responsável pela fase de votos temporários; III) Admissão para renovar os votos; IV) Cópia da ata do Conselho que tratou da admissão¹³.
- [31] [20 ___ / 20 ___] Primeiro Ano dos Votos temporários (I; II; III; IV)
(especificar ano)
- [31] [20 ___ / 20 ___] Segundo ano de votos temporários (I; II; III; IV)
- [31] [20___ / 20 ___] Terceiro ano de votos temporários (I; II; III; IV)
- [31] [20 ___ / 20 ___]
- [31] [20 ___ / 20 ___]
- [32] Escolasticado: cópia da ata do Conselho sobre a demissão.
- [33] Escolasticado: autorização com indulto do Superior Geral.
- [34] Escolasticado: avaliação e autoavaliação das experiências pastorais ou estágios.
- [35] Escolasticado: pedido de admissão nos ministérios do Leitorado e Acolitado.

¹² Uma cópia desta notificação é enviada ao Secretário geral e uma ao Superior da Entidade de origem do candidato.

¹³ A notificação da admissão é enviada ao Responsável da Formação e ao religioso admitido à renovação.

- [36] Escolasticado: notificação de admissão aos Ministérios de Leitorado e Acolitado.
- [37] Escolasticado: notificação de ter recebido os ministérios de Leitorado e de Acolitado¹⁴.
- [38] Escolasticado: pedido do candidato para admissão à Profissão perpétua.
- [39] Escolasticado: autoavaliação global dos anos de formação.
- [40] Escolasticado: Notificação da análise do material online e nas redes sociais.
- [41] Escolasticado: relatório do Responsável da formação, para admissão à Profissão perpétua.
- [42] Escolasticado: apresentação para Profissão perpétua pelo Superior da Entidade.
- [43] Cópia da ata do Conselho da Entidade que tratou do assunto.
- [44] Escolasticado: notificação de admissão à Profissão perpétua.
- [45] Escolasticado: texto original da fórmula da Profissão perpétua.
- [46] Escolasticado: perfil sumário do neo-professo de votos perpétuos.
- [47] Escolasticado: notificação à Secretaria geral da Profissão perpétua.
- [48] Escolasticado: notificação para a transcrição no registo de batismo de ter feito Profissão perpétua.
- [49] Escolasticado: Testamento.
- [50] Pedido de admissão à Ordenação diaconal e sacerdotal com declaração de liberdade e compromisso permanente com o ministério eclesiástico.
- [51] Cópia das Cartas dimissórias.
- [52] Notificação da Ordenação diaconal e sacerdotal à Secretaria geral.
- [53] Notificação para a transcrição da Ordenação diaconal e sacerdotal no registo de batismo.
- [54] Certificado de Ordenação pelo Bispo ordenante.

¹⁴ Uma cópia desta notificação é enviada ao Secretário geral.

02. Linhas orientadoras para o relatório de admissão ao Pré-noviciado [ao cuidado do Responsável da Animação Vocacional]

COMPANHIA DE MARIA

Entidade:

Nome e Apelido do candidato

Data de nascimento:..... Local

RELATÓRIO DE ADMISSÃO AO PRÉ-NOVICIADO

1. HISTÓRIA FAMILIAR

- Dados biográficos e informações sobre os pais e irmãos.
- Descrição geral do ambiente familiar.
- Experiências de amizades masculinas e femininas.

2. SAÚDE PSICOFÍSICA

- Estado geral de saúde.
- História familiar de qualquer predisposição para doenças hereditárias particulares.
- História de alergias, doenças ou vícios.

3. EDUCAÇÃO E TRABALHO

- Escolas frequentadas.
- Nível de educação atingido.
- Qualificações profissionais e experiência de trabalho.

4. CONTATOS COM A SMM

- Os Missionários Monfortinos encontrados (quando, onde e em que circunstâncias).
- Experiências na comunidade monfortina (quando e onde).

5. DIMENSÃO HUMANA

- Sinais de maturidade humana.
- Sinais de autoconhecimento suficiente.
- Atitudes nas relações interpessoais.
- Sensibilização para o material publicado nas redes sociais e publicado online

6. DIMENSÃO ESPIRITUAL

- Vida de oração e sacramental
- Envolvimento ativo na vida da Igreja local.
- Afinidade com a espiritualidade monfortina.

7. DIMENSÃO INTELECTUAL

- Considerações sobre aprendizagem e das capacidades intelectuais.

8. DIMENSÃO APOSTÓLICA

- Indicações de interesse para a missão monfortina.

9. ABERTURA À VOCAÇÃO RELIGIOSA MONFORTINA

- Algumas escolhas em descontinuidade com a mentalidade mundana.

10. SÍNTESE DO PROCESSO DE DISCERNIMENTO VOCACIONAL

- Duração do processo de discernimento.
- Frequência das reuniões com o Responsável.
- Atitude de abertura e *docibilitas*.
- Opinião final do Responsável.

Local, data e assinatura

03. Linhas orientadoras para a autobiografia espiritual [Para ser utilizado no Pré-noviciado e Noviciado].

□ Uma autobiografia espiritual é uma releitura da própria vida, tentando decifrar o fio vermelho de um plano divino, os vestígios da passagem de Deus, e, portanto, também a sua voz de chamada. Esta releitura tem duas características:

1. É histórico-bíblico, ou seja, um diálogo entre a experiência subjetiva e a referência à Palavra de Deus.
2. É pascal, ou seja, não rejeita qualquer acontecimento, especialmente os mais difíceis e dolorosos, mas reconhece neles uma presença luminosa e misteriosa do amor de Cristo que morreu e ressuscitou.

□ Não há um esquema fixo para escrever uma autobiografia espiritual. Uma vez que é a própria história, cada pessoa opta por se exprimir como bem entender. No entanto, as seguintes linhas orientadoras devem ser seguidas:

1. Relacionamentos com a família
2. Pessoas significativas que têm sido úteis na viagem de crescimento
3. As pessoas admiradas porque são testemunhas e modelos
4. Momentos especiais de paz ou alegria.
5. Momentos especiais de tristeza e desolação.
6. Experiências de crise.
7. A relação de cada um com Deus
8. A escolha vocacional para a vida consagrada e missionária: o seu nascimento, os primeiros passos, as motivações.
9. Forças, dons e talentos.
10. Fraquezas e desafios para o crescimento.

04. Linhas orientadoras para a autoavaliação e pedido de admissão ao noviciado [pelo candidato ao Noviciado]

COMPANHIA DE MARIA

Entidade:

Nome e Apelido do candidato

Data de nascimento: Local

AUTO-AVALIAÇÃO E PEDIDO DE ADMISSÃO AO NOVICIADO

INTRODUÇÃO

Visão geral da etapa do Pré-noviciado.

1. CRESCIMENTO NA DIMENSÃO HUMANA

- Conhecimento e aceitação de si próprio.
- Trabalhar sobre o próprio carácter e personalidade.

2. CRESCIMENTO NA DIMENSÃO ESPIRITUAL

- Vida sacramental e oração, pessoal e comunitária.
- Assimilação da espiritualidade monfortina.

3. CRESCIMENTO NA DIMENSÃO INTELECTUAL

- Aplicação em estudo.

4. CRESCIMENTO NA DIMENSÃO APOSTÓLICA

- Prática das virtudes do homem apostólico tais como disponibilidade, espírito de iniciativa, criatividade, amor pelos pobres, a arte de trabalhar em conjunto.

5. CRESCIMENTO NA DIMENSÃO DA VIDA RELIGIOSA

Experiência de ruptura com hábitos passados.

- Vida fraterna em comunidade.

CONCLUSÃO

- Relação com o Responsável e a equipa de formação.
- Melhorias nos pontos de atenção indicados no início do Pré-noviciado.
- Pontos para os quais chamo a atenção dos formadores para me ajudarem a crescer mais
- Preparação para uma experiência multicultural, no caso de um Noviciado internacional
- Pedido dirigido ao Superior da própria Entidade para ser admitido no Noviciado, no qual se declara que se fez o pedido livremente e de livre vontade.

Local, data e assinatura do candidato.

05. Linhas orientadoras para o relatório de admissão ao noviciado [Ao cuidado do responsável pelo Pré-Noviciado]

COMPANHIA DE MARIA

Entidade:

Nome e Apelido do candidato

Data de nascimento: Local

RELATÓRIO DE ADMISSÃO AO NOVICIADO

1. INFORMAÇÕES GERAIS

- Local e duração do Pré-noviciado.
- Visão global do ano.
- Sinais de afinidade com o carisma monfortino.

2. CRESCIMENTO NA DIMENSÃO HUMANA

- Estado de saúde física e psicológica.
- Sinais de maturidade humana adequados à idade.
- Capacidade de livre escolha e autonomia.
- Justa distância em relação:
 - a) à família
 - b) à atividade profissional anterior
 - c) ao dinheiro e bens materiais
 - d) às relações emocionais passadas
- Afastamento de maus hábitos (por exemplo, vícios, desordens, comportamentos amorais, etc.).
- Sinais de fiabilidade responsável.
- São realismo para enfrentar lutas e dificuldades
- Exercício das virtudes cardeais.
- Lealdade e honestidade consigo próprio e com os outros.
- Vontade de se conhecer a si próprio, nos seus dons como nas suas limitações, na sinceridade e na verdade.

3. CRESCIMENTO NA DIMENSÃO ESPIRITUAL

- Grau de maturidade adequado na vida de fé, a nível sacramental, doutrinal e moral.

- Sinais de fé, esperança e caridade da pessoa.
- Sinais de crescimento na vida de oração, sacramental, litúrgica vivida através de Maria.
- Docilidade à Palavra de Deus
- Amor pelo silêncio e pela interioridade.
- Sinais de amor por Cristo, em comunidade e ao serviço dos outros.
- Interesse na figura e espiritualidade do Fundador.

4. CRESCIMENTO NA DIMENSÃO INTELECTUAL

- Sinais de abertura de espírito atento e crítico.
- Capacidade para um juízo moral informado e equilibrado.
- Conclusão dos estudos preparatórios.

5. CRESCIMENTO NA DIMENSÃO DA VIDA APOSTÓLICA

- Abertura cordial às virtudes próprias do homem apostólico, tais como disponibilidade, espírito de iniciativa, criatividade, amor pelos pobres, a arte de trabalhar em conjunto.
- Sinais de um autêntico desejo de dar a própria vida pelo Reino de Deus.

6. CRESCIMENTO NA DIMENSÃO DA VIDA RELIGIOSA

- Capacidade suficiente para viver algumas rupturas com hábitos passados.
- Aptidão para a vida fraterna em comunidade. Sinais indicadores.

7. PREPARAÇÃO PARA O NOVICIADO

- Participação ativa no processo de formação.
- Disponibilidade para o diálogo, em abertura de coração.
- Preparação para uma experiência multicultural, no caso de um Noviciado internacional.
- Parecer do formador/equipa de formação sobre a admissão ao Noviciado.

Local, Data e Assinatura

06. Linhas orientadoras para a avaliação de uma experiência apostólica ou estágio [Ao cuidado do supervisor]

COMPANHIA DE MARIA

Entidade:

Nome e Apelido (pré-noviço/noviço/escolástico)

1. INFORMAÇÕES GERAIS

- Data de início da experiência
- Data final da experiência:
- Lugar da experiência (comunidade, instituição)
- Atividades atribuídas:
- Nome e apelido do supervisor:
- Papel de supervisor:

2. A EXPERIÊNCIA APOSTÓLICA

- Modalidades com as quais o pré-noviço/noviço/escolástico participou nas atividades (por exemplo, dedicação, sentido de colaboração com os outros, zelo pelo Reino, motivação, resistência física, etc.).
- Revelar capacidades e dons apostólicos, por exemplo, o dom de falar de Jesus Cristo, a capacidade de prestar atenção aos outros, a amizade com os pobres.
- Envolvimento na comunidade
 - a. Relações fraternas
 - b. Participação na oração comunitária
 - c. Partilha apostólica
 - d. Outras observações
- Observações a nível espiritual
 - a. Fidelidade à oração
 - b. Olhar de fé para as situações

- c. Consistência da vida
- d. Motivação apostólica
- e. Outras observações
- Notas gerais sobre a experiência apostólica.
 - a. Pontos positivos
 - b. Aspectos a desenvolver
 - c. Atitudes problemáticas.
- Frequência do encontro pessoal com o pré-noviço / noviço / escolástico para refletir sobre a experiência
- Capacidade emergente de viver apostolicamente na Companhia de Maria.

N.B. Recomenda-se que se discuta a avaliação com o candidato.

Local, data e assinatura (supervisor do estágio)

07. Linhas orientadoras para a autoavaliação da experiência apostólica [ao cuidado do pré-noviço/noviço/escolástico]

COMPANHIA DE MARIA

Entidade:

Nome e Apelido (pré-noviço/noviço/escolástico)

1. INFORMAÇÕES GERAIS

- Data de início da experiência
- Data final da experiência:
- Lugar da experiência (comunidade, instituição)

2. EXPERIÊNCIA APOSTÓLICA

- Em que atividades participei e que papel desempenhei?
- Do ponto de vista da dinâmica humana, como é que vivi estas atividades? (por exemplo, na realização das atividades o que era fácil e o que não era nas minhas relações com os outros)?
- A nível apostólico, será que percebi uma ligação entre as minhas atividades e a vinda do Reino, a missão da Igreja e a missão da Congregação?
 - a) Que questões esta experiência suscitou em mim?
 - b) Que sinais do Espírito vieram até mim?
 - Do ponto de vista espiritual:
 - a) Como é que o estágio afetou a minha oração e a minha união com Jesus?
 - b) Depois desta experiência, que atitudes de uma vida apostólica é que o Senhor me pede para desenvolver?
 - A nível da comunidade:
 - a) Como é que me inseri na vida da comunidade?
 - b) Como vivi a minha participação na oração comunitária?

c) Que tipo de partilha fiz com a comunidade? Com o superior da comunidade? Com o meu supervisor?

3. AVALIAÇÃO GERAL:

- Como julgo esta experiência à luz do meu percurso de formação?
- O que aprendi sobre mim mesmo? Que progressos posso ainda fazer?

Local, data e assinatura
(pré-noviço/noviço/escolástico)

08. Formulário para a notificação do início do Noviciado [ao cuidado do Mestre de Noviços].

À Secretaria geral

Eu, abaixo assinado,.....

Mestre de Noviços em.....

Declara que

O noviço clérigo / irmão

nascido em em.....

Diocese País.....

pertencente à Entidade SMM.....

1. Fez o devido pedido explícito e livre, para ser admitido ao Noviciado;

2. Foi aceite pelo Superior da sua Entidade com o voto deliberativo do seu Conselho;

3. Começou o Noviciado em.....no dia.....

Além disso, ele declara que

os documentos solicitados são arquivados no seu dossiê pessoal.

Feito em.....no dia.....

Assinatura _____

(Mestre de noviços)

09. Formulário para a declaração de isenção de responsabilidade da SMM

DECLARAÇÃO DE ISENÇÃO DE RESPONSABILIDADE DA COMPANHIA DE MARIA

O abaixo assinado.....

Nascido emno dia.....

Número Fiscal de Contribuinte.....

Consente uma saída antecipada ou um resultado desfavorável do Noviciado com base na sua aptidão para a vida religiosa na Companhia de Maria e

DECLARA

1) isentar a Companhia de Maria de qualquer responsabilidade civil, penal e objetiva por quaisquer acidentes ou ferimentos sofridos (incluindo morte ou incapacidade permanente) durante o período do Noviciado,

2) renunciar a todo e qualquer pedido de indemnização e reembolso agora ou doravante declarado por ele contra a Companhia de Maria e o seu Representante Legal. Portanto, isenta a Congregação de qualquer responsabilidade e de qualquer tipo de processo judicial e/ou arbitral, de indemnização por danos, exceto dentro dos limites da lei,

3) renunciar a todos os pedidos de indemnização financeiras contra a Congregação por trabalho deixado antes de entrar no Instituto, em caso de acidente ou doença, por serviços prestados na Congregação da Companhia de Maria,

4) Que li e compreendi esta declaração de isenção de responsabilidade antes de lhe apor a minha assinatura; que estou consciente de que ao assinar esta exoneração de responsabilidade estou a renunciar a certos direitos legais.

Feito em.....no dia.....

Assinatura _____

10. Linhas orientadoras para a autoavaliação do noviço [após seis meses de Noviciado]

COMPANHIA DE MARIA

Entidade:

Nome e Apelido do candidato

Data de nascimento: Local

Baptizado:.....Local:.....Diocese:.....

Confirmado:.....Local:.....Diocese:.....

AUTOAVALIAÇÃO APÓS SEIS MESES DE NOVICIADO

Introdução. Tomo algum tempo para reler a minha experiência pessoal do Noviciado à luz da Palavra de Deus [cf. Salmo 136 (135); 139 (138) e 1 João 1:1-4]. Tive uma experiência única na minha vida pessoal durante seis meses. Quando deixei o meu país, quando aceitei viver esta experiência sem dúvida, não sabia exatamente o que me esperava.

1. Tive de enfrentar muitos desafios para viver bem esta experiência. Estou a tirar tempo para os nomear e ver como estou a lidar com eles.
2. Tive muitas experiências significativas nestes primeiros meses do Noviciado. Aqui estão as que ficarão comigo para sempre e as razões pelas quais realmente me marcaram.
3. Pensei conhecer-me a mim próprio, mas nestes primeiros meses do Noviciado, através de interações e experiências, descobri mais sobre mim próprio.
4. Aqui estão as principais coisas que aprendi/descobri neste tempo e que gostaria de manter para viver bem a minha vocação.
5. Quais são os passos e hábitos aprendidos que me ajudarão a viver os três votos? Quais são os desafios ou lutas pessoais para cada um destes três votos?
6. Ao observar-me na experiência da vida fraterna em comunidade, eis os pontos em que mais preciso de trabalhar.
7. Em que pontos chamo a atenção dos formadores para me ajudarem a crescer mais?
8. Os textos da Palavra de Deus e Montfort que me acompanham e inspiram.
Local, data e assinatura (noviço)

11. Linhas orientadoras para a autoavaliação para a admissão à primeira profissão [ao cuidado do noviço no final do Noviciado]

COMPANHIA DE MARIA

Entidade:

Nome e Apelido do candidato

Data de nascimento: Local

Baptizado:.....Local:.....Diocese:.....

Confirmado:.....Local:.....Diocese:.....

AUTO-AVALIAÇÃO PARA A ADMISSÃO À PRIMEIRA PROFISSÃO

Introdução. Volto a mim próprio numa atmosfera de oração e de abertura à verdade.

É necessário voltar aos pontos de atenção indicados no final do Pré-noviciado e às expectativas que tinha no início, mas sobretudo à avaliação dos seis meses do Noviciado.

Passo em revista as etapas e eventos do ano, tentando identificar as etapas de integração (consciência da realidade - aceitação de um apelo à mudança - decisão/compromisso) e os desafios que subsistem. Começo a responder às perguntas.

I. PONTOS A PONDERAR

1. Homem de fé e consagrado pelo Batismo e pela vida religiosa.
2. Homem que vive numa comunidade apostólica (e internacional).
3. Homem que segue Cristo obedientemente
4. Homem que segue Cristo casto
5. Homem que segue Cristo pobre
6. Homem enviado para a vinda do Reino.

PARA CADA UM DOS 6 PONTOS, RESPONDER ÀS TRÊS PERGUNTAS:

- a) *Que experiências e processos formativos me marcaram particularmente?*
- b) *Que desafios encontrei e como os superei, especialmente após a avaliação dos seis meses de Noviciado?*
- c) *Que compromisso estou a assumir?*

II. ALÉM DISSO, RESPONDER A CADA UMA DAS SEGUINTE PERGUNTAS:

7. Desde o Pré-Noviciado em que áreas é que notei mais crescimento? Porquê?
8. No caminho da virtude, que novos hábitos assimilei? Em que virtude gostaria de me concentrar mais no futuro? Porquê e em que áreas?
9. No contexto das necessidades e projetos da Congregação, para os quais me sinto mais chamado?
10. Em que pontos chamo a atenção dos formadores e superiores para me ajudarem a crescer mais?

Local, data e assinatura (noviço)

12. Linhas orientadoras para uma avaliação depois de seis meses de Noviciado [ao cargo do Mestre de Noviços].

COMPANHIA DE MARIA

Entidade:

Nome e Apelido do candidato

Data de nascimento: Local

Baptizado:.....Local:.....Diocese:.....

Confirmado:.....Local:.....Diocese:.....

AVALIAÇÃO APÓS SEIS MESES DE NOVICIADO

1. A riqueza, que como equipa do Noviciado, descobrimos no noviço.
2. Sinais nos quais vemos irradiar a sua fé e o seu amor apaixonado por Cristo.
3. Sinais nos quais o vemos a viver a caridade para com o seu próximo.
4. Sinais de abertura e *docibilitas*.
5. Sinais nos quais o vemos a viver a sua vocação com alegria e liberdade.
6. Algumas boas iniciativas que o temos visto tomar.
7. Alguns desafios de que ele deveria estar consciente para crescer como monfortino:
 - a. Dimensão humana
 - b. Dimensão intelectual
 - c. Dimensão espiritual
 - d. Dimensão apostólica
 - f. Dimensão da vida religiosa
8. Há nele algumas atitudes que nos colocam sérias questões?

Local, data e assinatura
(Mestre de Noviços e a sua equipa)

13. Linhas orientadoras para o relatório de admissão à primeira profissão [pelo Mestre de Noviços]

COMPANHIA DE MARIA

Entidade:

Nome e Apelido do candidato

Data de nascimento: Local

Baptizado:.....Local:.....Diocese:.....

Confirmado:.....Local:.....Diocese:.....

RELATÓRIO PARA ADMISSÃO À PRIMEIRA PROFISSÃO

0. INFORMAÇÕES GERAIS

- Resumo da história pessoal e familiar
- Relação com a família
- Antecedentes sociais e condições de vida
- Inclinações naturais
- Saúde física e mental
- Relação com o Mestre de Noviços
- Docilidade, responsabilidade, flexibilidade, capacidade de escuta

1. CRESCIMENTO NA DIMENSÃO HUMANA

- Sinais de crescimento no conhecimento e aceitação de si próprio.
- Assimilação das virtudes da castidade, pobreza e obediência.
- Trabalhar sobre o próprio carácter e personalidade.
- Autodisciplina, ordem e limpeza, gestão do trabalho, lazer e descanso.
- Desenvolvimento de talentos e virtudes pessoais ao serviço da missão.
- Relações interpessoais.

2. CRESCIMENTO NA DIMENSÃO ESPIRITUAL

- Nível de maturidade espiritual e religiosa
- Vida sacramental e oração, pessoal e comunitária.
- Amor e gosto pela Palavra de Deus.
- Capacidade de silêncio e meditação.

- Relação filial com Maria.
- Assimilação e prática da espiritualidade monfortina na vida.
- Sensibilidade para a oração apostólica, pessoal e comunitária.

3. CRESCIMENTO NA DIMENSÃO INTELECTUAL

- Constante interesse e aplicação no estudo.
- Assimilação dos elementos fundamentais da vida religiosa e monfortina.
- Iniciação à vida e aos escritos do Fundador e à história da congregação.

4. CRESCIMENTO NA DIMENSÃO APOSTÓLICA

- Prática das virtudes próprias do homem apostólico tais como disponibilidade, espírito de iniciativa, criatividade, amor pelos pobres, a arte de trabalhar em conjunto.
- Assimilação das 4 notas da missão de monfortina.

5. CRESCIMENTO NA DIMENSÃO DA VIDA RELIGIOSA

- Iniciação à forma de vida de Cristo, pobre, obediente e casto.
- Relações fraternas dentro da comunidade e fora da comunidade.
- Sentimento de pertença à Companhia de Maria.

6. CONCLUSÃO

- Acórdão de idoneidade
- Recomendações para a o caminho futuro

Local, data e assinatura
(Mestre de Noviços e a sua equipa)

14. Formulário para o dossiê dos neo-professos [pelo Mestre de Noviços]

COMPANHIA DE MARIA

Entidade:.....

Apelido.....

Nome:

Data de nascimento:

a) Paróquia:

b) Cidade:.....

c) Província:.....

Nacionalidade:Cidadania:.....

Data de nascimento:Local

Batizado:..... Local:Diocese:.....

Confirmado:Local:Diocese:

Apelido do pai:..... Nome:.....

Apelido da mãe:Nome:.....

Noviciado: do dia.....ao dia.....Lugar:

Profissão Temporária: Dia.....Lugar:

Estudos primários (local e anos):

Estudos secundários (local e anos):

Estudos universitários (local e anos):

Qualificações:

Graus académicos (local e data):

As línguas faladas:

Línguas compreendidas:



15. Linhas orientadoras da autoavaliação para a renovação de votos temporários [pelo Professo]

COMPANHIA DE MARIA

Entidade:

Nome e Apelido do candidato

Data de nascimento: Local

AUTO-AVALIAÇÃO PARA A RENOVAÇÃO DOS VOTOS TEMPORÁRIOS

INTRODUÇÃO

- Análise global do ano.
- Saúde física.

1. CRESCIMENTO NA DIMENSÃO HUMANA

- Conhecimento e aceitação de si próprio.
- Integração da própria sexualidade
- Trabalho no carácter e na personalidade de cada um
- Autodisciplina, ordem e limpeza, gestão do trabalho, lazer e descanso.
- Desenvolvimento de talentos e virtudes ao serviço da missão.
- Relação interpessoal.

2. CRESCIMENTO NA DIMENSÃO ESPIRITUAL

- Vida sacramental e oração, pessoal e comunitária.
- Amor e gosto pela Palavra de Deus.
- Relação filial com Maria.
- Assimilação prática da espiritualidade monfortina.

3. CRESCIMENTO NA DIMENSÃO INTELECTUAL

- Interesse e aplicação no estudo.

- Integração de temas monfortinos.
- Interesse em vários ramos do conhecimento.
- Manter-se a par da vida da Igreja e dos seus acontecimentos, bem como do mundo e da Congregação.

4. CRESCIMENTO NA DIMENSÃO APOSTÓLICA

- Sensibilidade para a oração apostólica.
- Consolidação das virtudes próprias do homem apostólico tais como disponibilidade, espírito de iniciativa, criatividade, amor pelos pobres, a arte de trabalhar em conjunto.

Purificação do apostolado a partir do espírito mundano (por exemplo, desejo de reconhecimento pessoal; exibicionismo, clericalismo).

Assimilação das 4 notas da missão "à la Montfort".

5. CRESCIMENTO NA DIMENSÃO DA VIDA RELIGIOSA

- Integração da identidade consagrada Monfortina na própria vida.
- Relações fraternas dentro da comunidade e fora da comunidade.
- Consolidação do sentido de pertença à Companhia de Maria.

CONCLUSÃO

- Relação com o Superior e a equipa de formação.

Melhorias nos pontos de atenção indicados na última relação.

- Pontos para os quais chamo a atenção dos formadores e dos Superiores para me ajudarem a crescer mais
- Pedido de renovação dos votos

Local, data e assinatura (professo)

16. Linhas orientadoras para o relatório de renovação dos votos temporários [pelo Responsável da formação]

COMPANHIA DE MARIA

Entidade:

Nome e Apelido do candidato

Data de nascimento: Local

RELATÓRIO PARA RENOVAÇÃO DOS VOTOS TEMPORÁRIOS

INTRODUÇÃO

Visão global do ano.

Sinais de aprofundamento do carisma monfortino.

1. SINAIS DE CRESCIMENTO NA DIMENSÃO HUMANA

2. SINAIS DE CRESCIMENTO NA DIMENSÃO ESPIRITUAL

3. SINAIS DE CRESCIMENTO NA DIMENSÃO INTELLECTUAL

4. SINAIS DE CRESCIMENTO NA DIMENSÃO APOSTÓLICA

5. SINAIS DE CRESCIMENTO NA DIMENSÃO DA VIDA RELIGIOSA

Voto de pobreza.

Voto de obediência.

Voto de castidade.

Vida fraterna em comunidade.

CONCLUSÃO

Relação com o Superior e a equipa de formação.

Melhorias nos pontos de atenção indicados na última relação.

Recomendações e pontos de atenção para o futuro.

Decisão final de admissão para a renovação dos votos.

Local,data..... e assinatura

(Responsável da formação e a sua equipa)

17. Formulário para a Auto certificação sobre os conteúdos postados online e redes sociais [antes de entrar no Pré-noviçado e antes da Profissão Perpétua].

Eu, abaixo assinado (Nome e Apelido do candidato)

Data de nascimento: local

CERTIFICO QUE

Estou ativo na Internet e nos seguintes meios de comunicação social (por favor, enumere quais):

- website
- blogue
- facebook
- twitter
- whatsapp grupos
- instagram
- outros

O conteúdo disponíveis online:

- não contradizem a doutrina da Igreja em matéria de fé e moral;
- [antes da Profissão Perpétua] promovem a missão própria da Companhia de Maria;
- estão em conformidade com orientações para a proteção dos menores da Entidade e/ou da Congregação;
- não são ofensivos para pessoas, grupos, ou instituições.

Local, data e assinatura

18. Linhas orientadoras para a autoavaliação dos candidatos à Profissão perpétua

COMPANHIA DE MARIA

Entidade:

Nome e Apelido do candidato

Data de nascimento: Local

Baptizado:.....Local:.....Diocese:.....

Confirmado:.....Local:.....Diocese:.....

AUTO-AVALIAÇÃO DO CANDIDATO À PROFISSÃO PERPÉTUA

0. VISÃO GERAL

- O início da busca vocacional e o encontro com os Missionários Monfortinos.
- Os pontos fortes e os desafios experimentados nas diferentes fases de formação.
- Responsabilidade pessoal pela própria formação.
- Saúde física.

1. CRESCIMENTO NA DIMENSÃO HUMANA

- O conhecimento e a aceitação de si próprio.
- A capacidade de valorizar as suas próprias qualidades, combinada com a aceitação serena dos seus limites.
- Capacidade de controlar as suas próprias inconsistências.
- Grau de maturidade afetiva.
- Capacidade para enfrentar novas situações, para se deixar questionar, para saber como viver positivamente com os fracassos.
- Trabalhar o carácter e a personalidade de cada um.
- Autodisciplina, ordem e limpeza, gestão do trabalho, lazer e descanso.

- Desenvolvimento de talentos e virtudes pessoais ao serviço da missão.
- Relação com os outros.

2. CRESCIMENTO NA DIMENSÃO ESPIRITUAL

- Progresso na vida de fé, esperança e caridade.
- Experiência de Deus Só e de ser discípulo de Sabedoria.
- Relação filial com a Virgem Maria.
- Vida sacramental e oração, pessoal e comunitária.
- O amor e o gosto pela Palavra de Deus.
- assimilação prática da espiritualidade monfortina.
- Sensibilidade para a oração apostólica.

3. CRESCIMENTO NA DIMENSÃO INTELECTUAL

- Atitude em face dos estudos.
- Integração dos estudos no caminho humano, espiritual e missionário.
- Contribuição dos estudos para o aprofundamento dos diferentes aspectos da espiritualidade monfortina.
- Conhecimento e aprofundamento da espiritualidade de São Luís Maria de Montfort.

4. CRESCIMENTO NA DIMENSÃO APOSTÓLICA

- Sensibilização para a primazia da evangelização.
- Integração das características que constituem o missionário monfortino, em particular: a liberdade, para não se apegar a um lugar ou a um hábito, a proximidade, a preferência pelos pobres, atenção às necessidades da Igreja, fugir à busca de comodidades (cf. OA 9 e 11), capacidade de trabalhar com os outros, espiritualidade mariana.

- Identificação com o carisma nos seus componentes característicos.
- Capacidade de viver com equilíbrio a sabedoria do homem apostólico, conciliando as diferentes necessidades e compromissos.
- Crescimento no amor pela Igreja, no "sentir com a Igreja".
- Cordial obediência à autoridade do Papa e dos Pastores da Igreja.
- Identificação do próprio dom apostólico dentro da missão monfortina.
- Conhecimento e apreciação da missão da Companhia de Maria.

5. CRESCIMENTO NA DIMENSÃO DA VIDA RELIGIOSA

- Identificação com o carisma nos seus componentes característicos.
- Conformação a Cristo, pobre, obediente e casto, consagrado para o Reino.
- Atitude para viver a vida fraterna em comunidade apostólica.
- Integração das 4 notas do carisma de monfortino.
- Sentimento de pertencer à Companhia de Maria.

6. CONCLUSÃO

- No contexto das necessidades e projetos da Congregação a que me sinto mais chamado?
- Pedido de admissão à Profissão perpétua

Local, data e assinatura _____

(candidato à Profissão perpétua)

19. Linhas orientadoras para o relatório de admissão à profissão perpétua [pelo Responsável da formação]

COMPANHIA DE MARIA

Entidade:

Nome e Apelido do candidato à Profissão perpétua

Data de nascimento: Local

RELAÇÃO PARA A ADMISSÃO À PROFISSÃO

1. CRESCIMENTO NA DIMENSÃO HUMANA

- Conhecimento e aceitação de si próprio amadurecido durante os anos de formação.
- Valorizar as suas próprias qualidades e talentos ao serviço da missão.
- Liberdade interior e capacidade de controlar aspetos menos maduros.
- Maturidade e liberdade afetiva.
- Maturidade e liberdade emocional.
- Capacidade de enfrentar novas situações, de saber aceitar e deixar-se questionar pelas críticas, de saber viver positivamente face aos fracassos.
- Disposição para continuar a formação.
- Sinais da escolha progressiva da verdadeira Sabedoria e da renúncia à sabedoria do mundo (cf. ASE 78-83).
 - Liberdade de procurar continuamente a estima e o elogio dos homens (cf. ASE 75, 78, 82).
 - Liberdade do respeito humano e complacência que leva à conformidade para obter a aprovação dos outros, ou para evitar a sua rejeição (cf. Ct 33,100).
 - Liberdade da busca constante de agradar a si mesmo e ao mundo para agradar a Deus (cf. Ct 33,107).
 - Liberdade, no agir, da procura do próprio interesse (cf. Ct 38, 119.122).

2. CRESCIMENTO NA DIMENSÃO ESPIRITUAL

- Progresso na vida de fé. Passos significativos.
- Atitude de preferir e gostar de ser e estar nas coisas do Pai (cf. ASE 98).
- Relação filial com a Virgem Maria na prática da consagração monfortina.
- Devoção mariana evangélica, não extravagante ou contrária ao Evangelho e ao espírito de Montfort.

3. CRESCIMENTO NA DIMENSÃO INTELECTUAL

- Atitude madura ao enfrentar os estudos: interesse, seriedade, constância, humildade, profundidade, não busca de prestígio.
- Integração dos estudos no percurso humano e espiritual e capacidade de avaliar e discernir à luz da sabedoria do Evangelho (cf. ASE 92).
- Conhecimento sábio das realidades espirituais (cf. ASE 93).
- Integração dos estudos no processo de preparação para a missão apostólica.
- Conhecimento e aprofundamento da espiritualidade do Fundador.

4. CRESCIMENTO NA DIMENSÃO APOSTÓLICA

- Consciência da primazia da evangelização, vivida e solicitada por São Luís Maria de Montfort aos seus missionários.
- Integração das características que constituem o missionário monfortino, em particular: a liberdade de não se apegar a um lugar ou a um hábito; a proximidade ao povo simples e pobre, a fuga a atitudes burguesas e a procura de companheirismo com as classes sociais superiores.
- Sinais claros e progressivos de zelo apostólico e paixão pela glória de Deus e pela salvação da humanidade (cf. ASE 100, 102) contra tibieza, preguiça, pouco interesse e falta de iniciativa, mudez no serviço de Deus e do seu povo, medos.
- Atenção às necessidades da Igreja, evitando a procura de conforto (cf. OA 9 e 11).
- Capacidade de trabalhar com outros e de se relacionar com pessoas em missão;
- Sensibilidade para dar a conhecer o lugar de Maria na história da salvação, sem deformar o seu papel.
- Capacidade de viver com equilíbrio a sabedoria do homem apostólico, conciliando as diferentes exigências da vida fraterna em comunidade.
- Crescimento no amor pela Igreja, no "sentir com a Igreja", na obediência cordial à autoridade do Papa e dos Pastores da Igreja.
- Capacidade de realizar a missão da Companhia de Maria nas suas várias formas (por exemplo, pregação, evangelização, difusão da espiritualidade), especialmente para comunicar a verdade de forma adequada, com uma palavra que vem da plenitude do coração e da experiência vivida (cf. ASE 95-97).

- Identificação do dom apostólico dentro das formas da missão monfortina.
- Conhecimento e apreciação da missão da Companhia de Maria.
- Atitude para viver plenamente a vida e a missão da Companhia de Maria.

5. CRESCIMENTO NA DIMENSÃO DA VIDA RELIGIOSA

- Identificação com o carisma nos seus componentes característicos. Sinais de pobreza, obediência e castidade apostólica, colocando toda a sua energia ao serviço do Reino de Jesus através de Maria.
- Amadurecimento dos traços dos "liberos", verdadeiros filhos de Maria.
- Seguimento de Cristo Sabedoria no caminho da castidade evangélica (cf. ASE 54). Sinais de uma resposta transparente e estável ao amor de Jesus Sabedoria com um coração indiviso, capaz de um amor universal e incondicional, apesar das fraquezas comuns a cada viagem humana.
- Seguimento da Sabedoria de Cristo no caminho da pobreza evangélica (cf. OA 7), nas pegadas dos pobres apóstolos. Sinais de uma harmonização da escolha de uma vida de pobreza, primeiro que tudo perante Deus, "um Pai que nunca falta" (C 2), e a proximidade com os pobres.
- Seguimento da Sabedoria de Cristo no caminho da obediência evangélica (cf. OA 10). Sinais de obediência e docilidade ao Fundador, em referência amorosa à Regra de vida, em deixar-se levar "pela mão" do Senhor, através do Superior e dos confrades da comunidade.
- Vida fraterna em comunidade. Sinais de um acolhimento cordial a todos, de aceitação das diferenças uns dos outros, de partilha de bens espirituais e materiais.
- Sinais de amadurecimento no sentido de pertencer à Companhia de Maria.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

- Participação no processo de formação.
- Relação com o Superior e a equipa de formação.
- Síntese dos pontos fortes nas várias dimensões da pessoa.
- Resumo dos pontos a serem melhorados nas várias dimensões da pessoa.
- Sugestões para a formação contínua.
- Recomendação para a Profissão perpétua.

Local, data e assinatura
(Responsável da Formação e sua equipa)

20. Formulário de apresentação à Profissão perpétua [pelo Superior da Entidade]

COMPANHIA DE MARIA

Entidade:

Assunto: Apresentação para Admissão à Profissão Perpétua

Na sequência da reunião do Conselho Provincial/delegação realizada em.....no dia:.....
Depois de estudar o relatório apresentado pelo Responsável da Formação e o pedido do candidato e depois de dialogar o caso com os Conselheiros Provinciais/delegados

Apresento, com o consentimento do meu Conselho, o candidato
Nome.....Apelido.....
para admissão à Profissão perpétua.

Anexo os documentos relativos a cada candidato:

- autoavaliação e pedido pessoal para ser admitido à Profissão perpétua,
- opinião do Responsável pela Formação,
- cópia da ata do Conselho para a Admissão, com o voto deliberativo,
- todos os outros documentos adicionados ao dossiê pessoal desde a Primeira Profissão.

A data proposta para a Profissão perpétua é a.....em.....

(CARIMBO)

Local, data e assinatura _____
(Superior da Entidade)

21. Formulário de notificação para o registo de Batismos

COMPANHIA DE MARIA

Entidade:

Endereço:.....

Nome e apelido do religioso professo/diácono/sacerdote

filho de (nome do pai)

e de (nome e apelido da mãe)

nascido em:.....

batizado no dia.....

fez a sua Profissão perpétua na Congregação dos Missionários

Monfortinos em.....no dia.....

foi ordenado Diácono Sacerdote na Congregação dos

Missionários de Monfortinos em.....no dia.....

pelo bispo.....

[CARIMBO]

ASSINATURA

Cortar

por

aqui

[espaço reservado ao pároco, a ser preenchido e devolvido ao remetente].

O abaixo assinado pároco de.....

certifica que inscreveu esta informação no Registo de Batismos.

[CARIMBO]

Local,..... datae assinatura

[espaço reservado ao Secretário geral do Instituto]

Registo de entrada, na data e Assinatura

22. Formulário de notificação da Profissão perpétua

Ao Secretário geral

Assunto: Notificação de Profissão Perpétua

Eu abaixo assinado,

(Superior do Escolasticado / Superior da Entidade / Secretário da Entidade)

notifica que o confrade (Nome e Apelido)

nas mãos do Reverendo Padre (Superior que recebeu a Profissão)

fez Profissão perpétua

no dia.....em.....

(dia / mês / ano) (local)

Feito em..... No dia.....

Assinatura _____

(Superior do Escolasticado / Superior da Entidade / Secretário da Entidade)

23. Formulário para a notificação da atribuição do Leitorado /Acolitado

Ao Secretário geral

Assunto: Notificação da Atribuição do Ministério do Leitor/Acolitado

Eu, abaixo assinado,

(Superior do Escolasticado / Superior da Entidade / Secretário da Entidade)

notifica que o confrade (Nome e Apelido)

recebeu de (nome e sobrenome daquele que conferiu o ministério)

o ministério do Leitor / Acólito

em

(dia / mês / ano) (local)

Feito em.....

Assinatura _____

(Superior do Escolasticado / Superior da Entidade / Secretário da Entidade)

24. Formulário para as cartas dimissórias

COMPANHIA DE MARIA

Assunto: CARTAS DIMISSÓRIAS para Ordenação ao Diaconado / Sacerdócio

A Sua Excelência Reverendíssima Dom.....

Bispo da Diocese de

De smm

(Nome e Apelido do Superior)

Na qualidade de Superior Provincial/Superior Geral dos Missionários Monfortinos da Província/Delegação de e em virtude dos poderes concedidos por lei (cf. CIC, cân. 1019, 1021), envio-lhe as Cartas Dimissórias de Ordenação ao Diaconado/Presbiterado de, religiosos professos perpétuos da Companhia de Maria.

(Diaconado) Até onde podemos avaliar, este religioso tem as aptidões e qualidades necessárias para o diaconado. Não há qualquer impedimento canónico para receber esta Ordem sagrada.

Por esta razão, com o consentimento do meu Conselho, concedo a a autorização necessária e peço-lhe que lhe confira o diaconado.

(Sacerdócio) Este candidato, religioso em votos perpétuos, completou os estudos prescritos, obteve todos os documentos requeridos no CIC, cân. 1050 e cumpriu todos os outros requisitos para a Ordenação ao Sacerdócio. Recebeu o diaconado em (data): Por conseguinte, com o consentimento do meu Conselho, autorizo-o a contactá-lo para ser ordenado sacerdote.

Dado em em (data)

[carimbo]

Assinatura do Superior

25. Formulário de notificação de ordenação ao Diaconado/Sacerdócio

Ao Secretário geral

Assunto: Notificação de Ordenação ao Diaconado/Presbítero- Sacerdote

Eu, abaixo assinado,

(Superior do Escolasticado / Superior da Entidade / Secretário da Entidade)

Notifica-o de que o confrade (Nome e Apelido)

foi ordenado diácono/presbítero

pelas mãos de Sua Excelência Reverendíssima, Dom....

Bispo da Diocese de

na data..... na igreja de.....

(dia / mês / ano) (local)

Dado em.....no dia.....

Assinatura.....

(Superior do Escolasticado / Superior da Entidade / Secretário da Entidade)

26. Formulário de testamento¹⁵ a ser transcrito à mão¹⁶

Eu, **Louis GRIGNION** nascido em **Montfort la Canne** a **31 de janeiro de 1673**, número de contribuinte **1673MTF5JUNHO1700**, membro da Companhia de Maria da **Delegação Geral de Portugal**, faço, com este documento, o meu testamento como se segue.

SE NÃO É A PRIMEIRA VEZ, o seguinte deve ser acrescentado ao texto:
 Revogo todos os atos, aditamentos e testamentos anteriores à última vontade que aqui expresse e quaisquer outras disposições testamentárias que possa ter feito até esta data e declaro que só este documento contém os meus últimos desejos.

Reconheço formalmente e declaro expressamente que, em virtude do meu voto de pobreza, todos os meus bens, direitos, pensões, rendas, contas bancárias pessoais, apólices de seguros pessoais, que eu possa ter adquirido em virtude do meu trabalho, por ocasião do meu trabalho, ou pelo meu trabalho, bem como todos os bens pessoais e bens imóveis e móveis para o meu uso no momento da minha morte, pertencem e reverterem por direito à Companhia de Maria **Delegação Geral de Portugal** da qual sou membro desde **15 de Agosto de 1693**, como meu herdeiro universal de todo o meu património e em partes iguais.

Deixo **a la casa di Vouvant** a **Nicolas di POITIERS, Philippe di NANTES, Louis di La ROCHELLE**.

Deixo **o dinheiro da venda de artigos religiosos** a **Nicolas di Poitiers** para pagar a sua pensão.

Designo e nomeio **René MULOT** executor do meu último testamento aqui expresse e **o meu sucessor como diretor de missões**.

Qualquer propriedade que algum dos destinatários acima referidos esteja ou considere estar na impossibilidade de aceitar, reverterá para a Companhia de Maria Delegação de Portugal como meu herdeiro universal.

Dado em **Saint Laurent-sur-Sèvre**, a **27 de abril de 1716**.

In fede, **Louis Grignon**

¹⁵ **A diferença entre herdeiro e legatário.** As disposições estão basicamente divididas em dois tipos. Nos termos do artigo 588 do Código Civil italiano, se forem de natureza particular são chamados "legados" e conferem o estatuto de legatário, se forem de natureza universal conferem o estatuto de herdeiro. O legado, ao contrário da instituição "herdeira", não requer a aceitação por parte dos beneficiários, contudo a aceitação do legado também é transcrita e torna a aceitação irrevogável.

¹⁶ Em vermelho as partes a serem personalizadas e adaptadas.

29. Formulário para a recepção do indulto e dispensa dos votos temporários

Eu, abaixo assinado, aceito livremente o indulto de deixar a Congregação dos Missionários Monfortinos, que inclui a dispensa dos votos temporários e outras obrigações resultantes destes votos que assumi na Congregação dos Missionários Monfortinos.

Deixo livremente a Congregação dos Missionários Monfortinos.

Declaro que não tenho nada a exigir por todos os serviços que pude prestar à dita Congregação (cf. CIC, cânn. 668 e 702).

Dado em.....no dia.....

Assinatura _____
(requerente)

Redigido na presença de:

.....
(testemunho e Superior da Entidade)

SUMÁRIO

DECRETO

PREFÁCIO.....	5
SIGLAS E ABREVIATURAS.....	7
INTRODUÇÃO.....	13
1. Gênese da Formação da Ratio Formationis monfortina	13
1.1. Panorâmica histórica da Ratio Formationis monfortina.....	14
1.2. A necessidade de uma nova Ratio Formationis monfortina	16
1.3. Primeiro volume (Ratio I - 2005).....	18
1.4. Segundo volume (Ratio II - 2022)	19
2. Conteúdos e características fundamentais	21
2.1. Uma visão geral	21
2.2. O sopro monfortino	23
2.3. O horizonte: o discípulo missionário	24
2.4. Algumas atenções particulares.....	25
3. Normas gerais.....	27
3.1. Autenticidade do documento	27
3.2. Ratio geral e Ratio local	28
3.3. Aplicação do documento	28
Capítulo I - CONTINUIDADE COM A INSPIRAÇÃO MONFORTINA.....	29
1. CRITÉRIOS ORIENTADORES DA FORMAÇÃO MONFORTINA.....	29
1.1 Formação do homem apostólico	29
1.2. A formação como resposta à atração da Graça.....	30
1.3. Formação "na escola de Maria".....	30
1.4. Formação no dinamismo pascal	30
1.5. Formação específica monfortina	31
1.6. Formação encarnada e "aberta"	31
1.7. Formação permanente	31

1.8.	Formação para a <i>docibilitas</i>	32
1.9.	Formação gradual.....	32
1.10.	Formação personalizada.....	33
1.11.	Formação integral.....	33
1.12.	Formação fundada na experiência.....	33
1.13.	Formação na relação.....	34
2.	DIMENSÕES DA FORMAÇÃO MONFORTINA.....	34
2.1.	Dimensão humana. "Terão um olhar humano" (OA 21).....	34
2.2.	Dimensão espiritual. "Terão um olho de águia para vós" (OA 21)...	35
2.3.	Dimensão intelectual. "a esses dareis a vossa sabedoria" (OA 22) ..	35
2.4.	Dimensão apostólica. "Terão um olhar de leão para com os vossos inimigos e um olhar de boi para si próprio" (AO 21).....	36
2.5.	Dimensão da vida religiosa: "Eles serão uma assembleia de eleitos que deveis reunir no mundo e do mundo" (OA 18).	37
3.	MEIOS DE FORMAÇÃO.....	38
3.1.	Meios gerais para alimentar a relação com Jesus Cristo.....	38
3.2.	Meios gerais para cultivar a interioridade e o discernimento.....	41
3.3.	Meios gerais para crescer na fraternidade.....	42
3.4.	Meios específicos de formação.....	45
3.5.	Meios da tradição monfortina.....	47
	Capítulo II - AS ETAPAS DE FORMAÇÃO AO LONGO DA VIDA.....	51
1.	ANIMAÇÃO VOCACIONAL.....	52
1.1.	Natureza.....	52
1.2.	Objetivos.....	52
1.3.	Duração.....	53
1.4.	Caminho de crescimento.....	53
1.5.	Avaliação.....	54
1.6.	Outras indicações formativas.....	57

2. PRÉ-NOVICIADO	59
2.1. Natureza	59
2.2. Objetivos	59
2.3. Duração	60
2.4. Caminho de crescimento	60
2.5. Avaliação	62
2.6. Outras indicações formativas	62
3. NOVICIADO	65
3.1. Natureza	65
3.2. Objetivos	65
3.3. Duração	66
3.4. Caminho de crescimento	66
3.5. Avaliação	68
3.6. Outras indicações formativas	69
4. PERÍODO DE PROFISSÃO TEMPORÁRIA	71
4.1. Natureza	71
4.2. Objetivos	71
4.3. Duração	72
4.4. Caminho de crescimento	72
4.5. Avaliação	78
4.6. Outras indicações formativas	80
5. FORMAÇÃO PERMANENTE	84
5.1. Natureza	84
5.2. Objetivo geral	84
5.3. Caminho de crescimento	85
5.4. Tempos de formação permanente	87
5A. PRIMEIROS ANOS APÓS A PROFISSÃO PERPÉTUA	88
1. Descrição	88

2.	Objetivos específicos.....	88
3.	Conteúdos específicos.....	89
5B.	MEIA IDADE	90
1.	Descrição	90
2.	Objetivos específicos.....	90
3.	Conteúdos específicos.....	91
5C.	IDADE AVANÇADA	93
1.	Descrição	93
2.	Objetivos específicos.....	93
3.	Conteúdos específicos.....	94
5D.	A EXPERIÊNCIA DA DOENÇA.....	95
1.	Descrição	95
2.	Objetivos específicos.....	95
3.	Conteúdos específicos.....	95
Capítulo III - FORMAÇÃO DOS SUPERIORES E DOS FORMADORES		99
1.	LIDERANÇA AO SERVIÇO DA MISSÃO.	99
1.1.	Descrição.....	99
1.2.	Objetivos.....	100
1.3.	Caminho de crescimento	100
1.4.	Outras indicações formativas	102
2.	FORMADORES MOTIVADOS E PREPARADOS.	104
2.1.	Descrição.....	104
2.2.	Objetivos.....	104
2.3.	Caminho de crescimento	105
2.4.	Perfil dos formadores de acordo com as etapas	108
2.5.	Outras indicações formativas	113
Capítulo IV - QUESTÕES PARTICULARES.....		115
1.	ADMISSÃO E DEMISSÃO	115

1.1.	Saúde física e psíquica	115
1.2.	Candidato de idade adulta.....	118
1.3.	Candidato proveniente de outros seminários ou institutos de formação.....	119
1.4.	Pessoas com tendências homossexuais	120
1.5.	Avaliação da idoneidade.....	121
1.6.	Demissões	121
2.	FORMAÇÃO PARA A PROTEÇÃO DAS PESSOAS VULNERÁVEIS.....	122
2.1.	Indicações para o discernimento vocacional e seleção de candidatos 123	
2.2.	Indicações para as etapas da formação inicial	124
Capítulo V - ORDENAMENTO DOS ESTUDOS (<i>Ratio Studiorum</i>)		127
1.	DISCIPLINAS ACADÉMICAS E A SUA INTEGRAÇÃO	127
2.	DISCIPLINAS "MINISTERIAIS"	130
3.	ESTUDOS DE ESPECIALIZAÇÃO E ATUALIZAÇÃO.....	134
Capítulo VI - PROCEDIMENTOS ADMINISTRATIVOS		135
1.	ANIMAÇÃO VOCACIONAL.....	135
2.	ADMISSÃO AO PRÉ-NOVICIADO	135
3.	ADMISSÃO AO NOVICIADO	136
4.	PREPARAÇÃO PARA A ENTRADA NO NOVICIADO	138
5.	DURANTE O NOVICIADO.....	138
6.	ADMISSÃO À PROFISSÃO TEMPORÁRIA OU DEMISSÃO	139
7.	PROFISSÃO RELIGIOSA TEMPORÁRIA.....	140
8.	PERÍODO DE VOTOS TEMPORÁRIOS.....	141
8.1.	RENOVAÇÃO DOS VOTOS, SAÍDA E DEMISSÃO	142
8.2.	MINISTÉRIOS DO LEITORADO E DO ACOLITADO	143
8.3.	EXPERIÊNCIAS APOSTÓLICAS E CURSO DE FORMAÇÃO	144
9.	PROFISSÃO PERPÉTUA.....	144

10.	DISPENSA DOS VOTOS PERPÉTUOS (cf. DA22_58).....	146
11.	ORDENAÇÃO DIACONAL E PRESBITERAL.....	147
12.	FORMAÇÃO PERMANENTE	148
CONCLUSÃO.....		149
APÊNDICE.....		151
I.	EXTRATO DO DIRETÓRIO ADMINISTRATIVO 2022	151
18.	Animação Vocacional e Pré-noviciado	151
19.	Noviciado.....	153
20.	Profissão temporária.....	154
21.	Período de votos temporários	155
22.	Profissão perpétua	156
23.	Ministérios instituídos e Ordenação diaconal e presbiteral	159
II.	MÓDULOS / FORMULÁRIOS	161
01.	Formulário para a lista de documentos do dossiê pessoal	161
02.	Linhas orientadoras para o relatório de admissão ao Pré-noviciado [ao cuidado do Responsável da Animação Vocacional]	164
03.	Linhas orientadoras para a autobiografia espiritual [Para ser utilizado no Pré-noviciado e Noviciado].....	166
04.	Linhas orientadoras para a autoavaliação e pedido de admissão ao noviciado [pelo candidato ao Noviciado]	167
05.	Linhas orientadoras para o relatório de admissão ao noviciado [Ao cuidado do responsável pelo Pré-Noviciado]	169
06.	Linhas orientadoras para a avaliação de uma experiência apostólica ou estágio [Ao cuidado do supervisor]	171
07.	Linhas orientadoras para a autoavaliação da experiência apostólica [ao cuidado do pré-noviço/noviço/escolástico]	173
08.	Formulário para a notificação do início do Noviciado [ao cuidado do Mestre de Noviços].....	175
09.	Formulário para a declaração de isenção de responsabilidade da SMM	176

10. Linhas orientadoras para a autoavaliação do noviço [após seis meses de Noviciado].....	177
11. Linhas orientadoras para a autoavaliação para a admissão à primeira profissão [ao cuidado do noviço no final do Noviciado]	178
13. Linhas orientadoras para o relatório de admissão à primeira profissão [pelo Mestre de Noviços]	181
14. Formulário para o dossiê dos neo-professos [pelo Mestre de Noviços]	183
15. Linhas orientadoras da autoavaliação para a renovação de votos temporários [pelo Professo].....	184
16. Linhas orientadoras para o relatório de renovação dos votos temporários [pelo Responsável da formação]	186
17. Formulário para a Auto certificação sobre os conteúdos postados online e redes sociais [antes de entrar no Pré-noviciado e antes da Profissão Perpétua].	187
18. Linhas orientadoras para a autoavaliação dos candidatos à Profissão perpétua	188
19. Linhas orientadoras para o relatório de admissão à profissão perpétua [pelo Responsável da formação]	191
20. Formulário de apresentação à Profissão perpétua [pelo Superior da Entidade]	194
21. Formulário de notificação para o registo de Batismos.....	195
22. Formulário de notificação da Profissão perpétua	196
23. Formulário para a notificação da atribuição do Leitorado /Acolitado ...	197
24. Formulário para as cartas dimissórias	198
25. Formulário de notificação de ordenação ao Diaconado/Sacerdócio	199
26. Formulário de testamento a ser transcrito à mão	200
29. Formulário para a recepção do indulto e dispensa dos votos temporários	201
SUMÁRIO	203